



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL

**Lucimara Diniz Teles**

**CONSERVADORISMO RELIGIOSO E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONDIÇÃO DE  
SUBMISSÃO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

**Brasília – DF  
2020.**

**Lucimara Diniz Teles**

**CONSERVADORISMO RELIGIOSO E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONDIÇÃO DE  
SUBMISSÃO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Política Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília – UNB.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Denise Bomtempo Birche de Carvalho.

**Brasília, 2020.**

**CONSERVADORISMO RELIGIOSO E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONDIÇÃO DE  
SUBMISSÃO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

**Banca Examinadora**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Denise Bomtempo Birche de Carvalho  
(Orientadora – Docente PPGPS/UnB)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lúcia de Oliveira Monteiro  
(Membra Externa – ONU/Mulheres)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Kênia Augusta Figueiredo  
(Membra Interna – Docente PPGPS/UnB)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Carolina Cassia Batista Santos  
(Membra Externa – UFAM – Suplente)**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TT269c      TELES, LUCIMARA DINIZ  
              CONSERVADORISMO RELIGIOSO E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONDIÇÃO  
DE SUBMISSÃO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA / LUCIMARA  
DINIZ TELES; orientador DENISE BONTEMPO BIRCHE DE CARVALHO.  
-- Brasília, 2020.  
              97 p.

              Dissertação (Mestrado - Mestrado em Política Social) --  
Universidade de Brasília, 2020.

              1. Mulheres Cristãs. 2. Mulheres Evangélicas. 3.  
Violência de Gênero. 4. Violência Simbólica. 5. Feminismo e  
Religião. I. DE CARVALHO, DENISE BONTEMPO BIRCHE, orient.  
II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta etapa acadêmica, não poderia deixar de agradecer àqueles que suavizaram os pesares da jornada, inspirando-me perseverança e coragem indispensáveis ao êxito.

— Ao meu companheiro de vida, Sol, por me ensinar que desistir dos sonhos não é uma opção aceitável, por me incentivar e acreditar que eu poderia ir além dos meus limites, e fui; pela ativa e valorosa contribuição nas leituras e críticas em todas as fases desta dissertação – arguições essas muitas vezes duras, mas necessárias. Todo meu amor e gratidão pela paciência e abdicção dos momentos de repouso para estar ao meu lado nas madrugadas de pesquisa e produção;

— Aos meus pais Antonio e Rejane, aos irmãos Priscila, Liliane e Deibe, pelo amor e apoio incondicionais, mesmo à distância fazendo-se presentes a todo instante;

— Aos meus filhos Pedro e Lucas, pela compreensão em tempos de necessária ausência;

— Às minhas *Queridas* Joyce, Thaís, Sarah, Fernanda, Livia, Ana Luiza e Fernanda Stheffane, por seu carinho e incentivo fraternais;

— À minha orientadora Denise Bontempo, pela condução assertiva e ética na construção deste trabalho;

— Às Professoras Kênia e Ana Lúcia, pelas valorosas contribuições na banca de qualificação e defesa;

— À Universidade de Brasília e ao Programa de Pós-Graduação em Política Social, por terem proporcionado os meios indispensáveis à realização deste estudo.

***Diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo é um enorme prazer para mim compartilhar esse momento com todos vocês.***

***Carl Sagan***

## RESUMO

Este trabalho tem como propósito analisar a influência da religião Cristã Evangélica, especialmente das chamadas Igrejas Evangélicas Pentecostais e Neopentecostais, na condição de subalternidade da mulher ao homem. Logo de início é apresentada breve contextualização histórica da religião judaico-cristã e de sua ingerência no trato dos assuntos relacionados à mulher. Analisamos, a partir daí, a sociedade evangélica brasileira, seus dogmas e costumes, examinando fatores possivelmente associados à reprodução da histórica subalternidade do feminino ao masculino. Nesse contexto, tecemos observações à onda conservadora atualmente em curso, a qual ostenta como um de seus principais atores a bancada evangélica no Congresso Nacional. Em sua maioria formada por homens, essa frente organizada tem pautado assuntos caros à população feminina, como violência de gênero e aborto. Por sua vez, os movimentos feministas e suas correlações com a religião também recebem o devido enfoque, à luz das tensões até aqui descritas. Por derradeiro, realizamos análise de alguns discursos de lideranças evangélicas postados em redes sociais, utilizando-se das Plataformas *Youtube* e *Instagram*, para identificar como se externa a opinião de tais atores sobre a temática em tela.

Palavras Chave: Mulheres cristãs; Mulheres evangélicas; Violência de gênero; Violência simbólica; Feminismo e religião.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the influence of the Evangelical Christian religion, especially the so-called Pentecostal and Neopentecostal Evangelical Churches, in the condition of the subordination of women to men. At the outset, a brief historical contextualization of the Judeo-Christian religion and its interference in the treatment of issues related to women is presented. From there, we analyzed a Brazilian evangelical society, its dogmas and customs, examining factors associated with the reproduction of the historical subordination of the feminine to the masculine. In this context, we decided to resolve the conservative currently underway, which boasts as one of its main actors the evangelical bench in the National Congress. Mostly formed by men, this organized front has guided issues dear to the female population, such as gender violence and abortion. In turn, the feminist movements and their correlations with religion also have the proper focus, in light of the tensions so far. Finally, it conducts the analysis of some speeches of evangelical leaders posted on social networks, using the YouTube and Instagram platforms, to identify how the opinion of such actors on the topic on screen is externalized.

Keywords: Christian women; Evangelical women; Gender violence; Symbolic violence; Feminism and religion.

## LISTA DE SIGLAS

A.C. – Antes de Cristo

AT – Antigo Testamento

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CEP/CONEP – Comitê de Ética em Pesquisa – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CHD – Círculo Hermenêutico-Dialético

CR – Corintíos

D.C. – Depois de Cristo

DT – Diante do Trono

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

NT – Novo Testamento

ONU – Organização das Nações Unidas

PCdoB – Partido Comunista Brasileiro

TICS – Tecnologias da Informação e Comunicação

TIM – Timóteo

UnB – Universidade de Brasília

UFSCar – Universidade Federal de São Carlo



# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>Capítulo 1 – O SURGIMENTO DO CRISTIANISMO E A HISTÓRIA DA MULHER NA BÍBLIA</b> .....	18
1.1. E como a Bíblia trata as relações de gênero em seus textos?.....	20
1.2. Protestantismo.....	27
1.3. Movimento Pentecostal e Neopentecostal.....	34
1.4. Fé enquanto “servidão voluntária”: Moralidade cristã e a opressão feminina .....	46
1.5. Feminismo e Cristianismo: Uma antítese necessária .....	48
<b>Capítulo 2 – ESTADO, RELIGIÃO E FAMÍLIA: Estado Laico X Estado Conservador</b> .....	53
2.1. Conservadorismo religioso e sua relação com a violência de gênero.....	58
<b>Capítulo 3 – A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS <i>YOUTUBE</i> E <i>INSTAGRAM</i> NA PROPAGAÇÃO DOS DOGMAS RELIGIOSOS: Mulher e submissão religiosa</b> .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92
<b>ANEXOS</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

Há pouco mais de 500 anos os portugueses desembarcaram em terras brasileiras, com eles aportando missionários da religião Cristã Católica, até então desconhecida pelos índios do novo continente. A estes, que professavam crenças animistas<sup>1</sup> (adoração aos elementos da natureza), foi paulatinamente imposta a doutrina religiosa recém-chegada, no intuito precípua de moldar e conformar os povos indígenas à nova ordem vigente, domesticando-os e dominando-os de forma duradoura e eficiente.

Todos os dias da semana, acabada a oração, se dirá logo uma missa que a possam ouvir os índios antes de irem às suas lavouras [...] a qual acabada se ensinarão aos índios em voz alta as orações ordinárias: a saber Padre Nosso, Ave-Maria, Credo, Mandamentos da Lei de Deus, e da Santa Madre Igreja; e os Sacramentos, acto de contrição, e confissão, geralmente os diálogos do catecismo breve, em que se contém os mistérios da fé. Acabada esta doutrina irão todos os nossos para a Escola [...] aonde aos mais hábeis, se ensinarão a ler e escrever, e havendo muitos se ensinarão também a cantar, e tanger instrumentos para beneficiar os ofícios divinos; e quando menos se ensinará a todos a doutrina cristã [...]. (Padre Antônio Vieira, Regulamento de aldeias e de missões, séc. XVII, apud Beozzo, 1983, p. 196)

No decorrer dos primeiros séculos, com a chegada de novos invasores oriundos de diversas partes do mundo, o Catolicismo fortaleceu-se e perpetuou-se pelas terras tupiniquins, exercendo grande influência social, econômica e política na formação do Estado brasileiro. Esse destacado papel é perceptível até nos dias atuais. No entanto, a Igreja Católica do século XXI encontra ameaças à sua hegemonia, disputando palmo a palmo seu espaço com outro segmento Cristão.

A partir de meados do século XIX os chamados Cristãos Evangélicos ingressam no país, primeiramente com os Reformadores Luteranos, Protestantes e Presbiterianos. Cerca de um século depois são fundadas as primeiras Igrejas de cunho Evangélico Pentecostal, com pregadores originários dos Estados Unidos e de

---

<sup>1</sup> “o animismo é aquela crença de que tudo possui uma alma ou espírito, *anima*, seja um animal, uma planta, uma rocha, rios, estrelas, montanhas, o que for. Os animistas creem que cada *anima* é um espírito com grande poder que pode ajudar ou prejudicar, devendo ser adorados, temidos ou mesmo reconhecidos de alguma maneira”. (JOSE, 2020) Disponível em: <https://abstracta.pro.br/animismo/> Acesso em Agosto de 2020.

partes da Europa. A incipiente religião porta-se de modo tímido, inicialmente, e, embora tenha atingido o posto de segunda maior religião do Brasil no século XX, seu número de seguidores permaneceu por muito tempo bem aquém da gigantesca massa de adeptos do catolicismo. E assim foi, de fato, até o advento de um fenômeno marcante, verdadeiro divisor de águas, mas que ainda carece de estudos aprofundados: a explosão do crescimento das vertentes evangélicas nas décadas finais do século XX e no início do século XXI. O segmento Evangélico, nessa esteira, chega em 2020 como forte candidato a tornar-se o principal tronco religioso do país, sobrepujando o Catolicismo.

“Após cinco séculos de predomínio da Santa Sé, vem aí a era da maioria evangélica – os *crentes*”. A previsão é de José Eustáquio Alves, doutor em demografia. Para o pesquisador, figuram entre os principais motivos para a aceleração do número de evangélicos o forte ativismo do segmento, a passividade dos católicos, o aprofundamento e a integração entre igrejas evangélicas e meio político (UOL, 2020). Confirmando essa tendência, na última eleição sagraram-se vencedores diversos candidatos representantes das pautas evangélicas, dentre os quais o próprio Presidente da República, verdadeiro ponta de lança de uma agenda religiosa, liberal e ultraconservadora.

Esse crescimento exponencial da religião Evangélica impõe ao país mudanças significativas em sua conjuntura cultural, política e social, na medida em que os Evangélicos não limitam suas práticas aos muros das Igrejas. Ao contrário, buscam exercer ampla influência sobre as instituições educacionais e políticas, com o firme propósito de formatar o país de acordo com suas doutrinas religiosas.

Já presente no Catolicismo, a defesa da moralidade cristã no meio Evangélico é muito mais explícita. O controle do comportamento social, dos corpos, a imposição e a submissão aos dogmas religiosos são características basilares dessa religião.

O cenário assim descrito permite vislumbrar, desde logo, serem justamente as mulheres a fatia de seguidores mais afetada pelos rigores dessa religião, pois, historicamente, jamais desfrutaram de voz ativa nas instituições Cristãs *lato sensu*. No catolicismo apenas homens têm acesso ao sacerdócio, sendo que a maioria das denominações Evangélicas também só permite o pastorado masculino. A orientação preponderante nessas religiões é de que a mulher deve ser submissa ao homem, seja ele seu pai, esposo ou líder religioso. O dever primeiro da mulher deve ser para com sua família, atendendo aos cuidados domésticos do lar e zelando pela educação dos

filhos. A educação acadêmica e a vida profissional da devota, quando permitidas, devem ser consideradas em segundo plano, desde que não prejudiquem os deveres prioritários hierarquicamente assinalados.

É especialmente com estes últimos aspectos da religião evangélica que dialogaremos nesta dissertação. A abordagem deste trabalho tem a pretensão de fornecer uma análise crítica da influência histórica da religião na posição atual da mulher na sociedade, sempre com ênfase nas práticas religiosas que convergem para a aniquilação de sua liberdade de escolha, com violação de sua própria identidade e, em muitos casos, até de sua integridade física e psíquica. Para esse fim, delimita-se a pesquisa às religiões evangélicas Cristãs Pentecostais e Neopentecostais. As Igrejas Evangélicas chamadas Protestantes não serão objeto do presente estudo devido a uma escolha metodológica, já que as vertentes Pentecostais e Neopentecostais apresentam maiores similaridades doutrinárias entre si quando comparadas às igrejas Protestantes clássicos/tradicionais. Para além disso, as primeiras ostentam crescimento exponencial nas últimas décadas, enquanto as segundas, estagnação.

Sublinha-se, de antemão, não ser intento desta atacar a espiritualidade dos indivíduos, mas ressaltar o papel do conservadorismo religioso na destituição de direitos, especialmente das mulheres. Afinal, se Deus existe, qual o papel por Ele reservado à mulher? Não seria a religião utilizada como justificativa para a manutenção de privilégios e poderes historicamente adquiridos, através de interpretações equivocadas ou propositalmente distorcidas? Religiões Cristãs foram historicamente tuteladoras e reprodutoras da cultura Patriarcal, ainda hoje arraigada. Mas, considerando que a origem e o desenvolvimento do Cristianismo passam por decisões que não tiveram ingerência feminina, como daí poderiam defluir protagonismo e liberdade às mulheres sem que, para tanto, houvesse a chancela masculina? Existe um caminho possível de autonomia feminina dentro das religiões cristãs?

As respostas a essas indagações sempre nos causaram certa inquietação. E é esta a razão do interesse pela temática aqui proposta. Temos a expectativa de inspirar reflexão às mulheres que, de algum modo, sofrem pelo alijamento de seus direitos humanos mais básicos em nome da religiosidade. Gostaríamos de dizer a essas mulheres que não existirá punição ao seu divórcio, ao seu modo de vestir e de se

comportar, e que nasceram com liberdade de escolha. No entanto, temos consciência de que essas afirmações, ao confrontarem a fé dos indivíduos, exigem cuidados e responsabilidades na abordagem do processo de estudo e pesquisa a ser desenvolvido.

Nesse contexto, dialogamos com diversos estudiosos da área com a finalidade de compreender os processos que conduzem as mulheres à condição de inferioridade social. Para tanto, recorreremos à história das religiões de matriz judaico-cristã, especialmente o Protestantismo, o Pentecostalismo e Neopentecostalismo, compartilhando a análise dos teóricos acerca da relação histórica do feminino com essas religiões, assim como os dados estatísticos mais recentes que embasam a abordagem.

O enfoque desta pesquisa, assim dito, será dado às religiões de vertente judaico-cristãs de cunho evangélico, pois, além da motivação já exposta, trata-se este do segmento religioso que apresenta maior crescimento no Brasil nas últimas décadas – fator que aumenta a relevância da problemática atinente ao objeto.

Para tanto, partimos do pressuposto de que as religiões pesquisadas, em sua realidade social e histórica, são atravessadas e conformadas pelas relações de gênero, isto é, as práticas religiosas conservadoras estão intrinsecamente relacionadas à condição de submissão da mulher na sociedade.

Justifica-se a relevância desta dissertação pela necessidade de maior contribuição para o debate do tema nos meios acadêmico e comunitário. As mulheres estão sendo destituídas de dignidade em nome da religiosidade, de uma crença cega e patriarcal, de modo que discutir os meandros que as levam a essa submissão, nos arcabouços da fé, é mais do que urgente, é medida de imperiosa cidadania. Ressalte-se que a maioria das mulheres inseridas nas religiões Evangélicas mais proeminentes em nosso país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, apresenta nível de escolaridade baixo, e fomentar estudos que sejam acessíveis às mesmas, como é intenção desse trabalho, é medida de grande alcance social.

Partimos, como norte, da busca em desvelar determinadas indagações como:

- A manutenção e a reprodução histórica de religiões conservadoras, como as de matriz judaico-cristãs protestantes, estão relacionadas à condição de submissão da mulher em sociedade?

- Os dogmas impostos pelas Igrejas evangélicas contribuem para a reprodução da violência de gênero e a destituição de direitos das mulheres na sociedade brasileira?
- O Estado brasileiro atua como tutelador de interesses conservadores dos evangélicos, no que se refere aos direitos das mulheres?
- A mídia exerce papel de influência na produção e reprodução da subalternidade feminina e da violência de gênero nos meios religiosos?

Ressalta-se, portanto, que a intenção central deste trabalho é a de analisar a influência do conservadorismo religioso na condição de submissão da mulher na sociedade, tendo como focos subjacentes investigar como as doutrinas e costumes das religiões Pentecostais e Neopentecostais atuam para perpetuar a condição de submissão da mulher na sociedade brasileira; analisar a relação entre os dogmas religiosos das Igrejas Evangélicas e a violência de gênero; identificar o papel do Estado, do atual governo e da Bancada Evangélica na legitimação dos dogmas religiosos que culminam na violação de direitos das mulheres, e avaliar o poder de influência da mídia na reprodução de práticas religiosas violadoras de direitos das mulheres.

### **Trajetória Metodológica**

A trajetória do pesquisador pelo conhecimento, no intuito de desvelar seu objeto de pesquisa, faz possível vislumbrar-se um leque de opções teórico-metodológicas. Ao apresentar a metodologia que compõe determinada pesquisa, tenciona-se apresentar o “caminho do pensamento” e a “prática exercida” na apreensão da realidade, e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale” (MINAYO, 1994, p. 22).

O método de tratamento utilizado neste trabalho será o dialético de Marx, pois entendemos ser ele o caminho que mais se coaduna com a investigação e exposição crítica do objeto em questão, bem assim com a apreensão da realidade na sua totalidade histórica. “Conhecer o objeto significa também conhecer o processo histórico que lhe consubstancia – e não apenas a sua forma presente” (LESSA,

2001:9).

Compreendemos que as religiões, bem ainda as práticas religiosas, nascem da necessidade do homem primitivo de entender e explicar os fenômenos da natureza, e se desenvolvem, desde então, de modo antagônico, de acordo com as necessidades presentes em cada sociedade. Portanto, a expressão real das religiões e suas imbricações na sociedade não podem ser compreendidas sem visitarmos e revisitarmos o passado em um movimento contínuo de ida e volta, partindo de nossa realidade concreta.

A escolha por esse método parte também do entendimento de que as religiões protestantes ganharam musculatura e se fortaleceram atreladas ao modo de produção Capitalista. Dados adiante apresentados informam que a maioria dos adeptos das religiões aqui estudadas são de baixa escolaridade e oriundos das classes mais empobrecidas da população. Nessa medida, as promessas de milagres para a cura de doenças, a solução de problemas financeiros e sentimentais, a obtenção de um espaço no paraíso espiritual, amplamente oferecidos por um grande espectro dessas denominações religiosas, encontram terreno fértil nos indivíduos destituídos de cuidados básicos com a saúde, junto aos desempregados, dentre aqueles inseridos em subempregos e perante os violados em sua dignidade. A esperança de uma vida melhor, enfim, neste ou em outro plano, mostra-se o grande atrativo para a aceitação de imposições e até mesmo da vontade pessoal de líderes religiosos, sob o pálio de punições por rebeldia e a conseqüente condenação ao inferno.

Utilizaremos ainda, na análise de conteúdo e em complemento ao método dialético de Marx, o método hermenêutico dialético<sup>2</sup> de Maria Cecilia Minayo.

A união da hermenêutica com a dialética leva o intérprete a entender o texto, a fala, o depoimento, como resultados de um processo social e de um processo de conhecimento, ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico. Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para

---

<sup>2</sup> Podemos apontar “dois pressupostos desse método de análise. O primeiro diz respeito à ideia de que não há consenso e nem ponto de chegada no processo de produção do conhecimento. Já o segundo se refere ao fato de que a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta. A autora também entende que os resultados de uma pesquisa em ciências sociais constituem-se sempre numa aproximação da realidade social, que não pode ser reduzida a nenhum dado de pesquisa (MINAYO, 2001, p.77).

melhor ser compreendida. Essa compreensão tem, como ponto de partida, o interior da fala. E, como ponto de chegada, o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala (MINAYO, 2001).

Guba e Lincoln (1989) apresentam o círculo hermenêutico dialético como um método que coloca em ação os atores sociais através de idas e voltas constantes que permitem a captação da realidade em estudo, por meio de uma análise que se configura no encontro entre os grupos pesquisados. Assim nos diz Allard (1997), um dos estudiosos do CHD “O círculo hermenêutico-dialético é um processo de construção e de interpretação hermenêutica de um determinado grupo [...] através de um vai-e-vem constante entre as interpretações e reinterpretações sucessivas (dialética) dos indivíduos (p. 50-51).

O ato de pesquisar é o exercício de “tematizar o real, dentro de uma dialética do sujeito e do objeto, com a ajuda de métodos e técnicas que permitem uma mais completa aproximação de um real inesgotável e móvel, já que se modifica constantemente através da interação.

Nesse intuito, para a produção desse trabalho, o método de investigação utilizado será o da pesquisa bibliográfica, buscando-se as mais conhecidas e respeitadas referências nacionais e mundiais que tratam do papel da religião no comportamento humano, com enfoque na condição da mulher historicamente determinada pelas crenças.

Utilizar-se da pesquisa bibliográfica significa realizar movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, releitura, de indagações e constante interlocução crítica com o material bibliográfico pesquisado (MIOTO, LIMA, 2007).

Em um segundo instante, serão realizados levantamento e análise a partir de fontes primárias, especialmente postagens nas mídias sociais denominadas *YouTube* e *Instagram*, respeitando-se recorte temporal correspondente aos últimos 05 (cinco) anos, que tratem, no bojo das religiões Evangélicas, do assunto “mulheres e religião”. Nesse intento, explicita-se mais uma vez a necessidade de um método de análise que dê respaldo para a interpretação dos dados obtidos por meio da internet, e o método hermenêutico dialético aqui se apresenta como o melhor vocacionado para referendar o conhecimento da realidade concreta.



os meios de comunicação estão inextricavelmente ligados às formas de ação e interação que os indivíduos criam e das quais participam ao usar esses meios e nada ilustra esse ponto mais claramente que as formas múltiplas da ação e interação que foram criadas, ou expandidas e amplificadas, pela comunicação mediada pelo computador que ocorre online. Os sites de relacionamento social são um exemplo perfeito disso: no Facebook e em outras redes os indivíduos desenvolvem ou dão continuidade a relacionamentos sociais com pessoas distantes, algumas das quais eles conhecem através de contextos de interação face a face, mas muitas das quais eles só conhecem através do site de relacionamento social. A natureza dos relacionamentos que eles formam e as interações que têm com os vários “amigos” que fazem no Facebook e em outros sites semelhantes são moldadas pelas propriedades do meio de comunicação que estão usando e pelo grau de ligação....o facebook e outras redes de relacionamento social facilitam uma forma específica de interação social online, criando uma teia em constante expansão de relacionamentos sociais caracterizados por graus variáveis de familiaridade e profundidade e pelo intercâmbio de informação – mensagens, fotos, últimas notícias etc. – que podem estar disponíveis para outras pessoas com vários níveis de restrição (THOMPSON, 2011, p. 11).

Ao adotar a abordagem de coleta de dados por meio das redes sociais tem como intenção uma perspectiva sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação e sua ampla significância social e histórica, para a vida dos sujeitos (internautas).

Antes do desenvolvimento da imprensa na Europa do final da Idade média e do começo da Idade Moderna, o movimento das informações e de conteúdo era um processo que ocorria exclusivamente no contexto da interação face a face. Após o surgimento da indústria tipográfica na Europa dos séculos XV e XVI e com o desenvolvimento de mídias eletrônicas, nos séculos XIX e XX, o modo de interação das pessoas começou a mudar. Esse é caminho para compreender o impacto social de longo prazo da mídia.

É claro, a interação face a face não desapareceu – ela ainda é um componente importante de nossa vida cotidiana; mas foi complementada por outras formas de interação que assumiram um papel cada vez maior. Cada vez mais pessoas têm acesso àquilo que poderíamos chamar de “conhecimento não local” que elas incorporam reflexivamente em seu processo de autoformação. As tradições não são destruídas, mas ficam cada vez mais entrelaçadas com as formas mediadas de interação, o que as libera das amarras que as prendiam aos locais da vida cotidiana. E o desenvolvimento da mídia cria novos campos de ação e interação que envolvem formas características de visibilidade e nos quais as relações de poder podem mudar de formas rápidas, dramáticas e imprevisíveis (THOMPSON, 2011, p.12).

No âmbito da análise e interpretação do conteúdo coletado optamos pela pesquisa qualitativa explicativa, pois compreendemos ser essa opção a que mais se adequa aos objetivos propostos.

[...] os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno” (NEVES, 1996, p. 2).

[...] o maior objetivo da pesquisa explicativa é a necessidade de aprofundamento da realidade, por meio da manipulação e do controle de variáveis. Isto é, buscando o “porquê” das coisas [...] que afirma que as pesquisas explicativas têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos (Gil, 2008).

Este trabalho está delineado em 3 Capítulos. No primeiro será apresentado estudo histórico e teórico da religião judaico-cristã, abordando seu nascedouro e perpassando as religiões pagãs existentes à época. Ainda nesse capítulo analisaremos os textos bíblicos, Antigo e Novo Testamentos, relacionados à mulher. Farão parte dessa análise também os textos apócrifos.

Percorreremos, ainda, a gênese da Religião Evangélica, ou seja, a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, e as principais congregações provenientes desse movimento. A partir dos séculos XIX e XX começam a surgir as primeiras denominações chamadas Pentecostais, e, mais tarde, as Neopentecostais, cuja análise também será integrada ao capítulo.

Por fim, apresentamos um diálogo entre o movimento feminista e as práticas religiosas, englobando as religiões mais praticadas por mulheres de movimentos feministas. O escopo, no particular, prende-se à análise das diferenciações e similaridades com as religiões Pentecostais e Neopentecostais.

O 2º capítulo analisará as relações entre o Estado as práticas religiosas, aportando, nos dias atuais, no questionamento das ingerências da Bancada Evangélica, bem assim do atual governo, no direcionamento das leis e políticas públicas/sociais relacionadas à mulher. Será procedida, no aspecto, análise do acervo disponível que trata violência de gênero e mulheres evangélicas, utilizando-se de censos, artigos e pesquisas científicas.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao enfrentamento do material relativo às mídias sociais, vídeos e publicações nas Plataformas *Youtube* e *Instagram* que envolvam a temática ‘mulher e religião’.

O material objeto de análise obedece aos seguintes critérios: os filtros de pesquisa utilizados, no caso da Plataforma *Youtube*, correspondem aos vídeos com maior “contagem de visualizações” ou seja, os vídeos sobre a temática proposta - “submissão das mulheres evangélicas pentecostais” - com maior número de acessos, acrescentando-se a tal universo, segundo escolha desta pesquisadora, também os vídeos oriundos de atores (pastores, pastoras, líderes) com maior projeção no meio evangélico, em escala nacional, bem como aqueles com datas mais recentes. Essa projeção é medida por um conjunto de fatores, dentre os quais o principal é o volume de seguidores que esses indivíduos possuem no *Youtube* e no *Instagram*.

O número total de vídeos assistidos corresponde a cerca de cinquenta, acessados entre janeiro de 2020 e setembro de 2020.

Os critérios de opção pelas páginas pesquisadas no *Instagram* obedeceram, à semelhança do disposto em relação ao *Youtube*, à regra de serem postagens de lideranças evangélicas Pentecostais com abordagem da temática “submissão da mulher”.

Quanto aos aspectos éticos do estudo, trata-se, como já dito, de pesquisa bibliográfica, qualitativa, com análise documental. Na produção desse acervo somente serão utilizados os dados disponíveis para acesso público e irrestrito. Portanto, de acordo com a Resolução 466/12, é dispensável a submissão deste ao CEP/CONEP.

## **Capítulo 1. - O SURGIMENTO DO CRISTIANISMO E A HISTÓRIA DA MULHER NA BÍBLIA:**

De acordo com o estudioso da bíblia, Bart D. Ehrman (2015) existem muitas controvérsias sobre a origem do Cristianismo e as razões pelas quais essa religião tornou-se tão influente nas sociedades dos séculos posteriores à morte de Cristo, alcançando os dias atuais. Consideraremos neste estudo as teorias dominantes na área. Dentre elas prepondera o entendimento de que a gênese da religião cristã

remonta ao Império Romano, em uma época em que vigorava como religião oficial do Estado o Paganismo, de crença politeísta<sup>3</sup>.

O cristianismo tem como base os ensinamentos atribuídos a Jesus Cristo, de origem judaica. Jesus, conforme alegam os fundamentos de sua crença, seria o Messias, o enviado por Deus para a expiação dos pecados da humanidade. O Nazareno não teria feito distinção entre as pessoas em suas pregações, considerando homens, mulheres, crianças, escravos, judeus e gentios<sup>4</sup> iguais perante Deus.

Esse discurso encontrou solo fértil naquele período, pois o povo padecia de fome e miséria, sendo que as promessas atribuídas ao novo líder preconizavam que, apesar do sofrimento na terra, seus seguidores receberiam a vida eterna no “céu”, no paraíso. O aumento significativo dos seguidores de Jesus, que se convertiam aos novos ensinamentos, desagradou ao Império, pois tais pregações conflitavam com a ordem até então estabelecida. Assim, sob a justificativa de ensinar falsas profecias e crenças, Jesus teria sido interrogado, condenado à morte e crucificado (EHRMAN, 2015, p.32).

Mesmo após a morte de Cristo, alguns de seus seguidores prosseguiram alardeando o discurso de recompensas pós-morte, sendo que muitos deles tiveram o mesmo destino: a execução. De fato, somente era permitida a adoração ao Imperador e aos deuses albergados pela religião oficial do Estado Romano, de modo que as pregações dos primeiros cristãos exortando a população à adoração de um Deus único e de um Messias salvador, por evidente, constituíam inexorável afronta ao Império, cabendo aos transgressores a punição capital.

Por volta do ano 300 depois de Cristo (d.C.), o cenário começa a mudar para os cristãos, os quais, até aí, proclamavam sua fé de forma clandestina. O Imperador Constantino, em decorrência de um suposto sonho premonitório, declarou pela primeira vez na história o cristianismo como sendo a religião oficial do Império Romano, o que impulsionou a expansão das instituições e das Igrejas fundadas na doutrina cristã, a ponto de se tornarem dominantes sobre as demais religiões. Os cristãos passaram, então, de perseguidos a perseguidores. As chamadas cruzadas cristãs ocuparam espaços em todo o mundo, utilizando-se da força para executar

---

<sup>3</sup> Crença em vários deuses e deusas.

<sup>4</sup> Termo utilizado para designar os que não eram Judeus.

milhares de adeptos de religiões pagãs e politeístas, já então rotuladas como heréticas (EHRMAN, 2015, p. 67).

Os livros que compõem o Novo Testamento foram escritos nos primeiros séculos após a morte de Cristo, lavrados por atores que afirmaram estar inspirados por Deus para transmitir seus mandamentos. Um dos mais destacados, senão o principal deles, foi Paulo de Tarso, a quem se atribui nada menos do que treze epístolas do Novo Testamento. Esses livros, junto ao Antigo Testamento (livro sagrado dos judeus), integram a Bíblia Sagrada, livro adotado pelos cristãos até hoje.

### **1.1 E como a Bíblia trata as relações de gênero em seus textos?**

Deve-se ter em consideração, quando analisada a história da mulher na Bíblia, que os textos tidos como sagrados constituem um mosaico construído ao longo dos séculos, sujeitos às vontades e à manipulação de indivíduos do sexo masculino, para atender aos interesses e às conveniências de grupos específicos:

Ao ler o Novo testamento, as pessoas pensam estar lendo uma cópia exata das palavras de Jesus ou dos escritos de seus apóstolos. Contudo, por quase mil e quinhentos anos, esses manuscritos foram reproduzidos por copistas profundamente influenciados pelas controvérsias políticas, teológicas e culturais de seu tempo. Tanto os erros quanto as mudanças intencionais são muitos nos manuscritos subsistentes, dificultando a reconstituição das palavras originais” (EHRMAN, 2015, p. 62).

Dito isso, pode-se afirmar que o retrato da mulher emergente na bíblia é, para dizer o mínimo, bastante questionável e contraditório. Existem (poucos) textos que dão algum espaço e valor para a emancipação das mulheres, enquanto muitos outros promovem a sua subalternidade à figura masculina. Importante enfatizar que esses textos foram escritos por homens e replicados igualmente por homens que, obviamente, tinham interesse que suas mulheres fossem dóceis e submissas às suas vontades. Portanto, a circunstância de que homens tenham exaltado, ao longo dos séculos, os ensinamentos que mais lhes convinham, enquanto suprimiam outros que pudessem conferir mais espaço às mulheres – adulterando de forma continuada e intencional a bíblia – é vertente defendida por grande parte dos pesquisadores dos escritos do Livro Sagrado Cristão.

Feitas as ressalvas, observemos algumas passagens dos textos que fazem parte da bíblia hoje, como a encontrada em Tito as quais prescrevem como deve ser o comportamento da mulher temente a Deus:

Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada (Novo Testamento – NT 2:3-5).

Consta na literatura que a Epístola citada fora escrita por Paulo e endereçada a Tito, que era líder de uma igreja cristã, por volta do ano 65 d.C.. Esses escritos são uma orientação a Tito de como proceder com as mulheres frequentadoras de sua igreja. Paulo era um propagador do Cristianismo que não se fixava em determinado local por longo espaço de tempo. Por essa razão, uma vez que convertia um grupo ou comunidade, deixava esta a cargo de líderes locais, partindo para pregar em outras regiões em que o Cristianismo ainda não era conhecido. Assim, orientava à distância as igrejas já assentadas, guiando seus líderes por meio de cartas. Essas orientações levavam em consideração a situação específica pelas quais passava cada igreja, não havendo evidência de que devessem ser observadas indistintamente por todos os seguidores do Cristianismo. Na atualidade, entretanto, o entendimento majoritário entre os Evangélicos é de que sim, as orientações contidas nas cartas de Paulo devem ser aplicadas a todas as igrejas cristãs, atemporalmente (EHRMAN, p.90 2015).

Retomando as passagens acerca da mulher na bíblia, no evangelho de Pedro a mensagem é mais incisiva quanto à obrigação de sujeição da mulher ao marido, exaltando que este último, mesmo não sendo merecedor da salvação, poderá sê-lo por meio das orações e da obediência da mulher:

“Do mesmo modo, mulheres, sujeitem-se a seus maridos, a fim de que, se alguns deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês. A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e jóias de ouro ou roupas finas. Pelo contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus. Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado,

que colocavam a sua esperança em Deus. Elas se sujeitavam a seus maridos, como Sara, que obedecia a Abraão e lhe chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo”. (1 Pedro 3:1).

Os textos hoje aceitos como sendo do Apóstolo Pedro datam do primeiro século d.C. e foram inicialmente considerados apócrifos, heréticos e relegados ao esquecimento. Sua redescoberta só ocorreu por volta do século XIX, na tumba de um monge cristão, no Egito. Sua inserção na Bíblia somente ocorreu após diversas reuniões e debates dos líderes clérigos, constando desde então no Cânone<sup>5</sup> da Igreja Católica. Por esta razão, a maior parte dos textos originais foi perdida e os trechos que hoje se encontram na Bíblia nada mais são do que fragmentos restaurados do texto original.

Apesar dos comandos de submissão da mulher impostos nas passagens do Novo Testamento até aqui exemplificadas, os evangelhos que supostamente retratam a vida de Jesus curiosamente não esboçam esse mesmo tipo de pregação sexista. Pelo contrário, consta que Jesus tratava com igualdade homens e mulheres, e aceitava também muitas mulheres como suas seguidoras, algo que não era permitido pelo judaísmo à época. O evangelho de Lucas é o que mais evidencia a presença delas junto a Cristo. O encontro de Jesus com a samaritana, sua amizade com Marta e Maria, bem assim com as demais que o acompanhavam, são exemplos de uma convivência inclusiva Dele com as mulheres, mesmo contrariando a orientação do legalismo judaico. Como vemos relatado em 1ª Timóteo, esse processo de inserção da mulher foi questionado e não era bem visto pelos judeus:

Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação (TIM.; 2. 9-15).

---

<sup>5</sup> “trata-se da lista de Livros Sagrados que a Igreja cristã homologou como transmitindo a palavra de Deus, logo representado a verdade e a lei que deve alicerçar a fé e reger o comportamento da comunidade de crentes”. Fonte: <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/canone/> Acesso em junho de 2020.

Algumas mulheres até chegaram a exercer papéis de liderança nas primeiras comunidades descritas na Bíblia, a exemplo de Priscila, Febe, Júnias e Maria Madalena. Todavia, é nos textos apócrifos<sup>6</sup> que a figura feminina aparece com mais destaque, o que leva a crer que os relatos dessas lideranças femininas possam ter sido suprimidos da versão aprovada pelos cristãos nos primeiros séculos após a morte de Jesus – textos esses, portanto, que não estão presentes na Bíblia como a conhecemos.

Determinadas comunidades heréticas<sup>7</sup>, constituídas nos primeiros séculos d.C., exaltaram em sua literatura a figura de Maria Madalena. Em alguns desses textos Maria Madalena é colocada na posição de apóstola que recebe ensinamento secreto de Jesus. Pedro pede para que ela conte aos discípulos as últimas palavras ouvidas de Jesus, por exemplo. Em outra passagem, no Evangelho de Tomé, a narrativa descreve os apóstolos discutindo a autoridade que Jesus concede a Maria Madalena, fato que os desagradava justamente por se tratar de uma mulher.

Retomando a fala de 1ª Timóteo 2 (9-15) - mais uma epístola escrita por Paulo a Éfeso, anteriormente mencionada, podemos observar distintas interpretações do texto, pelas várias correntes cristãs, no decorrer do tempo. Assim também ocorreu com os demais textos bíblicos de Paulo, que orientam a submissão feminina. Enquanto algumas correntes religiosas assumiram a postura de relativizar a ordem de silenciamento da mulher, restringindo a instrução de Paulo ao contexto específico da igreja de Éfeso, localidade para a qual Paulo falava, outras comunidades cristãs optaram por normatizar o amordaçamento da mulher e cancelar a posição de Paulo como pensamento autorizado, de obrigatória observância não só pela Igreja de Éfeso, mas por todas as Igrejas cristãs. Esta foi, com efeito, a interpretação seguida pela maioria dos cristãos durante séculos e que deixou resquícios atuais em muitas instituições cristãs conservadoras. Com amparo em literaturas da espécie, portanto, e à medida que as Igrejas se institucionalizaram, o espaço da mulher nas tomadas de decisão foi sendo reduzido.

Em plena era medieval, Tomás de Aquino proibiu as mulheres de ensinar em público. Sua justificativa para tanto foram exatamente as cartas de Paulo, fundadas

---

<sup>6</sup> Textos apócrifos são aqueles que descrevem a vida de Jesus, mas são considerados ilegítimos pela Igreja.

<sup>7</sup> Comunidades contrárias aos preceitos estabelecidos, oficialmente, pelas primeiras Igrejas Cristãs.



na proibição bíblica da mulher falar em público, na irrestrita submissão da mulher ao homem e na culpa de Eva pela queda do primeiro de todos, Adão.

Mais do que uma releitura ou radicalização dos escritos de 1ª Timóteo, o uso e as diferentes interpretações dos escritos foram base para uma violência institucional no bojo do cristianismo, retirando da mulher qualquer perspectiva de disputar condição de igualdade com os homens no desenvolvimento da doutrina e da moral cristã.

De acordo com o historiador Bart Ehrman (2017), pode-se constatar que as diferentes interpretações da bíblia deram margem à criação de milhares de Igrejas cristãs com posicionamentos sociais distintos e antagônicos. Sem prejuízo dessa miríade interpretativa, acabou triunfando no regramento das inúmeras correntes a mesma tônica das literaturas que aviltavam o feminino, reservando-se à mulher, invariavelmente, papel subalterno e secundário, desprovido de voz e de direitos elementares. Cristalizou-se, assim, a coisificação da mulher – objeto a ser regrado, medido e formatado.

Os trechos a seguir são exemplos adicionais dos comportamentos prescritos em algumas passagens bíblicas e historicamente defendidos pelas Igrejas cristãs à mulher, a qual deve ser, segundo as orientações, a perfeita dona de casa, trabalhadora do lar, zelosa cuidadora de seu esposo e filhos, além de se apresentar invariavelmente recatada, silenciosa e submissa, tanto no ambiente doméstico quanto nos templos e na comunidade:

Embora a espécie de responsabilidades das mulheres difira de acordo com sua condição na sociedade em que vive, cada mulher tem o seu trabalho. Nos tempos antigos, até uma princesa fazia trabalhos domésticos. A mulher virtuosa não pensa que as deveres domésticos sejam um fardo, uma eterna mesmice, um tédio, antes, trabalha com coragem, entusiasmo e persistência. Possui uma mente bem disposta e mãos diligentes. O lar é sua esfera de ação e sua missão é tornar seu lar feliz. Ela não é preguiçosa (vs. 4-6, 27), pois se levanta cedo e trabalha o dia inteiro (vs. 15, 18). Além disso, é precavida (vs. 4 e 7) e confiante (v. 7). (DOS REIS, 2007).

[...] permaneçam as mulheres em silêncio nas Igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na Igreja” (COR., 14, 34-35).

Como demonstrado, a ideologia cristã exerceu papel fundamental para a instauração e reprodução de mecanismos de opressão à mulher. Ainda que alguns dos Evangelhos abordados resguardem um mínimo de dignidade às mulheres, fato é que o respeito ao feminino exsurge no nível equivalente ao dos leprosos e escravos. Interessante, no particular, a lição de Simone de Beauvoir sobre a questão:

A ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher. Há, sem dúvida, no Evangelho um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres como aos leprosos; são os pequenos, os escravos e as mulheres que se apegam mais apaixonadamente à nova lei. Logo no início do cristianismo, eram as mulheres, quando se submetiam ao jugo da Igreja, relativamente honradas; testemunhavam como mártires ao lado dos homens; não podiam, entretanto, tomar parte no culto senão a título secundário; as diaconisas só eram autorizadas a realizar tarefas laicas: cuidados aos doentes, socorros aos indigentes. E se o casamento é encarado como uma instituição que exige fidelidade recíproca parece evidente que a esposa deve ser totalmente subordinada ao esposo: com São Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discricção e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem (BEAUVOIR, 1959, p. 118).

Como bem colocado por Beauvoir, o lugar de honra do feminino nos templos cristãos, normalmente, não ultrapassa o das obrigações domésticas, sob nova roupagem. A elas é oferecido o cuidado com a limpeza e organização da Igreja, com as refeições oferecidas em festividades, com o ensino da palavra bíblica às crianças e, quando muito, chegam a diaconisas, função inferior à de Pastor.

Com relação à organização do matrimônio, este é encarado no Livro Sagrado como instituição que exige fidelidade recíproca – isso considerando as instruções do Novo Testamento, pois no Antigo era permitida a poligamia, e até incentivada, mas exclusivamente aos homens. Às mulheres, bem ao contrário, impunha-se férrea fidelidade: aquelas que traíssem seus esposos estariam sujeitas à pena de morte por apedrejamento. Os escritos aduzem que o Rei Salomão chegou a ter 700 esposas oficiais e cerca de 300 concubinas,<sup>8</sup> como atestam os relatos de 1ª Reis:

E o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras, além

---

<sup>8</sup> Mulheres consideradas amantes, ou prostitutas.

da filha de Faraó: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, das nações de que o Senhor tinha falado aos filhos de Israel: Não chegareis a elas, e elas não chegarão a vós; de outra maneira perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses. A estas se uniu Salomão com amor. E tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração (1ª REIS, 11:1-2).

Essa cultura do Antigo Testamento impõe mais um modo de submissão à mulher, o da resignação, quando confrontadas com a infidelidade masculina. Com o discurso de que se “Deus uniu o homem não separa”, os líderes pastorais orientam a prática do perdão nos casos de infidelidade, colocando a culpa pela ação errônea na “tentação” do Diabo – esta, em última análise, a responsável pela infidelidade masculina. Por conseguinte, exige-se da mulher, além da aceitação, que assuma sua responsabilidade pelo evento e que ore pela “expulsão” do demônio presente na vida do casal. Essa orientação pastoral, todavia, não se aplica quando a infidelidade partir da mulher e não o homem.

Portanto, como atestar Beauvoir, amparada nos escritos bíblicos foi erigida, no meio cristão, uma tradição histórica ferozmente antifeminista. Paulo exige das mulheres discricção e modéstia, impõe o princípio da subordinação da mulher ao homem: “o homem não foi tirado da mulher, e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher, e sim a mulher para o homem” (1ª Coríntios, 11); “assim como a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres aos seus maridos” (DE BEAUVOIR, 1980, p. 118).

Na prática da sexualidade, a mulher cristã novamente aparece em desvantagem. Numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio. Agostinho, um dos mais importantes teólogos do Cristianismo (354-430) escreveu sobre a mulher: “Mulheres não deveriam ser educadas ou ensinadas de nenhum modo. Deveriam, na verdade, ser segregadas, já que são causa de horrendas e involuntárias ereções em santos homens.” (PAZ, 2012).

Tertuliano de Cartago (teólogo cristão 150. d.C.) pontua: “Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve de morrer; deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos.” Ambrósio, bispo da Igreja Católica (350 d.C.), por sua vez, sentencia: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher aceite

como soberano aquele que ela conduziu ao pecado.” Na mesma linha, João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla por volta de 450, escreveu : “Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher.” (DE BEAUVOIR, p. 118, 2014).

Tomás de Aquino, um frade católico que viveu entre 1225 e 1274, foi mais um fiel reproduzidor da tradicional submissão ao declarar que a mulher é um ser “ocasional” e incompleto, uma espécie de homem falhado. “O homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem”, escreve ainda. “É indubitável que a mulher se destina a viver sob o domínio do homem e não tem por si mesma nenhuma autoridade” (DE BEAUVOIR, 2014).

Esses são apenas poucos exemplos do posicionamento dos líderes cristãos na história, lideranças essas que contribuíram decisivamente para a fundação do catolicismo cristão. Mas, e quanto à Reforma Protestante que culminou com a divisão do Catolicismo a partir de 1500, será que, porventura, as manifestações da época contemplaram maior espaço às mulheres dentro do Cristianismo? Vejamos a seguir.

## 1.2 Protestantismo

O Movimento Protestante tem início no século XV na Europa Central. Grupos católicos que estavam descontentes com certas doutrinas impostas pelo catolicismo romano, dentre as quais o pagamento de indulgências<sup>9</sup> e o difícil acesso da população às leituras bíblicas, deram início a uma série de manifestações que rapidamente se espalharam pela Europa, culminando com a Reforma Protestante. As ideias do movimento foram difundidas especialmente por Martinho Lutero, monge e teólogo da igreja Católica, de nacionalidade alemã. Em uma carta endereçada ao Arcebispo Católico, Lutero expôs sua indignação com as práticas da Igreja “lamento as ideias falsas que o povo concebe por meio desses dizeres [...] almas infelizes acreditam que se comprarem as cartas de indulgência terão a salvação garantida; e também que tão logo depositem sua contribuição no gazofilácio<sup>10</sup>, almas saem do purgatório”

---

<sup>9</sup> Refere-se ao perdão dos pecados por meio de compensação financeira.

<sup>10</sup> Lugar do templo em que se guardavam os vasos e se recolhiam as oferendas.

(LUTERO, 2016).

Após as reformas religiosas e a instauração de manifestações não católicas, levadas pelas ideias de Lutero, o movimento protestante evangélico<sup>11</sup> se tornou um dos maiores movimentos religiosos da história. Martinho Lutero acabou sendo excomungado da Igreja Romana, dando início a um novo seguimento cristão. As primeiras igrejas originárias das reformas levam o nome de Luteranas.

Martinho Lutero (1483-1546) se rebelou contra a Igreja Universal de Roma, dando início ao que posteriormente seria chamado de Reforma Protestante. Esta Reforma exprime, sobretudo, necessidades sociais e políticas concretas, trazidas pelas transformações na base material da sociedade, das quais resultou o advento do capitalismo. (RUSSO, 2012, p. 7).

Durante a Reforma Protestante, Martinho Lutero preocupou-se em pontuar, em suas manifestações, o posicionamento que julgava adequado quanto ao Matrimônio. Apesar de reformador, Lutero demonstrava uma visão Patriarcal e conservadora sobre o lugar que a mulher deveria ocupar em seu lar.

O monge, ao mesmo tempo em que defende a ideia de serem homens e mulheres iguais no matrimônio, apresenta discurso que vai ao encontro de uma subjugação do feminino ao masculino. Quando Lutero interpreta a relação de Adão e Eva, e destes com Deus, “o seu ideal normativo de uma interpretação literal ou gramatical da Escritura leva-o a descrever a união do primeiro casal como resultante da preocupação divina com a solidão de Adão” (1998). Portanto, para Lutero a mulher fora gerada para atendimento a uma necessidade masculina (a solidão), criada por obra do acaso, pois não era esse o plano inicial de Deus: “a origem de Eva é no mínimo semi-acidental, não só em relação ao “plano” divino, mas também à “essência” humana (1998). Eva já nasce com um duplo destino, divino, mas também humano: o de ser, antes de mais nada, companheira de Adão:

[...] o fato derivado de que Eva e Adão são dados um ao outro por Deus pressupõe o fato, esse sim mais primordial, de que Eva é divinamente presenteada a Adão. Em certo sentido, ainda que Lutero ocasionalmente

---

<sup>11</sup> À época, as manifestações contra as Práticas da igreja Católica foram denominadas de movimento Luterano, de modo pejorativo pela Igreja. Porém, Lutero chamava o movimento de *Evangélico*, e é desse modo que conhecemos hoje os adeptos das igrejas oriundas dessa Reforma.

ultrapasse seus próprios critérios, sua hermenêutica basicamente o leva a ver a 'primeira esposa' como o terminus medium entre Deus e Adão. Isso acontece à medida que ele se aferra à letra do relato bíblico e permanece fiel ao seu critério ou *modus legendi*. Assim, a definição da primeira relação de casal como igualitária diante de Deus acaba sendo posta em segundo plano por Lutero. O fundamento "mais fundamental" do matrimônio deve ser buscado na relação anterior, e não só temporalmente anterior, entre Deus e Adão. Somente esta possui uma presença originária (DREHER, 1998, p. 227).

Lutero desenvolve, assim, uma tese extremamente ambígua sobre a relação entre homem e mulher. Apesar de alardear a igualdade dos sexos, seu discurso sobre a relação entre Adão e Eva e destes com Deus é absolutamente contrário a tal afirmação. De fato, a premissa de igualdade com que acena não se coaduna com o resultado final de sua obra, a qual resulta na hierarquização dominial do homem sobre a mulher e na exclusão desta e de sua esfera volitiva.

Como acréscimo do exposto, e avançando em suas orientações acerca do matrimônio, Lutero ressalta que a mulher foi criada para ser, além de ajudadora do homem, uma figura destinada a procriar, criar os rebentos do casal e transmitir-lhes uma educação cristã. A perversidade e a astúcia do sistema assim engendrado é nítida: à mulher é destinado o papel de reprodutora do próprio sistema que a submeteu, devendo ela mesma colaborar para garantir que o *status quo* que a vitimou também flagele sua descendência feminina. Espelhando-se na figura materna, a filha seguirá os mesmos passos sombrios e resignados de sua genitora.

[...] à medida que segue a letra da Escritura e é fiel ao critério hermenêutico da interpretação gramatical, tende a situar o alvo "espiritual" do matrimônio (companheirismo) no contexto da satisfação de um Adão solitário. Ao mesmo tempo, o alvo "natural" do matrimônio (reprodução) é ligado essencialmente à aparição de Eva, devendo satisfazer a necessidade alheia da "Aomemdade" de produzir uma descendência [...] (DREHER, 1998, p. 229).

Essa ambiguidade apresentada pelo Reformador determina reflexos nas Igrejas oriundas da Reforma Protestante, com consequências até os dias atuais. O que se apresenta, em pleno século XXI, é uma pregação consolidada e ampla da subordinação irrestrita do feminino ao masculino, assumindo tal ideologia, em muitas das denominações evangélicas, tons de manifesto fundamentalismo religioso.

Portanto, respondendo à indagação feita anteriormente, "será que, porventura, as manifestações da época contemplaram maior espaço às mulheres dentro do

Cristianismo?”, tem-se que a resposta indesejável e necessária é não. Ao contrário, o Protestantismo não apenas endossou a submissão do feminino ao masculino presente no catolicismo; a herança de Lutero aprofundou a despersonalização da mulher enquanto titular de direitos e vontades, impondo às suas seguidoras, a necessidade de fiel cumprimento dos mandamentos bíblicos no que tange à observância de sua submissão.

A Chegada dos primeiros protestantes ao Brasil ocorre no início de 1555, nos primeiros anos da Reforma Protestante, com as ocupações francesas. Já no século XVII, o protestantismo reaparece no país com a vinda dos holandeses, porém, nenhuma dessas passagens ocasionou o estabelecimento dessa religião no Brasil, ou seja, a conversão de brasileiros ao novo movimento Protestante (GERTZ, 2001). Até cerca de 1810 o cristianismo católico de Roma era a única religião oficial no país. O primeiro grupo de protestantes que se enraizou no Brasil de forma definitiva foi composto por luteranos, após 1819, com a chegada de imigrantes alemães, especialmente nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Naquele mesmo ano foi promulgada a Constituição do Império do Brasil, que estabelecia, no seu artigo 5º que “a religião católica romana continuará a ser a religião oficial do Império”.

Ao longo dos primeiros séculos após a reforma, assim como o catolicismo, o próprio movimento protestante enfrentou conflitos internos, dando margem para divisões e o surgimento de novos grupos que se afastaram em diferentes graus do protestantismo original de Lutero.

Alguns desses novos movimentos ostentavam uma linha mais voltada para o avivamento e a valorização de dons espirituais, a exemplo do Metodismo Wesleyano<sup>12</sup> e do Movimento Holiness<sup>13</sup>, e foram influenciadores das origens do Movimento

---

<sup>12</sup> O Movimento Metodista, “Deu-se na Inglaterra, no começo do século XVIII, quando um grupo de estudantes da Universidade de Oxford, sob a liderança dos irmãos e professores John e Carlos Wesley, passaram a se reunir para o cultivo da piedade cristã, através da leitura da Bíblia, da prática da oração, do jejum, da visita aos presos e aos enfermos. João Wesley iniciou o Metodismo com o intuito de fortalecer e renovar o espírito cristão daqueles que comungavam junto à religião oficial Anglicana. Esse grupo, conhecido inicialmente como “Clube Santo”, marcou sua identidade pelo método: dias fixos para praticar o jejum, hora certa para a leitura da Bíblia e oração, dia de visitar os presos, etc...Por causa dessa organização, esse grupo foi “apelidado” de Metodistas, quer dizer, aqueles que têm método”. Disponível em: <http://portal.metodista.br/pastoral/reflexoes-da-pastoral/john-wesley-e-o-movimento-metodista> Acesso em Setembro de 2020.

<sup>13</sup> “O Movimento Holiness foi o resultado da união do Metodismo americano com o reavivalismo do Segundo Grande Despertamento. Isso deu início a uma crescente onda de persuasão perfeccionista na religião Americana que começou nos anos 1830 e durou até bem depois da virada

Pentecostal, ocorrido primeiramente nos Estados Unidos no início do século XX. Falaremos adiante de forma mais específica sobre essa vertente.

Na contemporaneidade, o termo “evangélico” é utilizado de forma indiscriminada, especialmente no Brasil, para se referir tanto aos Protestantes quanto aos Pentecostais, porém, autores que se ocupam dos estudos e pesquisas da religião cristã costumam dividir o ramo evangélico em duas sub-categorias: protestantes históricos (denominações que seguem a doutrina das primeiras igrejas fundadas na Reforma Protestante - Luterana, Metodista, Batista, Presbiteriana, Episcopal, Congregacional, dentre outras), e Pentecostais (originárias do movimento Pentecostal dos Estados Unidos - Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional do Reino de Deus, dentre outras) – (PIERUCCI, 2005).

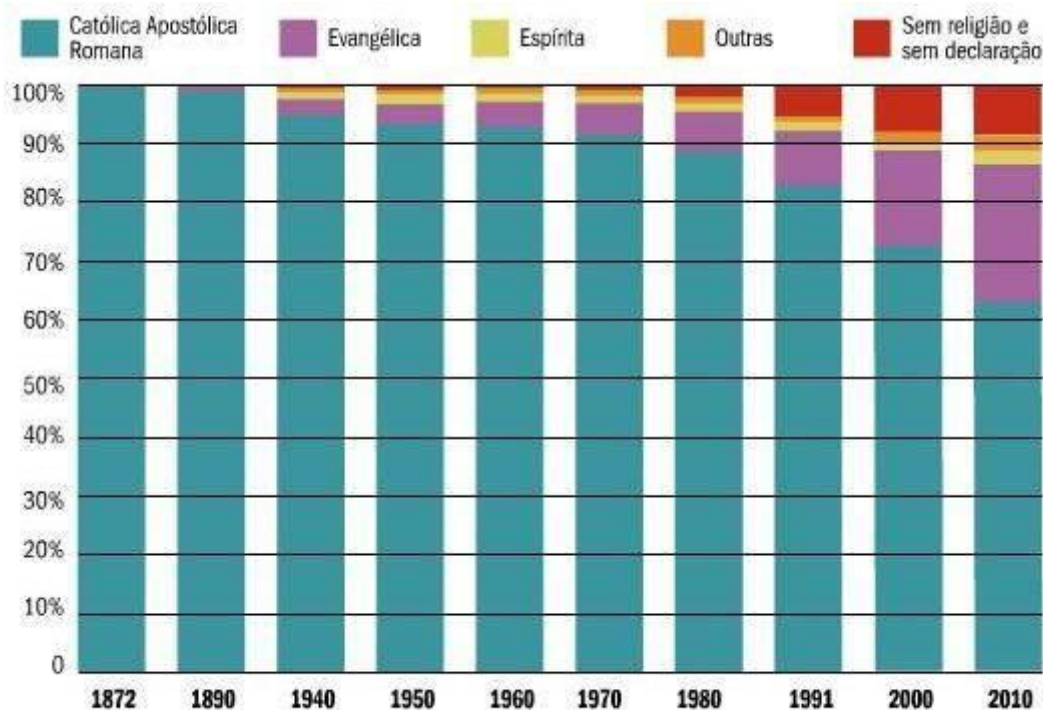
Os censos demográficos costumam mensurar os dados populacionais identificando, sob a denominação de Evangélicos, tanto Protestantes quanto Pentecostais. Não há um erro maior nesse método, a princípio, para fins de viabilizar a compreensão, ainda que superficial, da estratificação religiosa pátria. Porém, a distinção torna-se relevante quando necessitamos aferir, amiúde, as importantes diferenciações existentes no ensino teológico e na doutrina de cada corrente. No escopo desse texto, identificamos que o entendimento bíblico referente à subalternidade feminina permeia igualmente a dogmática de Pentecostais e de Pentecostais Originários, revelando-se nos primeiros de forma mais intensa.

A propósito, observemos a evolução religiosa em nossa população em pesquisas recentes do Instituto Data Folha e do IBGE:

---

do século. O Movimento Holiness tinha suas raízes ideológicas e espirituais no reavivamento Wesleyano do século XVIII. Mas apesar do metodismo ser um dos carroschefes, o Movimento não era apenas metodista e incluía várias denominações, dentre elas, o Exército da Salvação. As campanhas do Movimento Holiness frequentemente eram caracterizadas por manifestações de êxtase e excessos emocionais.” (HOSKINS, p. 124-125, 1997)





Fonte: Directoria Geral de estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890, e IBGE, Censo Demográfico 1940/1991

#### Distribuição percentual das pessoas, segundo filiações religiosas, por data de pesquisa Brasil: ago/1994 a dez/2016

Categorias	ago/94	out/01	out/06	out/10	dez/16
Católicos	75	62	68	63	50
Evangélicos	14	21	20	24	29
Sem-religião	5	7	5	6	14
Outros	6	10	7	7	7
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Datafolha <http://datafolha.folha.com.br/>

Acesso em março de 2020

Os dados apresentados desnudam o cenário de vertiginosa transição religiosa por que passa o Brasil. Os católicos perderam significativo espaço ao longo do tempo, enquanto os evangélicos, em suas diversas denominações, apresentam constante e relevante crescimento.

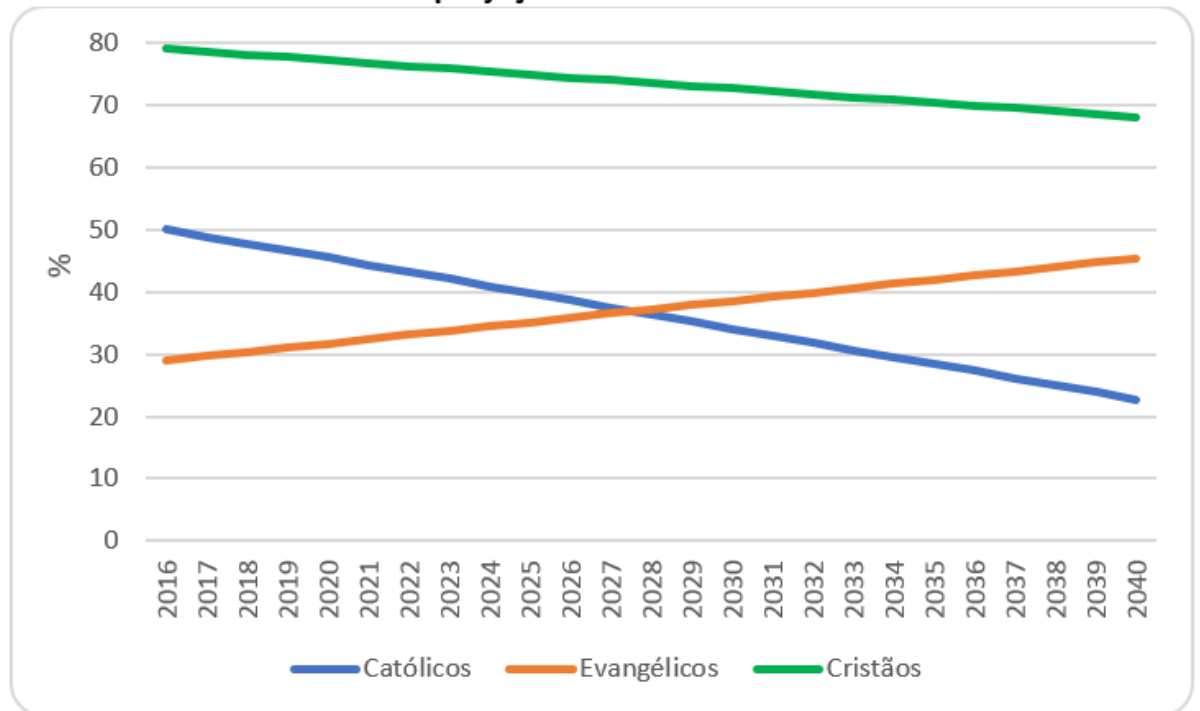
Observa-se, ademais, aumento de denominações não cristãs e de pessoas que declaram não seguir religião alguma, sobretudo nas duas últimas décadas. Isto quer dizer que o Brasil está passando por uma mudança de hegemonia entre os dois principais grupos cristãos históricos, católicos e evangélicos, ao mesmo tempo em que aumenta a pluralidade religiosa, pois cresce e diversifica sensivelmente a

proporção das filiações não cristãs (DATAFOLHA, 2016).

Nos 22 anos de acompanhamento do Datafolha, os católicos perderam 25% (vinte e cinco por cento) de adeptos, já os evangélicos aumentaram suas fileiras em 15% (quinze por cento). Os que não professam religião ascenderam a 9% (nove por cento) e as outras religiões tiveram um ligeiro aumento de 1% (um por cento). A perda dos católicos representa algo em torno de 1,14% (um vírgula quatorze por cento) ao ano, enquanto os evangélicos crescem 0,68% (zero vírgula sessenta e oito por cento) a cada doze meses.

Realizando-se uma projeção destas tendências até 2040, é possível afirmar que os evangélicos, em 2028, ultrapassarão os católicos na medida de 37,2% (trinta e sete vírgula dois por cento) contra 36,4% (trinta e seis vírgula 4 por cento), respectivamente. Em 2040, os católicos cairiam, então, para 22,7% (vinte e dois vírgula sete por cento) e os evangélicos subiriam para expressivos 45,4% (quarenta e cinco vírgula quatro por cento) da população. Os cristãos, somados católicos e evangélicos, que somados representavam 79% (setenta e nove por cento) em 1994, caíram para 73,6% (setenta e três vírgula seis por cento) em 2016 e devem continuar em queda, ainda que modesta, refluindo para a casa dos 68% (sessenta e oito por cento) em 2040, conforme projeção do gráfico abaixo:

### Percentagem de católicos e evangélicos na população brasileira de 1994 a 2016 e projeção linear até 2040



Fonte: Datafolha <http://datafolha.folha.com.br/>

Acesso em março de 2020

Em suma, tanto os dados do IBGE quanto as pesquisas do Datafolha confirmam o fenômeno de transição religiosa em curso no Brasil, entendida essa última como a queda do número de católicos em contraste com o aumento da população evangélica e o incremento da pluralidade religiosa. A diferença entre uma fonte e outra repousa apenas na velocidade dessa transição.

### 1.3. Movimento Pentecostal e Neopentecostal

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que pareciam línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (Atos, 2, 1-4).

O movimento Pentecostal teve origem nos Estados Unidos, na esteira de um movimento ocorrido em 1906, conhecido como *Reavivamento da Rua Azusa*. Um grupo liderado pelo Pastor William J. Seymour, homem simples, negro, acreditava que poderia viver a experiência Bíblica do Avivamento, conforme relatada em Atos dos Apóstolos (2, 1-4).

Nesse intuito, o grupo passou cerca de um mês na prática de jejuns e orações. Consta que em dado momento, durante uma refeição, um dos presentes teria começado a falar em linguagem que os demais não conheciam, o que ganhou vulto e se tornou uma reação em cadeia, propagando-se para os todos os presentes. Assim, de fato, reza a lenda. Após o episódio, o movimento alastrou-se pelos Estados Unidos e para outras partes do mundo rapidamente, chegando ao Brasil ainda na primeira década do século XX, com a vinda de dois pregadores suecos, oriundos dos Estados Unidos. Por essa razão, as primeiras igrejas Pentecostais brasileiras sofreram forte influência do movimento norte-americano, assim como de sua vertente sueca. As principais características dos que seguiam o recém criado Movimento Pentecostal era a busca da experiência vivenciada por seus fundadores, ou seja, o avivamento e o batismo com o Espírito Santo.

Consta que as primeiras igrejas fundadas no Brasil foram a Congregação Cristã do Brasil (conhecida como Igreja do Véu) e a Assembleia de Deus.

O pentecostalismo, tanto em sua vertente americana e como na sueca, influenciou o pentecostalismo brasileiro, em suas duas primeiras décadas. Do pentecostalismo americano incorporou a “glossolalia”, crença na presença do “Espírito Santo”, a “teologia da prosperidade”; do pentecostalismo sueco tiveram origem o “pietismo”, o apego aos valores da modéstia e intimidade (PICOLLOTO, 2016, p. 68).

Nos 100 anos que se seguiram à experiência teatral da Rua Azusa, ou seja, após os primeiros relatos de movimentos pentecostais nos Estados Unidos, cerca de 500 milhões de pessoas no mundo tornaram-se adeptas do Pentecostalismo – um crescimento assombroso quando comparado à evolução mais lenta de outras religiões.

No início do século XX, o campo religioso norte-americano estava carregado de forças centrífugas, que num curto período de três anos centenas de fiéis se transformaram em missionários pentecostais [...] se espalharam primeiro para todos os EUA, depois, para Europa, Ásia, América Latina e África. Porém, diferentes dos demais missionários,

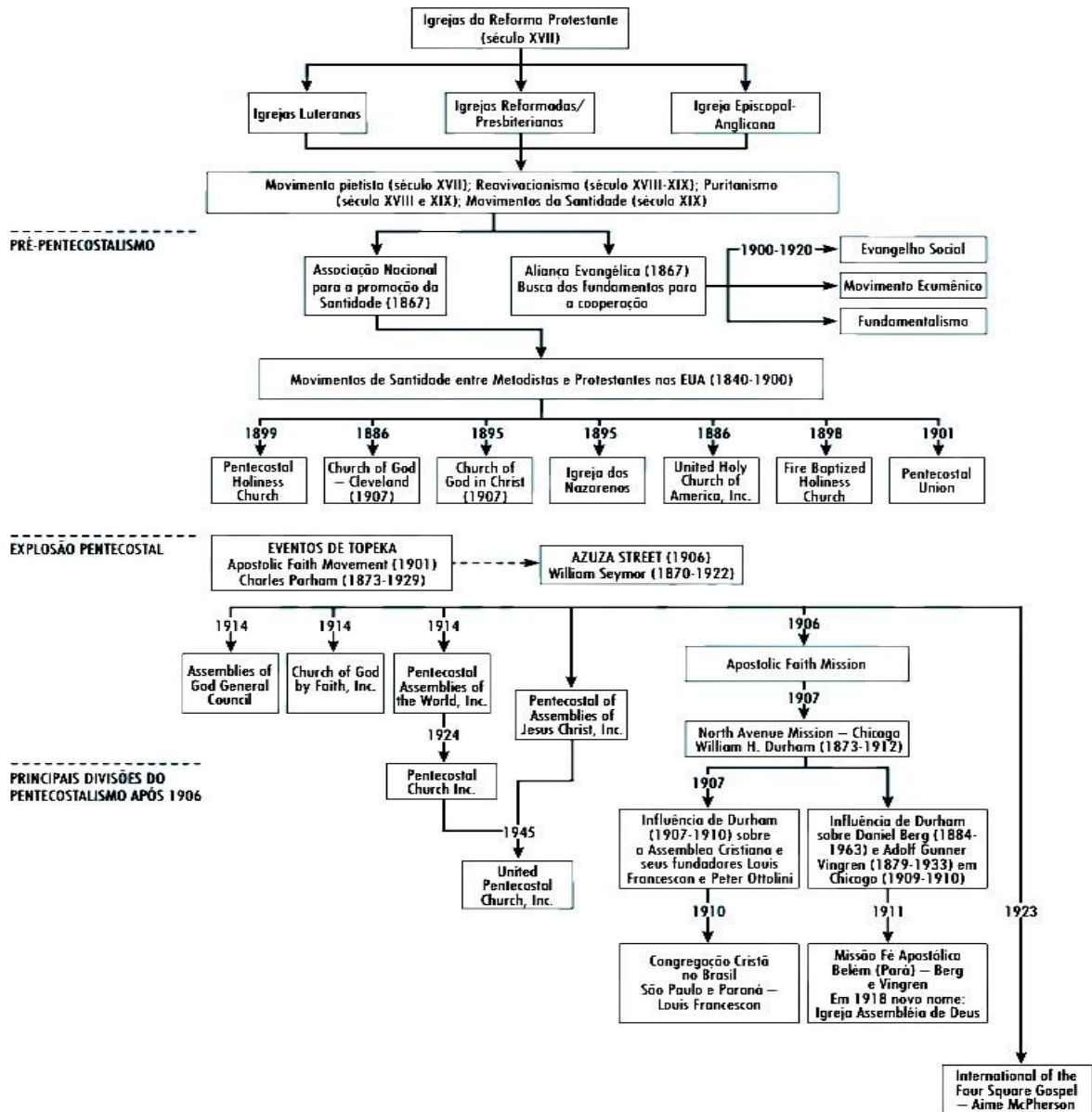
contratados e mantidos por agências e instituições interessadas na expansão do campo religioso norte-americano, os missionários pentecostais, saíam da “American Jerusalem – Azuza Street”, em direção às várias partes do mundo, sempre na condição de “missionaries of the one way ticket” (CAMPOS, 2005, p. 105).

O gráfico<sup>14</sup> a seguir demonstra, resumidamente, o caminho que culminou com o advento do Pentecostalismo:

---

<sup>14</sup> CAMPOS, 2005. p. 114. Disponível em [file:///C:/Users/m147303/Downloads/13458  
Texto%20do%20artigo-16432-1-10-20120517%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/m147303/Downloads/13458%20do%20artigo-16432-1-10-20120517%20(1).pdf) Acesso em Setembro de 2020.

## Mapa Histórico



Após os primeiros anos da chegada do Pentecostalismo ao Brasil, o movimento passou a absorver características culturais do país e, em níveis diferentes, as denominações criadas ao longo do tempo cultivaram maior ou menor afastamento do Pentecostalismo originário norte-americano. Esse caminho híbrido, a diversidade e a amplitude do movimento tornam bastante difícil sua categorização por estudiosos da área.

Diferente do catolicismo, que conta com um Papa e uma orientação hegemônica, o movimento Pentecostal apresenta diversas peculiaridades que o distinguem de outras religiões cristãs. Uma das mais destacadas é justamente essa multiplicidade de denominações religiosas que se declaram Pentecostais, embora possuam dogmas, características e costumes próprios, apresentando-se muitas vezes isolados e aparentemente sem conexão com as outras denominações.

Não existe uma liderança comum entre os ramos Pentecostais, como na Igreja Católica, em que figura uma clara hierarquia entre Papa, Bispos, Sacerdotes, etc. No caso do Pentecostalismo, cada denominação tem uma liderança com crenças, normas e costumes muitas vezes conflitantes entre si.

[...] As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica [...] não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o "pentecostalismo" (Freston, 1993, p. 64).

É majoritário, entre os estudiosos, o entendimento do sociólogo Paul Charles Freston, pesquisador nas universidades Wilfrid Laurier University (Canadá) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no sentido de que o Pentecostalismo, desde sua chegada ao Brasil, atravessou três grandes ondas identificáveis. A primeira delas, desde a chegada do movimento ao país até meados do século XX; a segunda onda foi de 1950 até por volta de 1970, e a terceira onda, e seu turno, de 1970 até os dias atuais. Alguns pesquisadores teorizam que uma quarta estaria em curso na atualidade, embora não haja consenso a respeito.

A onda inicial foi capitaneada pelas primeiras igrejas Pentecostais fundadas: Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. As duas Igrejas, apesar de terem sido fundadas na mesma época possuem características bastante distintas. A Congregação Cristã do Brasil apresenta-se muito mais conservadora do que a Assembleia de Deus e seu grupo é bastante fechado. Não existe a prática de realizar pregações públicas para a conversão de novos membros, por exemplo, além de não possuir 'educação teológica formal', isto é, as aptidões acadêmicas ou teóricas não são relevantes para a constituição de seu corpo sacerdotal, prevalecendo, outrossim, importância da trajetória de fé de seus associados. O aparecimento, a estruturação e

o crescimento da Congregação Cristã do Brasil estão inseridos em uma conjuntura histórica mais ampla que se confunde com o campo religioso brasileiro (MONTEIRO, 2010, p. 125).

A Assembleia de Deus foi fundada no Brasil pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos batistas,[...]. A aproximação entre os dois missionários aconteceu durante uma convenção de igrejas batistas reavivadas, em Chicago, ocasião em que sentiram o chamado para terras distantes. Unidos pelo ideal missionário, receberam uma mensagem profética enquanto oravam em companhia de um pentecostal sueco chamado Adolfo Uldin, para irem ao Pará. [...]. Uniram-se a uma igreja batista de origem sueca, onde, após haverem aprendido o português, passaram a pregar sobre o pentecostes. Urge mencionar que os missionários Berg e Vingren eram provenientes da Suécia em uma época que este país se encontrava estagnado e obrigava-se a exportar grande parte de sua população. (MELLO, 2010, p.4).

Como dito anteriormente, os fiéis que seguiam o movimento nesse período almejavam como propósito precípuo o atingimento de dons espirituais, o batismo com o Espírito Santo, o dom de falar em línguas que não conheciam e a constante busca do avivamento.<sup>15</sup> Além disso, os seguidores do movimento tinham também como meta a pregação do evangelho de Cristo, porque acreditavam que a disseminação da palavra de Deus mundo afora estabeleceria a condição necessária para o retorno de seu filho e salvador, Jesus Cristo, cabendo ao Nazareno realizar o julgamento final da humanidade e selecionar os 'escolhidos' para viver no paraíso.

A segunda onda Pentecostal tem início com a chegada de pregadores norte-americanos da Igreja do Evangelho Quadrangular, os quais fundaram a denominação no Brasil no ano de 1951. Esse período registrou como protagonistas, além da Igreja do Evangelho Quadrangular, também as Igrejas Brasil para Cristo e Deus é Amor, essa última destacando-se por garimpar adeptos nas camadas da população mais empobrecidas e carentes de estudo.

Dentre as três, há concordância tratar-se a Igreja do Evangelho Quadrangular da principal responsável pela segunda onda do Pentecostalismo. Os pregadores chegaram ao Brasil apresentando o pentecostalismo sob uma nova perspectiva, para além das características apresentadas na primeira onda. Seus fundadores viajavam o

---

<sup>15</sup> De acordo com a literatura Cristã o termo "avivamento" refere-se a "uma renovação espiritual que causa mais fervor e dedicação a Deus" Disponível em: <https://www.respostas.com.br/avivamento/> Acesso em Outubro de 2020.



país com uma tenda de lona, de carro. As igrejas recém-chegadas eram itinerantes e nas localidades em que aportavam seus cultos ficavam lotados pelo interesse na novidade então apresentada, a ênfase às sessões de cura divina para doenças que, até então, não eram foco das predecessoras Igrejas Pentecostais. Outra atitude que explica seu forte e rápido crescimento foi o uso de programas de rádio para difusão de seus ensinamentos por todo país e, geograficamente, uma maior interiorização das pregações (MARIANO, 2004, p.123). Os Pentecostais da segunda onda, com o novo discurso teológico:

[...] atraíram, além de fiéis, pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos de estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos. Causaram escândalo e reações adversas por toda a parte. Mas, ao chamarem a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo, conseguiram pela primeira vez dar visibilidade a este movimento religioso no país. Com o êxito de sua missão, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro, que, até então, praticamente contava só com Assembleia de Deus e Congregação Cristã (MARIANO, 2012, p. 30)

A terceira onda emerge no início da década de 70, com protagonismo da igreja Universal do Reino de Deus, fundada no Brasil por Edir Macedo. Mais conhecida como Neopentecostal, a terceira onda apresenta um somatório das características da segunda onda (cura e libertação) associado a uma forte teologia calcada na prosperidade, o que se mostrou capaz de ampliar seu alcance para segmentos mais abastados da população.

A ideia fundante do Neopentecostalismo, de fato, baseava-se na suposição de que todo aquele que segue o cristianismo deve ser próspero financeiramente. Em outras palavras, valeria a máxima: “se Deus pede, tem a obrigação de também prover”. Essa denominação trouxe consigo pronunciado repúdio às religiões de matriz africanas, sobretudo Umbanda e Candomblé, afirmando que as mesmas seriam praticadas por pessoas possuídas pelo demônio.

A Umbanda e o Candomblé, de seu turno, externam fundadas razões para temer a expansão do novo Pentecostalismo assim delineado, uma vez que o propósito da guerra espiritual estabelecida contra as religiões de matriz africana seria, “além de converter os adeptos das religiões adversárias, fechar centros espíritas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé existentes ao redor dos templos crentes”

(MARIANO, 2012, p. 117).

Essa nova frente religiosa utilizou-se com particular habilidade, para sua disseminação, de programas de rádio e televisão. Em menos de uma década a Igreja Universal já ostentava 195 templos espalhados pelo país – crescimento exponencial que manteve nas décadas posteriores (MARIANO, 2004).

[...] ênfase na realização de milagres, exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação, demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (Oro, 2001, p. 73).

[...] só não é próspero financeiramente, saudável e feliz nessa vida quem carece de fé, não cumpre o que diz a Bíblia a respeito das promessas divinas e está envolvido, direta ou indiretamente, com o Diabo. A posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel (MARIANO, 2012, p. 157)

Ao contrário da ênfase assembleiana na autonomia e personalidade do pastor, bem assim na criação de uma rede de pequenas comunidades morais ligadas ao lugar, o pastor da Universal é visto principalmente como um funcionário de uma instituição que tem um papel fundamental em termos escatológicos<sup>16</sup>, isto é, na consumação do tempo e da história. Esses pastores, bem como os “obreiros” e “obreiras”, são selecionados segundo seu carisma e seu dom de oratória, num reconhecimento da graça dada ao indivíduo, mas que só ganharão valor se aceitos pela lógica institucional (MAFRA, 2001, p. 43-44).

Ressalta-se, não menos, a ênfase conferida ao fiel dever do pagamento de dízimos, atrelando-se a adimplência do crente ao recebimento ou não de bençãos divinas. Em outras palavras, trata-se do pagamento de Indulgências, herdados do catolicismo, sob nova roupagem.

---

<sup>16</sup> “teoria acerca das coisas que hão de suceder depois do fim do mundo; teoria sobre o fim do mundo e da humanidade” Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-diferenca-entre-a-escatologia-e-a-escatologia/>

No geral, entre as características comuns entre Pentecostais, podemos apontar, de acordo com o teólogo Leonildo Silveira Campos (2005), a “cura do corpo, a origem espiritual das doenças, o holismo, o transe, o uso da magia e a fácil tendência ao sincretismo, ao hibridismo ou à bricolagem”.

Quanto ao tratamento às mulheres dentro do Movimento, podemos constatar que algumas características são mais comuns entre os Pentecostais, enquanto outras são praticadas de forma individual por uma ou outra denominação. O Pentecostalismo, em todos os diferentes momentos históricos apontados, sempre teve maior número de adeptas mulheres, com pequena variação temporal.

Salvo poucas exceções, as Igrejas do segmento pregam a obediência literal à passagem bíblica estabelecida de que a mulher deve ser submissa ao homem. Essa literalidade apontada conduz a diversos desdobramentos, estabelecendo-se diferentes níveis de submissão da mulher, a depender do meio Pentecostal no qual está inserida. Alguns segmentos entendem que a submissão bíblica deve ser direcionada tão-somente ao cônjuge da mulher, já outros têm a compreensão de que a obediência deve ser praticada em relação a toda e qualquer figura masculina que se apresente: pai, cônjuge, pastor, empregador, dentre outros.

As principais diferenciações internas do movimento estão relacionadas aos chamados “usos e costumes”, que tratam desde a proibição ou não de determinadas vestes, até práticas sociais e litúrgicas dentro dos templos.

Quanto aos hábitos e às vestes comuns entre as mulheres Pentecostais (saias compridas e cabelos longos), podemos extrair da literatura que estas receberam importante influência das esposas dos primeiros missionários fundadores que aqui chegaram, à época dos primórdios da conversão:

[...] as mulheres dos missionários oriundos de países de climas mais frios que o nosso, usavam vestimentas conforme sua cultura, geralmente longas [...] apropriadas para a região de onde procederam. Todavia, ao iniciarem aqui seu labor, mantiveram suas vestimentas, seus costumes. O que essa nova liderança acarretou? Acarretou que nossas mulheres, de país com clima tropical, recebessem e fossem influenciadas pelo costume estrangeiro no uso de roupas, cabelos, cosmética entre outros, tudo amplamente legitimado pelos pastores, pela comunidade local e ainda hoje, após um século, pelo órgão máximo da denominação [...]. (COROBIM, 2008, p. 7).

As vestes longas e os cabelos compridos são mais do que uma herança, todavia, constituindo-se em imposição dos pastores com arrimo no discurso de “mudança da mulher após a conversão”. Deste modo, torna-se mais fácil distinguir a mulher crente da não-crente, ou “mundana”.

Essa imposição masculina de obediência das mulheres às doutrinas e normas Pentecostais apresenta pouca variação com o passar do tempo. As mudanças mais significativas no tratamento às mulheres estão presentes nas distinções inerentes a cada uma das denominações Pentecostais que aqui aportaram ao longo de cada onda. Já no que se refere a uma mesma denominação isso não se torna tão visível, na linha do tempo. Quando analisamos as vestes e as doutrinas impostas às mulheres assembleianas em 1910, por exemplo, percebe-se que o regramento permanece quase inalterado cerca de cinquenta, oitenta anos depois. É a primazia do conservadorismo que se impõe para a rejeição das inovações trazidas pelas assombrosas conquistas humanas e científicas granjeadas ao longo de um século.

Já o tratamento reservado a uma mulher da Congregação Cristã, por seu turno, nunca foi o mesmo apresentado nas Assembleias, mesmo sendo ambas originárias da primeira onda. Cabe ressaltar que nem esta nem aquela oferecem autonomia à figura feminina, apenas diferentes modos e graus de tolher-lhe a liberdade e o exercício de direitos.

Nas Assembleias de Deus (denominação com maior número de Pentecostais do país), as mulheres devem usar saias durante o culto, sendo que algumas permitem a utilização de calças fora do templo. Decotes, em qualquer hipótese, não são permitidos. No que se refere à liturgia, as mulheres devem sentar-se em lugares separados dos homens dentro das igrejas. Um avanço apresentado na última década, no âmbito das Assembleias de Deus, constitui-se no fato de que algumas (poucas) permitem à mulher ser consagrada Pastora, apesar de que mesmo as mulheres líderes de templos não são livres em seus posicionamentos, pois continuam com o dever de obediência ao homem.

Como apontou a Antropóloga e pesquisadora do Cristianismo, Clara Cristina Jost Mafra:

Com relação à doutrina que regulamenta a organização interna, os assembleianos enfatizam que a Igreja representa um “Corpo”, uma congregação imbuída de uma finalidade — a salvação —, pois ela é habitada por Deus e pretende demonstrar o amor e a compaixão, através do trabalho de pregação do Evangelho seguindo os preceitos das escrituras sagradas. Respeitando a sua conduta proselitista, a Assembleia de Deus cresceu e rapidamente espalhou-se por todo o Brasil, no primeiro momento através dos avanços de migração entre Norte e Nordeste, em seguida com o término do ciclo da borracha, da região Norte para o Sudeste. Dessa forma, acompanhando os fluxos do público trabalhador, a Assembleia de Deus consolidou-se como a maior igreja pentecostal no país em pouco tempo (MAFRA, p.43, 2001).

De acordo com dados do censo de 2010, os Assembleianos contavam, a época, com cerca de 12 milhões de adeptos espalhados por todo o país.

Por sua vez, a Igreja Congregação Cristã do Brasil é tida como uma das mais rígidas no cumprimento das normas relacionadas às mulheres, as quais devem usar saias que ultrapassem a linha do joelho (dentro e fora dos templos) além de véu cobrindo a cabeça durante a liturgia. Não é permitido corte de cabelo, maquiagem ou qualquer tipo de adereço, como brincos e colares. O divórcio não é aceito por essa denominação, sendo passível de punição ou até mesmo banimento do grupo a mulher que descumprir essa norma basilar. Na denominação em questão não existe a figura do “pastor”, são os chamados “anciãos” que lideram as liturgias e os ensinamentos no templo. Até por congruência lógica com a ideologia sexista professada, não são permitidas mulheres no grupo de anciãos.

Outro ponto importante a destacar acerca dessa denominação é o fato dela ser uma das poucas do segmento a abraçar uma postura apolítica, pois defende que religião não deve se misturar com assuntos de Estado. Por essa razão, dificilmente serão encontrados políticos originários dessa denominação.

As denominações oriundas da segunda onda são as mais ecléticas quanto aos usos e costumes das mulheres, sendo que algumas até liberaram os usos de calças, maquiagens e adornos, como é o caso da igreja do Evangelho Quadrangular.

Com o passar dos anos, outras mantiveram a rigidez apresentada desde sua origem, com poucas diferenciações, a exemplo da igreja Deus é amor, a qual não permite o pastorado feminino e apresenta um leque de normas rígidas que devem ser seguidos pelas mulheres. Por algum tempo, ilustra-se, a igreja em referência chegou a proibir até mesmo a depilação pelas mulheres, prática essa então considerada uma vaidade que as afastaria da vontade de Deus.

As igrejas da terceira onda, ou Neopentecostais, são o segmento que figura mais afastado das denominações da primeira e segunda ondas Pentecostais no que se refere à liturgia e aos usos e costumes. Por essa razão, encontram forte rejeição à sua origem Pentecostal por parte das demais denominações, as quais preferem referir-se às igrejas Neopentecostais como sendo meras seitas. Há também importante diferenciação no tratamento dado às mulheres Pentecostais em comparação às Neopentecostais. Também aqui, todavia, essa diferenciação não redundava em maior liberdade feminina tanto em um quanto em outro segmento, como veremos na sequência.

Não há regras tão rígidas prescritas às mulheres Neopentecostais quanto ao uso de vestes e outros adereços, apesar da orientação geral para que se vistam com “decência”. No entanto, diferentemente de algumas denominações Pentecostais, as Igrejas Neopentecostais não permitem mulheres pastoras, em sua maioria, e a orientação para obediência ao masculino é bastante enfatizada nessas igrejas, além de haver uma preocupação extremada com o comportamento das mulheres dentro e fora dos templos.

O caráter controlador das religiões pertencentes aos ramos Pentecostais e Neopentecostais é inerente às respectivas instituições religiosas, pois seus mecanismos de controle social são necessários para garantir a manutenção do sistema e a perpetuação de sua estrutura. Deste modo, pode-se compreender que, a partir da imposição de um “estilo de vida”, origina-se a violência religiosa. É fato que as mulheres, na maioria das igrejas cristãs evangélicas, prostram-se na condição de subordinadas e, conseqüentemente, são excluídas dos espaços de decisão de suas instituições. [...] por meio das doutrinas, da normatização de condutas e disciplina dos corpos, sobretudo no campo da moral sexual, o cristianismo naturaliza a violência religiosa de gênero e, por ser a “vontade de Deus”, inibe qualquer denúncia e resistências (BANDINI, 2018).

Nesse sentido, torna-se de fácil percepção o desinteresse dos líderes religiosos pelo fomento à liberdade e ao pensamento crítico de seus seguidores. A imposição de doutrinas e regras que, uma vez violadas, conduzem a severas punições, neste mundo e no espiritual, somada a um discurso de salvação para todos os males, faz dos fiéis seres submissos e facilmente manipuláveis. As mulheres são um alvo especialmente vulnerável nesse processo, dado que já experimentam, em diferentes

graus, uma subjugação imposta desde o berço pela sociedade patriarcal, isto é, fora do ambiente religioso.

**Fé enquanto “*Servidão voluntária*”:** Moralidade cristã e a opressão feminina

*“O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”. (De Beauvoir, 1967)*

Quando estudamos a história da religião cristã na sociedade, causa inquietação o fato das mulheres, apesar de aparecerem quase sempre em situações de subalternidade e inferioridade, não providenciarem relatos expressivos de revolta contra o aviltante patriarcalismo encerrado nos templos, alijando-as silenciosamente de suas subjetividades e aspirações. Fato é que, salvo poucas exceções de movimentos feministas cristãos, o machismo impera incólume nesses espaços.

Além dos diversos outros exemplos de práticas voltadas à manutenção da docilidade e à aceitação feminina do sistema religioso Patriarcal, já anteriormente apresentados, podemos constatar na literatura que a citação de Beauvoir aqui referida incide com propriedade para explicar esse fenômeno de aceitação resignada, pois dentro dos templos religiosos cristãos Pentecostais e Neopentecostais são as esposas dos Pastores as principais encarregadas de transmitir às mulheres da igreja os ensinamentos acerca das condutas a serem observadas e praticadas pelas demais. Isso, é óbvio, após a devida instrução do cônjuge Pastor acerca do que deve e do que não deve prevalecer para o bem de suas ovelhas do sexo feminino, de sorte que sua esposa reproduz, em última análise, a vontade masculina preponderante naquele meio.

Esse artifício torna mais natural e palatável a obediência voluntária das mulheres, visto que as orientações partem não de um macho dominante e impositivo, mas de uma semelhante, de outra mulher qualificada e respeitada, ocupadora de uma posição de admiração e destaque nos templos.

O escritor francês Étienne de la Boétie, que viveu no século XVI, tratou sobre a servidão voluntária dos indivíduos, exemplificando a ocorrência desse complexo fenômeno em campos muito diferentes, indo desde a subserviência ao governo (rei), até as relações no ambiente social e na esfera doméstica propriamente dita.

Aproximando-se de nossa temática, observamos que Étienne sugere uma “servidão” consentida da mulher ao homem e à religião, vale dizer, não se configuraria por tal caminho a perda da autonomia e da liberdade feminina, mas sim a renúncia voluntária e consciente ao exercício de tais faculdades/direitos. Nesse tom, a subalternidade seria uma opção consentida de sujeição do feminino à tirania do masculino.

O retrato assim posto pelo autor mostra-se atualíssimo, e o raciocínio a ele subjacente é ainda hoje muito difundido para justificar a aceitação da sociedade à submissão feminina e às mais diversas violências de gênero. Não é incomum ouvirmos as frases “ela obedece porque quer”, “a culpa do assédio é dela porque usou roupa curta”, “ela gosta de apanhar”, “esse não é o papel de uma mulher recatada”, “uma mulher temente a Deus não age de tal forma”, etc.. Todos esses sofismas e muito outros, análogos, conduzem ardilosamente a submissão feminina para o campo da escolha pessoal, individual, envolvendo-a em uma teia de normas e tabus tacitamente pactuados.

Afinal, o que leva as mulheres cristãs evangélicas à resignação ante a inferioridade que lhes é imposta perante os homens? Como se desenvolveu, historicamente, o conceito de moralidade cristã imposto às mulheres?

Dialogando com Mary Del Priore, a pesquisadora apresenta-nos como a apropriação histórica do corpo feminino pela religião é capaz de explicar a realidade atual. Citando a Obra Clássica *La peur en Occident*<sup>17</sup> do historiador Jean Delameau, especialmente o capítulo *Les agents de Satan: La Femme*:

[...] entre os séculos XII e XVIII a Igreja identificava, nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra. Tanto a literatura sacra, quanto a profana, descreviam-na como um superlativo de podridão. Quer na filosofia, quer na moral ou na ética do período, era considerada um receptáculo de pecados. Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da lua, ao mesmo tempo que seduzia os homens, repugnava-os. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira repelia-os. O corpo feminino era considerado como fundamentalmente impuro. Pólo negativo, portanto, na dicotomia com que era interpretado (PRIORE, 1999, p.2).

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.amazon.fr/peur-Occident-XIVe-XVIIIe-si%C3%A8cles/dp/2213005567> Acesso em Agosto de 2020.



Ao feminino, então, fora imposto o papel de detentor e disseminador do pecado, sua redenção só poderia acontecer, a partir daí, por meio da obediência à moralidade cristã e pela resignação irrestrita à sua condição de inferioridade ao homem.

O livro de provérbios apresenta um poema que retrata exatamente como deve ser uma mulher ideal, que se submete aos princípios da religião e não sucumbe aos anseios 'carnais' dos quais é portadora:

A perfeita dona de casa, quem encontrará a mulher de valor?  
Vale muito mais que as pérolas. Nela confia teu marido, e a ele não faltam riquezas. Traz-lhe a felicidade, e não a desgraça, todos os dias de sua vida. Adquire a lã e o linho, e trabalha com mãos hábeis. É como a nave mercante, que importa de longe o grão. Noite ainda, se levanta, para alimentar os criados [...] tece roupas para seu uso, veste-se de linho e purpura e na praça o seu marido é respeitado[...] está vestida de força e dignidade e sorri diante do futuro. Abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade [...] não come o pão do ócio [...] Enganosa é a graça, fugaz a formosura! A mulher que teme a lahweh merece louvor! (Pv 31: 10-31)

Cabe ressaltar que o autor desse poema não foi uma mulher! O livro de provérbios é atribuído a diversos autores, todos homens, sem exceção. Dentre esses o mais conhecido é o Rei Salomão, o qual teria tido centenas de mulheres, como já relatado, entre esposas e concubinas.

### **1.5. Feminismo e Cristianismo: Uma antítese necessária.**

Quando tratamos da história do movimento feminista, não podemos desprezar o papel dos cristãos na luta pelos direitos das mulheres, no seio da primeira onda do feminismo (século XIX). Tampouco podemos ignorar que houve, em diversos momentos da história do Cristianismo, seguidores dessa corrente que pugnaram por maior igualdade entre os sexos, pautados na mesma Bíblia que hoje é utilizada por algumas religiões para impor a submissão feminina ao homem. Como apontam os estudos da pesquisadora Vanessa Raquel de Almeida Meira, "movimentos cristãos igualitários,

como setores radicais da Reforma Protestante, apresentaram um padrão de oportunidades para o protagonismo e liderança femininas” (p. 420, 2016).

É fato que se tem, dentro do movimento feminista, uma multiplicidade de posições, até porque a luta por direitos de mulheres brancas não se pauta pelo resguardo aos mesmos interesses perseguidos na defesa dos direitos de mulheres negras, ou de indígenas, etc. No entanto, quando o assunto é religião, observa-se no acervo teórico feminista, majoritariamente, a culpabilização das religiões de vertente cristã pela institucionalização da submissão feminina ao homem, por meio da fé, sem, contudo, apresentar alternativas às mulheres cristãs de um feminismo que não seja necessariamente oposto à fé.

Camille Paglia afirma há importantes elementos na história do feminismo que geralmente são combatidos ou deixados de fora do que ela chama de "narrativa feminista padrão". Segundo ela, isso pode ser percebido na frequente crítica à cultura ocidental, ao sistema capitalista e à religião. Paglia afirma que a história feminista tem insuficientemente reconhecido o nível de influência que a religião exerceu sobre as feministas da Primeira Onda nos EUA. Há na história uma série de "cristianismos alternativos" igualitários, como o montanismo e algumas formas de gnosticismo. Mesmo no cristianismo dominante, o igualitarismo é perceptível nas mulheres místicas, nas comunidades religiosas femininas e movimentos cristãos populares. Surgiram diversos movimentos igualitários na Reforma, nos quais as mulheres tinham o direito de pregar e ensinar publicamente e agirem como líderes da igreja (apud MEIRA, 2016, p.344).

Por volta do século XVII, registros informam que a Igreja Batista tinha entre seus adeptos mulheres, líderes e pregadoras. Mais tarde, nos séculos XIX e XX, eram comuns mulheres pregadoras nos movimentos chamados Holiness e Pentecostais.

Há uma inegável relação entre o desenvolvimento do feminismo e o crescimento do “cristianismo sectário” nos EUA do século XIX, sendo os quakers o grupo igualitarista mais representativo dentre os protestantes. Os quakers são um movimento religioso de tradição protestante fundado pelo inglês George Fox em 1652. Destacaram-se como pacifistas, abolicionistas e igualitaristas de gênero. Lideraram e se envolveram em movimentos contra o tráfico de escravos e a escravidão, pela reforma das prisões, pela abolição da pena de morte e contra as guerras entre nações. Para os Quakers, a dominação masculina era uma manifestação do pecado. A igualdade entre homens e mulheres foi restaurada em Cristo, que ordenou que homens e mulheres fossem anunciadores proféticos do evangelho. O quakerismo proporcionou um ambiente onde mulheres podiam ser ouvidas em pé de igualdade com os homens. Nas reuniões quakers, qualquer pessoa, homem ou mulher, poderia falar. No século XIX, as mulheres quakers se tornaram cada vez mais visíveis, e desempenharam papel fundamental no surgimento da Primeira Onda do feminismo. A história registra que o movimento dos direitos das mulheres

surgiu, em parte, da luta abolicionista da década de 1840, e foi composto em grande medida por mulheres de tradição quaker (MEIRA, 2016 p.374).

O movimento sufragista é outro exemplo importante do engajamento de mulheres religiosas no ativismo feminino, no final do século XIX. O grupo que reivindicava o direito da mulher ao voto, dentre outros, era formado por várias mulheres que seguiam a doutrina cristã, tanto que a primeira convenção pelos direitos das mulheres, denominada *Convenção de Seneca Falls*, em 1848, ocorreu numa Igreja Metodista. Redigiu-se, ao cabo dessa convenção histórica, um relevante documento que pedia igualdade para homens e mulheres perante a lei e o direito de voto para as mulheres:

A lista de mulheres sufragistas que lideraram ou compuseram a Primeira Onda do feminismo está recheada de mulheres cristãs, cuja religiosidade não deve ser tratada como um mero detalhe, mas sim como um importante fator motivador. Elas eram leigas, ministras ou missionárias quakers, ou cristãs devotas de outras denominações protestantes e evangélicas [...] Algumas se destacam, como a quaker Anna Elizabeth Dickinson (1842-1932), a primeira mulher a fazer um discurso político no congresso americano, e Amelia Jenks Bloomer (1818-1894), uma cristã que foi editora do primeiro jornal (*The Lily*) dedicado à causa feminina. Também Lucy Stone (1818-1893), importante liderança sufragista, que, influenciada pelo pensamento igualitário das já mencionadas irmãs Grimké, fez seu primeiro discurso feminista no púlpito da Igreja Evangélica Congregacional pastoreada por seu irmão William Bowman Stone, em 1847. (MEIRA, 2016, p.425)

O engajamento das mulheres religiosas, cristãs, nas primeiras ondas do Movimento Feminista conduz-nos a uma reflexão importante: quando e por que ocorreu uma ruptura entre os cristãos e os ideais feministas? Esta não é uma resposta simples, mas podemos verificar, revisitando a história, alguns destacados conflitos de posicionamento que colocaram os grupos em antagonismo.

De acordo com o teólogo Aldair Queiroz (2018), as pautas defendidas pela primeira onda do movimento feminista eram comungadas tanto pelas mulheres ativistas quanto pelos grupos cristãos que sustentavam a necessidade de maior igualdade entre os gêneros. O direito ao voto, a salários igualitários, à inserção no mercado de trabalho, a imperiosidade de serem reconhecidos direitos sobre os filhos, à alfabetização e à profissionalização, por exemplo, eram reivindicações que não se opunham à doutrina cristã; ao contrário, muitos desses grupos ressaltavam que a igualdade defendida era da vontade de Deus, orientada por Jesus.

Os conflitos entre feminismo e cristianismo só passam a ocorrer depois da segunda e da terceira ondas do movimento feminista, a partir de meados do século passado. As pautas que antes eram comuns tornam-se divergentes, em sua maioria, no instante em que as mulheres reclamam o direito à própria escolha reprodutiva e à liberdade sexual.

Outro ponto que também passa a incomodar fortemente o meio cristão é o lesbianismo, defendido e praticado por algumas feministas do movimento. Por outro lado, muitas ativistas começam a questionar de forma mais incisiva os dogmas religiosos cristãos enquanto fomentadores do conservadorismo do patriarcado e da condição de submissão das mulheres na sociedade.

Como resultado dessa ruptura de pensamentos e pautas, grande parte das mulheres cristãs abandonam a defesa do movimento feminista. As que decidem permanecer criam o movimento feminista cristão, ou teológico, mais voltado às reivindicações que, em tese, não gerem ruptura com os mandamentos bíblicos defendidos pelo Cristianismo. Apesar disso, essa linha feminista alternativa termina não sendo bem aceita nem pelo movimento feminista majoritário, nem pelos cristãos. O primeiro não reconhece sua envergadura como bastante à efetiva defesa dos direitos da mulher, enquanto os religiosos percebem-no não aderente aos dogmas e às condutas fundamentais de sua crença. (GARCIA, 2018).

A pesquisadora Lidiane de Araújo (2013), em sua tese de doutorado, sugere que parte significativa de feministas – teólogas cristãs – refuta a compreensão tradicional da “natureza feminina” que encerra as mulheres numa “especificidade” em que a maternidade se torna destino irrecusável. Essa rejeição do recurso à biologia para explicar o ordenamento social (e religioso) dos sexos leva-as a uma crítica radical da organização das instituições religiosas, apontadas como androcêntricas, hierárquicas e excludentes das mulheres.

A afirmação da autonomia individual das mulheres, que não se opõe à construção de ideais coletivos, mas, ao contrário, a sustenta, conduz também à reivindicação do reconhecimento de sua condição de agentes morais, capazes de escolhas éticas em todos os campos da vida, inclusive naqueles relativos à sexualidade e ao controle da capacidade de conceber novos seres humanos.

Além de estudos empíricos, pesquisadoras feministas dedicaram-se também à

crítica teórica e, analisando os autores clássicos da Sociologia da Religião, Bologh e Erickson, apontaram para o caráter sexista inerente ao pensamento destes, o que contamina suas análises da religião ( apud, ROSADO, 2001).

A divisão entre sagrado e profano, tratada em obra de Durkheim e apresentada como constitutiva das religiões e da sociedade, acaba por relegar às mulheres apenas o domínio do profano/privado. Assim, somente os homens são portadores do sagrado, protagonistas de crenças e ritos pelos quais novas relações e a própria sociedade são constituídas. Já Max Weber associa os homens às religiões fundadas sobre o ascetismo racional que permite o surgimento da figura do líder, do herói.

Às mulheres restam as religiões mágicas, que incorporam o erotismo e as afastam da "ação no mundo". Resultado: homens ativos, mulheres passivas, tanto na religião como na sociedade. De acordo com Woodhead *apud* Rosado, "para que as religiões se tornem espaços nos quais as mulheres possam articular suas vidas e seus desejos, elas devem subvertê-las, apropriar-se delas ou reinterpretá-las" (2001).

Nesse caminho, Mary Del Priore contribui com explanação sobre o tratamento dado ao corpo feminino por volta do século XVII, na Europa:

[...] a medicina e a Igreja uniam forças na luta para a constituição de um Estado centralizado, baseado na privatização do eu e na apropriação privada dos meios de produção. Nesse Estado, tanto o médico, que cuidava dos corpos, quanto o padre, que cuidava das almas, tinham acesso ao corpo feminino. Apoiados na Escolástica, consideravam-no uma abominável roupagem da alma, um perigoso território, um lugar de tentação, votado para a putrefação, destinado aos vermes e excrementos. Para além destas imagens evocativas do pensamento cristão sobre o corpo - imagens que habitam, aliás, suas constantes representações na Idade Moderna ibérica - a noção cristã sobre a sexualidade e o uso dos prazeres limitava-se à retomada de algumas categorias familiares saídas da Antigüidade. Compreendia-se o "exterior" (foris), como invólucro capaz de manifestar ou trair o interior (intus), a alma. Mais além, a teologia insistia em reinterpretar a distinção corpo/alma por meio da dicotomia corpo mortal/alma imortal. Havia uma dolorosa distinção entre esses dois pólos: um, positivo, centrado na encarnação do único corpo que importava, aquele do Cristo, capaz de fazer pensar o físico como meio e lugar da salvação; e um pólo negativo, que definia o corpo como matéria impura, vetor do pecado original, revelando-se, na sua contigüidade com a carne, marcado pela luxúria e pelo pecado (2010, p.9)

Para fazer frente a essa "demonização" histórica do feminino pela Igreja, o

movimento feminista teria que, necessariamente, posicionar-se contrário aos dogmas religiosos arbitrariamente impostos às mulheres. Para tanto, talvez possa ser dito que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a Teologia Feminista. Cabe dizer, porém, que os efeitos da crítica feminista às religiões foram também dos mais contraditórios: do abandono de qualquer fé religiosa pelas mulheres à criação de espaços feministas de espiritualidade de vários tipos, expressando uma enorme criatividade e efervescência (ROSADO, 2001).

## **CAPÍTULO 2. - ESTADO, RELIGIÃO E FAMÍLIA: Estado Laico X Estado Conservador**

A relação entre religião e Estado, historicamente, mostrou-se pouco favorável para a classe trabalhadora e menos ainda para as mulheres. O surgimento e a evolução do Cristianismo não se deu de modo diferente, como bem apontam as preclaras lições de Rosa Luxemburgo:

A religião crista desenvolveu-se, como é bem conhecido, na Roma antiga, no período do declínio do império, que fora, antes, rico e poderoso, compreendendo os países que são hoje a Itália e a Espanha, parte da França, parte da Turquia, a Palestina e outros territórios. O estado de Roma, na época do nascimento de Jesus Cristo, parecia-se muito com o da Rússia czarista. Por um lado, ali vivia um punhado de gente rica, gozando da luxúria e todos os prazeres; por outro lado, uma enorme massa de pobres apodrecia na pobreza; sobretudo um governo despótico, assentado na violência e na corrupção, exercia uma vil opressão. Todo o império Romano foi mergulhado em completa desordem e cercado por ameaçadores inimigos externos: a soldadesca desenfreada, no poder, praticava as suas crueldades sobre a população desgraçada; a província estava deserta, a terra jazia abandonada, as cidades, especialmente Roma, a capital, estava cheia de uma pobreza chocante que erguia os olhos carregados de ódio para os palácios dos ricos; o povo estava sem pão, sem abrigo, sem vestuário, sem esperança e sem possibilidades de sair de sua pobreza (1980, p, 03).

Nosso Estado, apesar de acolher a laicidade no bojo da Constituição Federal, sofre elevada intervenção da religião em suas instituições. O conservadorismo

religioso está implícito na elaboração das leis, na manutenção de uma sociedade opressora e na gênese de inúmeros conflitos, marcadamente no que pertine à violência de gênero. Podemos apontar questões recentes e de relevo que contaram com a participação decisiva das organizações religiosas, a exemplo de matérias relacionadas ao aborto e à homoafetividade.

Nesse contexto, o Estado exerce papel importante no apoio à conservação e reprodução dos dogmas e indulgências historicamente impostos pela religião. Tanto se dá porque:

O homem [...] possui todas as condições objetivas e subjetivas para atuar com vontade própria e conscientemente, pois é esse caráter voluntário e universal da atividade humana que se contrapõe ao domínio da naturalidade e da casualidade. Mas, as relações sociais de produção assentadas na propriedade privada dos meios de produção alienam o próprio homem da sua capacidade de agir conscientemente; e, por conseguinte, esse mesmo homem passa a não mais dominar as relações sociais necessárias ao seu desenvolvimento material e espiritual, mas a ser dominado - não é indivíduo total, mas membro unilateral de uma determinada esfera, e vive, numa palavra, no reino da necessidade, e não no da liberdade (FERREIRA, BITTAR, 2008 p.15 ).

A religião não foi objeto de estudo aprofundado de Marx, que se limitou, em seus textos, a ressaltar a influência negativa da intervenção religiosa no Estado e na vida do indivíduo, ao tempo em que percebia a religião como um reflexo das más condições da classe trabalhadora. Esta, não tendo a quem recorrer, buscava nas Igrejas consolo espiritual para sua condição de oprimido pela sociedade burguesa.

Marx, em “A Sagrada Família” (1845), tratou da conexão entre a instituição familiar conservadora, defendida pela Igreja, e a manutenção da ordem burguesa:

[...] o casamento, a propriedade, a família permanecem inatacados, na teoria, porque se constituem na base prática sobre a qual a burguesia ergueu sua dominação, e porque, em sua forma burguesa, são as condições que fazem do burguês um burguês [...] Esta atitude do burguês com relação às condições de sua existência adquire uma das suas formas universais na moralidade burguesa. Não se pode, em geral, falar da família “como tal”. Historicamente, o burguês dá à família o caráter da família burguesa, em que o tédio e o dinheiro são o elo de ligação, e que inclui também a dissolução burguesa da família, que não impede a própria família de continuar sempre existindo. Sua existência vil tem seu equivalente no conceito sagrado que se faz dela na

fraseologia oficial e na hipocrisia universal...(entre o proletariado) o conceito da família simplesmente não existe... No século dezoito, o conceito da família foi abolido pelos filósofos, porque a família atual já se encontrava em processo de dissolução, nos maiores pináculos da civilização. O laço familiar interno foi dissolvido, os componentes isolados que constituíam o conceito da família foram dissolvidos, por exemplo, obediência, piedade, fidelidade matrimonial, etc.; mas o corpo real da família, a relação de propriedade, a atitude exclusiva em relação a outras famílias, a coabitação forçada – relações produzidas pela existência de crianças, a estrutura das cidades modernas, formação de capital, etc. – tudo isso foi preservado, embora com numerosas violações, porque a existência da família foi tornada necessária por sua conexão com o modo de produção, que existe independentemente da vontade da sociedade burguesa (MARX, 1845).

Em ensaio nominado “A questão Judaica”, Marx apresenta fundamentada crítica avessa ao estudo do teólogo Bruno Bauer, de quem já havia sido amigo e com o qual havia pactuado ideias no passado. Marx trata a religião como um fenômeno contraditório e exara a célebre frase: “a religião é o ópio do povo”. Cabe ressaltar que Marx provinha de família judia e, no decorrer da vida, veio a se declarar ateu. A decisão de Marx pelo ateísmo, todavia, não foi impulsionada por uma decepção com a religião, e sim após análise dos impactos da religião na existência das pessoas. O ponto central apresentado na crítica de Marx trata da afirmação de Bauer de que a emancipação do indivíduo passa, necessariamente, pelo fim da religião e pelo Estado laico.

A religião surge, então, como um fenômeno contraditório, “ao mesmo tempo expressão da miséria real e protesto contra essa miséria”. Logo, como expressão, não é a religião a responsável pela alienação do homem, mas tradução de um sistema, e faz-se então necessária para a manutenção da ordem. Ele ataca a manifestação da miséria real sem levar em conta seu reverso de protesto legítimo e sem ir às raízes dessa miséria, dito de outra forma, “a um Estado que tem necessidade de ilusões”. Após levar a termo a crítica da religião, é urgente “desmascarar a autoalienação humana em sua forma sagrada” (MARX, questão judaica, 1843).

A crítica à Bauer prossegue, ainda, em sua consideração de que o ateísmo é condição necessária e suficiente da igualdade civil, “ignorando a essência do Estado”. Para Bauer, “os judeus se emanciparam à medida que avançaram na teoria”, sendo “livres à medida que o querem”, ou seja, na medida em que se afastam da religião



(MARX, questão judaica, 1843).

A lógica defendida por Bauer de um ateísmo, de um Estado autoritário, sendo necessária a renúncia a qualquer religião, poderia, de acordo com Marx:

[...] levar à força judeus e cristãos em seu [de Bauer] Estado crítico". Marx previa, assim, os riscos de um ateísmo doutrinário e de catecismos positivistas, que substituíssem o fetichismo religioso por um fetichismo estatal. Esse ateísmo à maneira de Bauer seria simplesmente "o último grau do teísmo" e o "reconhecimento negativo de deus (1843).

Tornar o Estado laico não quer dizer emancipar seus cidadãos da religião. Pelo contrário, o Estado laico é a melhor condição para o mais pleno domínio da religião na vida cotidiana, porque transforma a religião em uma questão não-estatal, significando, dentro do contexto do mundo atual, convertê-la em uma questão privada. Livre dos ordenamentos estatais, a religião pode então se articular plenamente com a vida privada burguesa. O cidadão sente-se religiosamente livre quando o Estado se declara laico. "Donde se conclui que (na emancipação política) o homem se liberta por meio do Estado" ((MARX, p.24, 1969 ).

A crítica de Marx à liberdade religiosa burguesa não é uma defesa, não pode ser confundida com uma regulamentação estatal da religião. Ele está postulando a abolição das condições degradantes de vida que tornam a religião uma necessidade; está, portanto, asseverando a superação das condições históricas que fundam e tornam necessária a religião – e, com as devidas mediações, o Estado "político", a propriedade privada e a cidadania. Marx crítica, assim, os limites da emancipação política para assinalar a necessidade de sua superação pela emancipação humana, para propor uma sociedade comunista (nos termos de 1843, uma sociedade "não alienada" e "sem dinheiro") que não necessite nem do Estado, tampouco da religião. Não se trata, portanto, de defender a intervenção Estatal, mas sim a extinção do Estado (MARX, p. 26; p.35, 1969).

Coerente com a constatação de que o trabalho é a categoria fundante do mundo social, Marx afirma que assim como a emancipação política tem como fundamento um ato de trabalho – o trabalho assalariado – a emancipação humana tem como seu fundamento outra forma de trabalho, o trabalho associado. Este se caracteriza por ser uma forma de trabalho livre, consciente, coletiva e universal. E, por

sua natureza, elimina pela raiz toda forma de exploração e opressão do homem pelo homem, possibilitando a todos os indivíduos serem plenamente livres e realizarem, da forma mais ampla possível, as suas potencialidades (TONET, 2015).

Retornando à conhecida frase de Marx, que equipara a religião ao entorpecente das massas, essa afirmação parte da observação de Marx da condição dos operários ingleses e da doutrinação religiosa por eles sofrida. O filósofo associa a religião ao ópio – substância alucinógena consumida nos subúrbios de Londres, inclusive por trabalhadores que buscavam alternativas às suas rotinas degradantes. Assim, a religião tiraria do homem a sua capacidade de analisar a materialidade, de compreender o chão de fábrica e até mesmo o ambiente periférico em que se encontra.

Engels declarou que a desigualdade dos sexos seria um dos primeiros antagonismos dentro da espécie humana. O primeiro antagonismo de classes, segundo diz:

“[...] coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe, com a do sexo feminino pelo masculino.” Baseando muito de sua teoria nas imprecisas investigações antropológicas de Morgan, Engels, não obstante, realizou algumas análises valiosas. A herança, que é a chave para o seu exame econômico, foi primeiro de linha materna, mas, com o aumento da riqueza, tornou-se de linha paterna. Este foi o maior retrocesso da mulher, considerado isoladamente. A fidelidade da mulher se torna essencial e a monogamia é irrevogavelmente estabelecida. A esposa na família comunística, patriarcal, é um servidor público, com a monogamia ela se torna um servidor particular. Engels efetivamente reduz o problema da mulher à sua capacidade de trabalho. Por esta razão, deu a fraqueza psicológica dela como uma causa primária de sua opressão. Situa o momento de sua exploração no momento de transição da propriedade comunal para a propriedade privada. Se a inabilidade para o trabalho é a causa de seu *status* inferior, a habilidade para o trabalho trará sua libertação (MITCHELL, p. 203. 2006).

Nessa seara, o Estado, apresenta-se como funcional aos grupos evangélicos, que viram na oportunidade de eleição de seus membros a cargos públicos o caminho para legitimar a produção e reprodução de suas práticas conservadoras religiosas. A eleição presidencial de 2018 demonstrou o poder dos líderes religiosos evangélicos de ascender à vida pública munidos de discursos ultraconservadores. Como bem pontua o pesquisador do Protestantismo, Doutor Lyndon Araujo dos Santos:

“Religião e política estão na ordem do dia. A última eleição presidencial do Brasil; a ascensão dos evangélicos; a problemática no cenário mundial da ressurgência de fundamentalismo e intolerância; e o discurso de ódio: é nítido que religião e política são inseparáveis atualmente. No Brasil, temos relativa evidência dos evangélicos, inclusive o voto deles foi decisivo nas eleições presidenciais de 2018. ”, pontuou o coordenador do Rehcult, Lyndon Santos” (2019).

No momento atual do panorama social e político brasileiro, portanto, o ato de ignorar o poder da religião, como se os movimentos sob ela albergados fossem indiferentes aos rumos que o país tomará, ou, ainda, tratar as organizações político-religiosas e sua influência de forma reducionista, a toda evidência, são erros crassos. Da mesma forma, classificar a atuação de tais segmentos como algo exclusivamente nocivo revela uma visão apenas parcial do fenômeno, sua complexidade e alcance. De acordo com Paul Charles Freston:

[...] devemos ver a religião como um fator autônomo e potencial capaz de ter uma influência independente sobre os acontecimentos (para o pior ou melhor) e sendo, como todos os fenômenos humanos, profundamente ambivalente. Devemos reconhecer a natureza multifacetada da religião na vida pública: a religião pode funcionar como ideias, como fonte de identidade, como força mobilizadora, como redes extensas, como fornecedora de serviços para seus próprios adeptos e para além deles, como fonte de ética e valores, como escola e como gestora de poderes institucionais. Sociologicamente [...] o desempenho público de grupos religiosos não pode ser deduzido com base em suas doutrinas religiosas. As tradições religiosas não são unívocas nem imutáveis, há sempre diversidade e evolução, mas cada tradição religiosa se desenvolve dentro de certa lógica, com certas tendências prevaletentes” (2019, p. 170).

A questão apresenta-se socialmente relevante, pois, sobretudo à vista do avanço do conservadorismo nos tempos atuais, sob a égide estatal. É o que veremos a seguir.

## **2.1. Conservadorismo religioso e sua relação com a violência de gênero**

A violência surge quando os gêneros não-masculinos saem

dos lugares que lhes são determinados e se tornam subversivos – quando o poder patriarcal estruturado é contestado e se acha ameaçado. A violência praticada pela sociedade patriarcal se realiza de diversas formas: identitária, física, psicológica, sexual, institucional, social e politicamente. Articuladas, elas constituem o arsenal de que dispõe o gênero masculino para manter seu poder sobre os outros gêneros (FALEIROS, 2007, p. 73).

Já tratamos, em diversos momentos desta abordagem, sobre as condições implícitas e explícitas da religião cristã que, à luz do conservadorismo, resultam determinantes para a subjugação e submissão da mulher na sociedade. A destituição de direitos, de autonomia, de liberdade de expressão, a ausência de participação nos espaços políticos de decisão, enfim, são todas mazelas expostas pelo patriarcalismo religioso.

Não bastasse, todavia, a gravidade e o alcance de tais flagelos, os espaços religiosos podem encerrar violências ainda mais cruéis e perniciosas do que as relatadas, migrando dos cerceamentos psicológicos para as agressões físicas propriamente ditas, culminando estas no feminicídio de mulheres evangélicas. Por tal razão, faz-se necessário ir além da aparência de “subalternidade consentida”, na linha pregada por essas Instituições, para um aprofundamento reflexivo sobre a temática da violência de gênero sob o manto da religião.

O livro *“A Igreja Sem Voz – Análise de Gênero e Violência Doméstica Entre as Mulheres Evangélicas”*, da teóloga Valéria Cristina Vilhena, de 2016, demonstrou que 40% das mulheres que sofrem violência no Brasil são de religiões Evangélicas. A pesquisadora expõe ainda seu fundado receio de que as estatísticas apresentadas não retratem com fidelidade as reais dimensões do fenômeno.

Qual, pois, o fundamento dessa preocupação? Sabe-se que no meio evangélico, muito mais do que em outras religiões do Brasil, vige a regra primária de que os conflitos particulares de seus membros devem ser levados primeiramente ao Pastor/Líder da congregação. Assim, aumenta a probabilidade de que mulheres Evangélicas não exponham o que ocorre no seu ambiente privado para pessoas ou instituições que sejam de fora do seu grupo religioso, pois tal atitude pode ser interpretada como afronta à Igreja e a seus cânones. Por sua vez, um Pastor dificilmente orientaria uma mulher agredida a denunciar seu cônjuge agressor. Ao contrário, o rito usualmente previsto para hipóteses dessa natureza é bem outro,

passando pela prescrição de jejuns e orações à ofendida, no intuito de livrar o cônjuge da presença “demoníaca” que o incitou à agressão. Impera nesses espaços, assim dito, a ideologia do perdão e da resignação, em dissintonia com os procedimentos policiais e com a legislação penal vigente.

As histórias de conversão ao pentecostalismo e de afiliação ao Movimento de Renovação Carismática Católica indicam que as motivações mais freqüentes para as mulheres procurarem esses grupos religiosos são: as desavenças conjugais, os problemas financeiros e ou o desemprego do chefe de família, a depressão ou o nervosismo feminino e os problemas de saúde de algum membro do grupo doméstico. Tal ênfase no universo familiar tem levado vários autores a concluir pela importância da “tensão doméstica” na formação da vida religiosa das mulheres casadas. Burdick (1990:246) explica a migração de mulheres pobres do catolicismo para o pentecostalismo e para a Umbanda, em função dos recursos institucionais e teológicos oferecidos por essas religiões às esposas aflitas. (Machado, Mariz, p.9, 1997).

Em outra pesquisa, de 2010, Vilhena entrevistou mulheres evangélicas vítimas de violência física. Os discursos apresentados comprovam o papel da fé e da religiosidade como determinantes para a aceitação das agressões sofridas. Uma delas declarou:

A fé remove montanhas, acreditar, perseverar – o inimigo fica furioso, mas ele está derrotado. O inimigo usa ele, ele não quer mais prosperar na vida e não quer que eu prospere (em tom de lamentação, tristeza continua) ele pega minhas panelas e dá para os outros. Eu ganhei de prêmio uma panelinha linda porque eu vendi muito bem, sabe, mas ele pegou minha panelinha linda e deu.

A atribuição dos desvios morais dos homens à intervenção demoníaca, defendida por parcela dos evangélicos, acaba se tornando muito conveniente aos agressores, possibilitando que sejam eximidos da responsabilidade por suas ações, além de estimular a resignação e a tolerância por parte dos familiares e da comunidade religiosa.

O artifício de transferir culpa ao Diabo pelas agressões masculinas contra mulheres coloca os homens na benéfica condição de vítimas. Passam, então, de agressores a sujeitos passivos de uma violência espiritual, manipulados pelo demônio e merecedores, assim, de apoio, compreensão e súplicas a Deus, visando sua libertação.

[...] as mulheres, como todos os seres na ordem patriarcal, devem obedecer a um padrão social pré estabelecido, no qual as pessoas entram na dinâmica da cultura da obediência quase sem perceber que obedecem, sem ter outra opção, participando assim, de uma igualdade idealizada, jamais efetivada na vida real nem nas relações cotidianas. (Gebara, 2000 p.121)

O pesquisador e teólogo Gustavo V. Silva, em 2013, entrevistou evangélicas vítimas de violência de gênero. O resultado desse estudo, elaborado por meio da análise de relatos, vai ao encontro das inferências expostas pela pesquisadora Valéria Vilhena, atestando a cultura Pentecostal e Neopentecostal de transferência da responsabilidade dos agressores para o jugo de forças malignas. É possível perceber também o alto grau de resignação e apatia nas falas de algumas agredidas, como demonstrado no exemplo a seguir:

[...] Ele só falava, me orientava pra eu ter paciência, porque tinha momentos que ele pegava até faca e falava: - acaba com a vida dele, vai, vai que te ajudo, acaba com a vida dele. E aquilo, jamais eu ia fazer isso, porque eu tava vendo que não era ele, era um diabo que tava usando o corpo dele até mesmo pra que eu tirasse a vida dele, eu não sei, ai ele explicava pra mim, ele falou vamos ter paciência, vamos pedir a Deus, vamos orando que isso vai acabar (SILVA, 2013 p. 139).

Outra fiel pesquisada relata já haver enfrentado tentativa de submissão no meio religioso, mas que não aceitou tais amarras, concluindo que não seria correto abrir mão de seus valores e de sua essência em nome da religiosidade:

[...] muitos usam esse termo que a mulher tem que ser submissa ao homem, né, esse negócio de submissão é uma coisa assim que traz muito conflito porque uma pessoa se submeter a outra, aos caprichos de outra pessoa, às vontades de outra pessoa, ao egoísmo de outra pessoa, é muito difícil, e eu sou uma pessoa de opinião, eu sou uma pessoa de pensar, e não gosto que ninguém me faça, é..., ficar ali, naquele mundinho que eu tenho que ser aquilo que eu não posso pensar por mim mesma, que quer pensar por mim, né. E ele muitas vezes queria que eu fizesse o que ele queria, né e eu não, eu sou uma pessoa que eu tenho opinião formada e aguentei muita coisa, muito tempo, até mesmo envolto de religião, né, mais hoje eu vejo esse assunto de submissão algo muito diferente é coisa que a gente vai aprendendo com o tempo né, com o tempo você vai aprendendo que submissão não quer dizer que a mulher tem que estar submetida à vontade de um homem, mas que a mulher tem que ser companheira, saber compreender, saber ouvir, né e buscar dentro dum termo assim, resolver em comum, né, fazer a pessoa entender aquilo que você quer

falar, e não receber ordem como se você fosse uma criança como se você não tivesse a mente para pensar né (SILVA, 2013, p 140).

Muitas mulheres tornam-se evangélicas porque almejam o preenchimento de lacunas espirituais, a cura de enfermidades ou a superação de problemas sentimentais. A subjugação das mulheres, praticadas por muitas das denominações evangélicas, não se revelam de pronto. A domesticação se dá a conta-gotas, uma palavra aqui, uma orientação ali, até que a obediência seja colocada como critério indispensável para o recebimento das bençãos que estas tanto almejam – tarde demais para desistir.

### **CAPÍTULO 3. - A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA PROPAGAÇÃO DOS DOGMAS RELIGIOSOS: Mulher e submissão religiosa.**

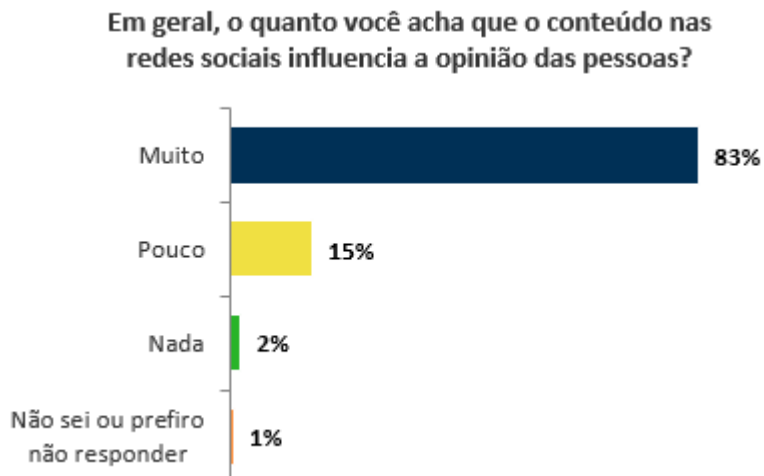
É sabido que as mídias sociais são fonte de informação para grande parte da população do país. Sem leis específicas que assegurem a veracidade das informações, e ante a ausência de fiscalização para coibir abusos na *internet*, esse espaço tornou-se terreno fértil para a doutrinação empírica dos indivíduos e para a disseminação de valores antes restritos a espaços privados. Se outrora o acesso a pregações de dogmas e crenças religiosas demandava a presença física nos templos, hoje esse mesmo conteúdo pode ser alcançado eletronicamente, de qualquer localidade.

Em 2018, por exemplo, a influência das mídias sociais mostrou sua força e alcance para a eleição do então candidato à Presidência, Jair Bolsonaro. Mesmo provido de acanhado espaço televisivo, o então candidato utilizou-se massivamente da *internet* para a propagação de sua campanha. Com foco no público evangélico e conservador liberal, mobilizou o segmento para atuar como cabo eleitoral de suas propostas, replicando-as em suas próprias páginas nas redes sociais. Eram comumente encontradas, à época, páginas e postagens de religiosos fazendo campanha para aquele de sobrenome Messias, alçando-o inclusive ao posto de “enviado de Deus” para a salvação da pátria. Munido de um discurso agressivo e excludente, a ideologia proposta no palanque virtual de Bolsonaro enfatizava

abertamente sua oposição às questões de gênero, tratando temas relacionados à mulher de forma desrespeitosa e machista. Justamente por conta de seu discurso belicoso e conservador, o candidato atraiu a simpatia, os votos e a militância de setores Evangélicos.

No Facebook, de acordo com estudo do Monitor de Debate Político da USP<sup>18</sup>, “os apoiadores de Bolsonaro movimentaram 38 milhões de interações, cujos temas frequentemente eram de conteúdo antifeminista, antipetista e antimídia. Bolsonaro não ganhou um terço do eleitorado discutindo propostas, mas discutindo moralidade” (ORTELHANO, Pablo; apud, PASSOS, HOUS, 2018).

Com efeito, o espantoso alcance dos conteúdos eletrônicos é uma realidade que não pode ser subestimada. Pesquisa encomendada em 2019 pelo DataSenado, confirmou o número expressivo de pessoas que buscam informações na *internet*: cerca de 83% dos entrevistados consideraram que as redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas:



DataSenado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado>

Considerando que utilizamos na coleta de conteúdo para análise as plataformas *Instagram* e *YouTube*, faz-se oportuna uma breve explicação sobre tais aplicativos. O *Instagram*, rede digital em que os usuários interagem com seus

<sup>18</sup> é um projeto de pesquisa realizado desde 2016 pelo Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação (GPoPAI) com sede na USP Leste. O projeto investiga a polarização do debate político por meio de pesquisas de opinião e da análise do conteúdo político de abrangência nacional que circula nas quatro maiores plataformas de redes sociais: Instagram, Twitter, *YouTube* e Facebook. Fonte: <https://www.monitordigital.org/quem-somos/> Acesso em Junho de 2020.



seguidores por meio de fotos, vídeos e textos, adquiriu visibilidade extraordinária após sua aquisição pelo Facebook, de Mark Zuckerberg, em 2012. Seu foco é a postagem de imagens e vídeos editados, sobretudo, além de permitir a seus usuários o compartilhamento de textos e mensagens.

A intenção inicial do aplicativo era tornar comunitárias fotos do dia a dia de seus inscritos. Quase uma década após sua criação, o *Instagram* deixou de ser fonte apenas de entretenimento e hoje é considerado um grande manancial para a busca de conhecimento empírico, influenciando consideravelmente o comportamento social de jovens e adultos.

O grau de popularidade e influência dos usuários da plataforma é medido pela quantidade de seguidores que estes possuem, bem como pelo número de 'curtidas' que recebem em suas postagens.

Por tal razão, em busca de maior visibilidade e alcance social, parte dos usuários do *Instagram* costuma “maquiar” suas vidas e postar na rede uma imagem de perfeição inatingível no mundo real. As mídias e informações inseridas na plataforma costumam ser carregadas de filtros, edições e manipulações empregadas como ferramentas para convencer os seguidores da validade de seus comportamentos e estilos de vida, vendendo-os como arquétipos primordiais ao atingimento do sucesso e da felicidade.

O habitus, portanto, serve ao indivíduo como matéria-prima para a construção da sua subjetividade no ciberespaço, corroborando sua identificação a gostos que atestam a suposta veracidade do ethos que deseja representar. Assim, o uso do Instagram para a postagem de fotos [...] permite a adequação a determinados padrões de comportamento que são atrelados a grupos sociais valorizados positivamente, revelando o ator como fiel representante desta associação seleta de pessoas. Dessa forma, além de exibir a posse do bem simbólico (quando fundado, o aplicativo só poderia ser utilizado por usuários do sistema operacional IOS, disponível em aparelhos da Apple, como o Iphone), seu uso deve estar apropriado à sofisticação e ao luxo a ele atribuído. Deste modo, comumente as imagens produzidas envolvem bebidas importadas e pratos sofisticados, paisagens nostálgicas, lugares fotografados sob a tentativa de um olhar artístico e diferenciado etc [...] Dentro dessa perspectiva, os usuários do Instagram criam uma certa valorização deste tipo de imagem, compartilhando hábitos singulares como modelo de gosto a ser seguido. Generalizado dentro do grupo social, este gosto passa a ser visto como parte da natureza dos indivíduos, nos quais a aprendizagem de valor introjeta formas de estar no mundo subjetivadas (CARREIRA, 2012, p.152.)

Usuários que possuem elevado número de seguidores no *Instagram*, sugerindo

uma vida formalmente invejável e merecedora de ser copiada, costumam arrastar a opinião de seus admiradores por meio de discursos e opiniões sobre os mais variados assuntos. Desse modo, o que chancela a autoridade e o protagonismo do ator não é o grau de estudos ou a conformidade de sua fala com pesquisas científicas, mas sim a mera popularidade de que desfruta.

O usuário pode ainda lançar mão de uma infinidade de recursos voltados a formatar sua interação com o público da maneira que julgar conveniente. Exemplo do que se afirma é a possibilidade do autor de determinada postagem filtrar, dentre os comentários recebidos, somente aqueles que lhe interessem, bloqueando ou excluindo inserções contrárias a suas opiniões ou ao conteúdo que pretende divulgar. Deste modo, a um usuário qualquer parecerá que a esmagadora maioria, senão a totalidade dos internautas, ao visualizar e comentar a publicação, está de acordo com a opinião de seu autor, por mais falso, bizarro ou absurdo que o conteúdo possa parecer. Manobras como essa constituem lamentável desserviço ao atingimento de uma opinião isenta e dialética, direcionando e manipulando o exercício cognitivo de uma expressiva massa de internautas.

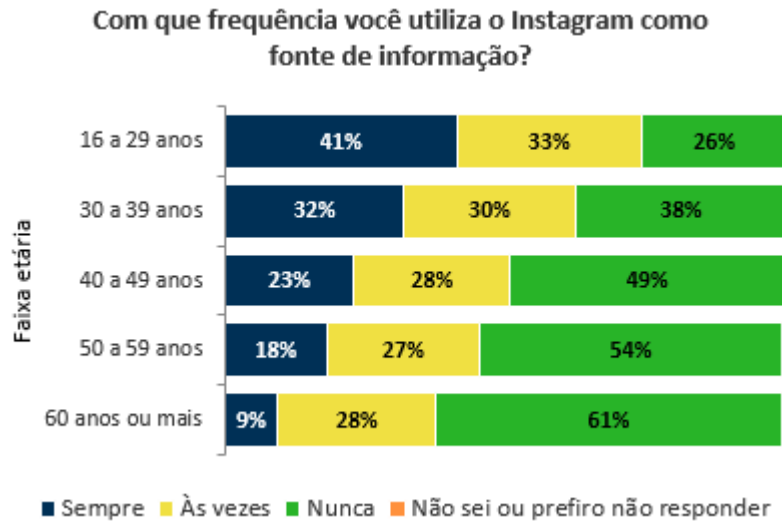
Diferente do *Instagram*, o *Youtube* é voltado especificamente para a publicação de vídeos de seus usuários cadastrados, a maior parte produções caseiras. A evolução das tecnologias da informação e comunicação (TICS) e a crescente popularização das mídias digitais têm gerado profundas transformações nas formas de apresentação e nos modos de relacionamento intersubjetivos. Neste contexto, o *YouTube* emerge como um emblemático dispositivo de exposição de conteúdos online através do compartilhamento de vídeos produzidos por seus próprios usuários.

Desde o seu lançamento, em 2005, até os dias de hoje, o site causou uma verdadeira revolução na forma como consumimos conteúdo na rede.

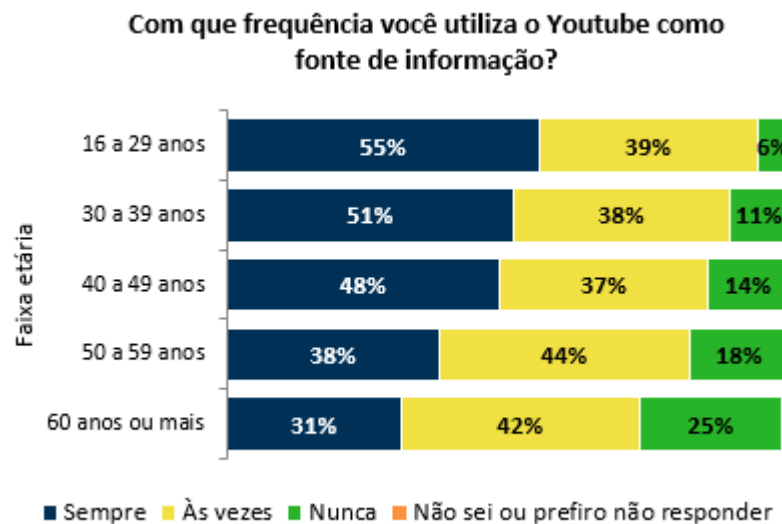
Ocupando o posto de segundo maior buscador da internet, atrás apenas do *Google*, o *YouTube* já conta com mais de 1,5 bilhão de usuários ativos. E cada um deles passa, em média, uma hora e quinze minutos diários assistindo a vídeos na plataforma.

Com relação à busca de informações, a plataforma *YouTube* aparece como a segunda mais acessada com esse intuito, atrás apenas do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. O Facebook é apontado como o terceiro mais acessado, seguido do *Instagram* (DataSenado, 2019). Em relação à faixa etária dos usuários dessas plataformas, extrai-se da amostra que o *Youtube* é a mais utilizada por adultos e

idosos como meio de buscar informações, dividindo espaço com o *Instagram* na preferência dos mais jovens. Confirmam-se, a propósito, as faixas etárias e suas predileções:



DataSenado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado> Acesso em Março de 2020.



DataSenado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado> Acesso em Março de 2020.

Considerando a relevância dessas plataformas para a cooptação de usuários e a difusão de ideias, realizamos busca com o tema *mulher Pentecostal e/ou mulher Neopentecostal*, a princípio na Plataforma *Youtube*. Encontramos dezenas de vídeos

com orientações de como as mulheres cristãs devem portar-se em sociedade e de como estas devem ser submissas ao homem, baseando-se, segundo os autores das postagens, em textos bíblicos.

Para as primeiras análises e respectiva problematização, realizamos um recorte dos vídeos do *Youtube* que lograram maior alcance, isto é, com maior número de visualizações, ou que foram postados por pessoas que ocupam cargos públicos e que integram denominações evangélicas. Note-se que postagens envolvendo figuras de destaque no meio cristão Pentecostal e Neopentecostal, por seus protagonistas ou por terceiros, atraem audiência expressiva em razão de seu *status* de formadores de opinião.

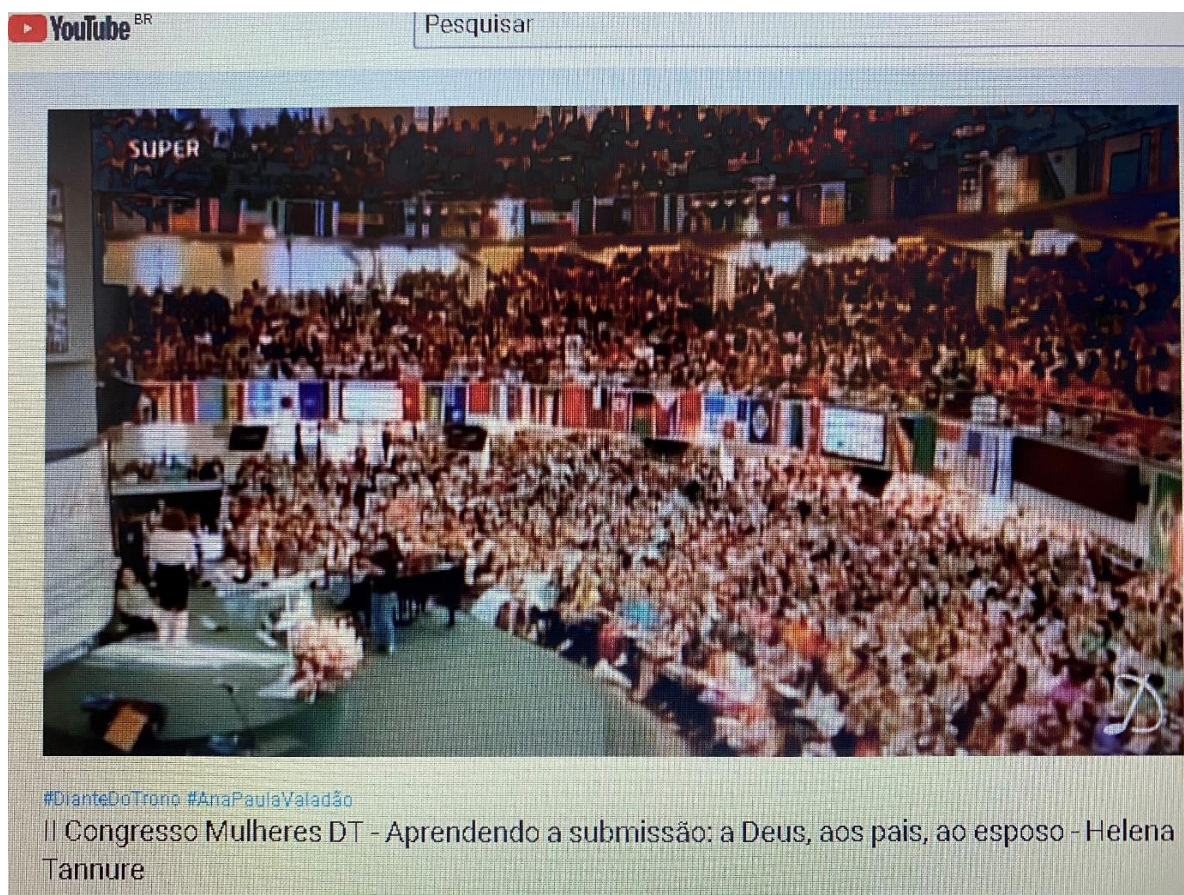
O primeiro vídeo analisado é o intitulado *II Congresso Mulheres DT - Aprendendo a submissão: a Deus, aos pais, ao esposo – Helena Tannure*. O vídeo conta com 152.010 mil visualizações e foi postado pelo movimento Diante do Trono, da Igreja Batista da Lagoinha, de origem Pentecostal. Cabe ressaltar que cada um dos vídeos trazidos à reflexão é usualmente replicado por outros usuários da plataforma, e cada vez que isso ocorre o número de acessos cresce exponencialmente, impossibilitando a aferição do número real de visualizações do conteúdo. Por essa razão, os números considerados contemplam a postagem com maior número de *views*, geralmente da própria igreja divulgadora, de modo a evitar-se a soma de acessos em postagens diversas do mesmo conteúdo, o que conduziria ao cômputo de visualizações repetidas, pelo mesmo indivíduo, em canais diferentes.

Como referido, pois, o mencionado vídeo foi gravado durante congresso anual organizado pela Igreja Batista da Lagoinha, destinado ao público feminino. As palestrantes nesses eventos costumam focar o modo como as mulheres cristãs devem portar-se em seu lar, na igreja, em sociedade e com seu cônjuge. Cantarolando um versículo bíblico “*quem quiser vir após mim negue-se a si mesmo, quem quiser vir após mim, tome a sua cruz*”<sup>19</sup>, a preletora Helena Tannure conceitua que a negativa de si próprio envolve não submeter-se às vontades do corpo, ao que se deseja fazer (minuto 24 do vídeo). Prossegue, então, afirmando às ouvintes que estas devem abrir mão dos seus direitos em detrimento da vontade de Deus, do que Ele reserva para suas vidas. Explica mais: “*na hierarquia de Deus a humilhação vem antes da adoração*”, ao argumento de que nenhum sofrimento é maior do que o

---

<sup>19</sup> Lucas, capítulo 9 versos de 23-26

sofrimento de Cristo na cruz. Por esta razão, a humilhação e a obediência devem ser praticadas pelas mulheres, já que, parafraseando a passagem bíblica, “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo”.



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=lKEhBE1iqnw> Acesso em Abril de 2020.

A Igreja batista da Lagoinha tem como frequentadora a atual Ministra de Estado da Mulher da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, conhecida por discursos conservadores e afirmações polêmicas – *gravidez é um problema que dura só nove meses, ninguém nasce gay, é o momento da Igreja governar, a mulher nasceu para ser mãe, meninos vestem azul, meninas vestem rosa*, dentre outras.

Em recente discurso no plenário da Câmara dos Deputados, a Ministra declarou seu entendimento de que “na concepção cristã, as mulheres devem ser submissas ao homem no casamento”. Quando questionada pela deputada Alice Portugal (PCdoB-BA) sobre sua opinião específica em relação ao papel de submissão da mulher, Damares reafirmou que “sim, dentro da doutrina cristã, o homem é o líder do

casamento” (G1, 2019). Em outra oportunidade, por ocasião do dia Internacional da Mulher, a ministra declarou “eu não sou feminista, sou feminina”. No entanto, em meados do ano em curso, assim se pronunciou:

“Eu sou uma mulher que luta pela pauta da mulher. Uma mulher que entende que precisamos avançar e muito nessa pauta. Ainda tem muita violência contra a mulher no Brasil. Precisamos entender esse fenômeno e atuar para erradicar, porque a violência se apresenta de diversas formas – física, psicológica, patrimonial, política, o não acesso à saúde, a falta de saneamento básico” (R7, 2020).

O que se percebe é um descasamento entre as diversas falas oficiais, materializadas nos discursos conflitantes da responsável pelas ações governamentais atinentes à mulher, tudo com reflexo na paralisia das políticas sociais e na ausência de guarida estatal aos anseios femininos.

Importante enfatizar que à Ministra é resguardado o direito constitucional de professar livremente sua fé, assim como a qualquer um do povo, seja de vertente evangélica ou de qualquer outra matiz. A preocupação em causa é de natureza bem outra e relaciona-se à mistura da religião com o trato da coisa pública, é o iníquo balizamento dos programas e das políticas estatais por critérios de fé, à luz do menosprezo do agente público pela laicidade do Estado. Em exemplo recente, tem-se a polêmica associada ao suposto favorecimento da Prefeitura do Rio de Janeiro à Igreja Universal do Reino de Deus e a seu corpo evangélico.

De fato, o respeito à laicidade estatal não é uma faculdade e sim obrigação de todo e qualquer governante, tratando-se de imperativo inarredável para imprimir legitimidade e legalidade às ações e pautas que interferem na vida de milhões de mulheres não necessariamente devotadas às mesmas crenças. O Estado brasileiro deve atender igualmente aos anseios de evangélicas, católicas, espíritas, umbandistas e ateias. Impõe-se, para tanto, a edificação de um Estado fundado em premissas de inclusão, e não de segregação ou no tratamento diferenciado de castas e nichos populacionais. A fé não toma assento no governo e a manifestação das crenças de seus exercentes não deve, em hipótese alguma, ultrapassar o domínio estrito de suas vidas privadas.

Em passagem tornada pública pela própria Ministra, a mesma afirma já haver sofrido violência sexual durante a infância e enfatiza que só sobreviveu ao trauma graças a orações e ao suposto encontro divino com Jesus, por meio de uma “visão”.

Ressalte-se, conforme dito em linhas anteriores, que a fé da Ministra, assim como a de outras mulheres violentadas, não deve ser desmerecida de modo algum; todavia, como figura pública que é, seu discurso enquanto exercente de elevado cargo público deve abstrair subjetivismos de toda ordem. É de suma importância que a fala de qualquer autoridade esteja norteada por uma visão pragmática e legalista do universo que a cerca, de modo que possa, a partir de tal discernimento, encaminhar a execução das providências concretas mais adequadas aos problemas do mundo real.

Contra a violência dirigida às mulheres, por exemplo, dispomos de leis, de uma polícia especializada e de um judiciário com autoridade para impor sanções e penas aos infratores. A recente Lei n.6539, de 13.04.2020, do Distrito Federal, obriga os condomínios residenciais a comunicar à Polícia Civil indícios de violência doméstica e familiar contra mulher, criança, adolescente ou idoso, em seu interior. O descumprimento sujeita o infrator a multas que podem chegar a dez mil reais. Nesse contexto, incentivar mulheres violentadas a buscar conforto em Deus ou em orações, tão-somente, preterindo-se a denúncia de seus agressores aos órgãos competentes, significa não apenas um ato de covardia e descaso, mas uma afronta aos esforços legislativos para pôr fim a esse câncer silencioso que destrói vidas e sonhos.

A cultura religiosa de submeter os casos de agressão primeiro aos Pastores é prática nociva que pode e deve ser debatida nos meios religiosos. Por outro lado, se os líderes desses segmentos recebem denúncias de agressão e, em vez de encaminhar o fato à polícia prescrevem tão-somente orações às vítimas, é de suma importância a averiguação da responsabilidade criminal de tais lideranças, na qualidade de cúmplices do agressor. Tanto se faz ainda mais urgente à vista do trágico quinto lugar ocupado pelo Brasil, em âmbito planetário, no índice que mede a quantidade de feminicídios<sup>20</sup>. Dados já expostos nesse estudo apontam que quase metade das mulheres vitimadas pela violência de gênero são de origem evangélica – justamente a fatia mais exposta às práticas acima referidas.

Em Janeiro de 2020, durante a XIV Conferência Regional sobre mulheres da América Latina e do Caribe, realizada na sede da Organização das Nações Unidas – ONU, na Capital do Chile, centenas de mulheres viraram as costas durante discurso de Damares Alves, em demonstração de repúdio à postura da Ministra frente ao

---

<sup>20</sup> O feminicídio é o homicídio praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher ou em decorrência de violência doméstica.

Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos.

Em vídeo publicado na plataforma *Youtube*, é possível observar que o protesto tomou lugar durante explanação das ações e projetos daquele Ministério no combate à violência contra a mulher. Entre as críticas mais contundentes então dirigidas figurou a insatisfação com o fato da Ministra haver optado por uma agenda extremamente conservadora e claramente influenciada por suas orientações religiosas.

Na prática, os projetos relacionados ao combate à violência de gênero e ao feminicídio, informados pelo Ministério, não surtiram efeitos positivos até o momento. Muito ao contrário, pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo recentemente demonstrou que o primeiro ano da gestão de Damares foi marcado por um aumento de 7,2% (sete vírgula dois por cento) nos casos da espécie, sendo que “três a quatro mulheres são assassinadas em média a cada dia no Brasil, na maioria dos casos por companheiros e ex-companheiros” (Folha de S. Paulo, 2020)

A Diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP<sup>21</sup>, Samira Bueno, afirma que:

[...] apesar de parte do crescimento do registro do feminicídio possa estar associado a uma maior capacitação das autoridades na tipificação do crime, o acompanhamento dos dados detalhados mostra que há crescimento real. Em 2018, quando já havia redução dos crimes violentos no país, havia um aumento dos estupros e da lesão corporal em decorrência da violência doméstica. Então, é provável que elas estejam morrendo mais em decorrência de violência doméstica. [...] A folha consultou a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, sobre o que o governo tem feito ou planejado para enfrentar o problema, mas não houve resposta. (Folha de S. Paulo, 2020).

---

<sup>21</sup> organização não-governamental, apartidária, e sem fins lucrativos, que se dedica a construir um ambiente de referência e cooperação técnica na área da segurança pública, é integrada por pesquisadores, cientistas sociais, gestores públicos, policiais federais, civis e militares, operadores da justiça e profissionais de entidades da sociedade civil que juntos contribuem para dar transparência às informações sobre violência e políticas de segurança e encontrar soluções baseadas em evidências. Fonte: <http://forumseguranca.org.br/quem-somos/>



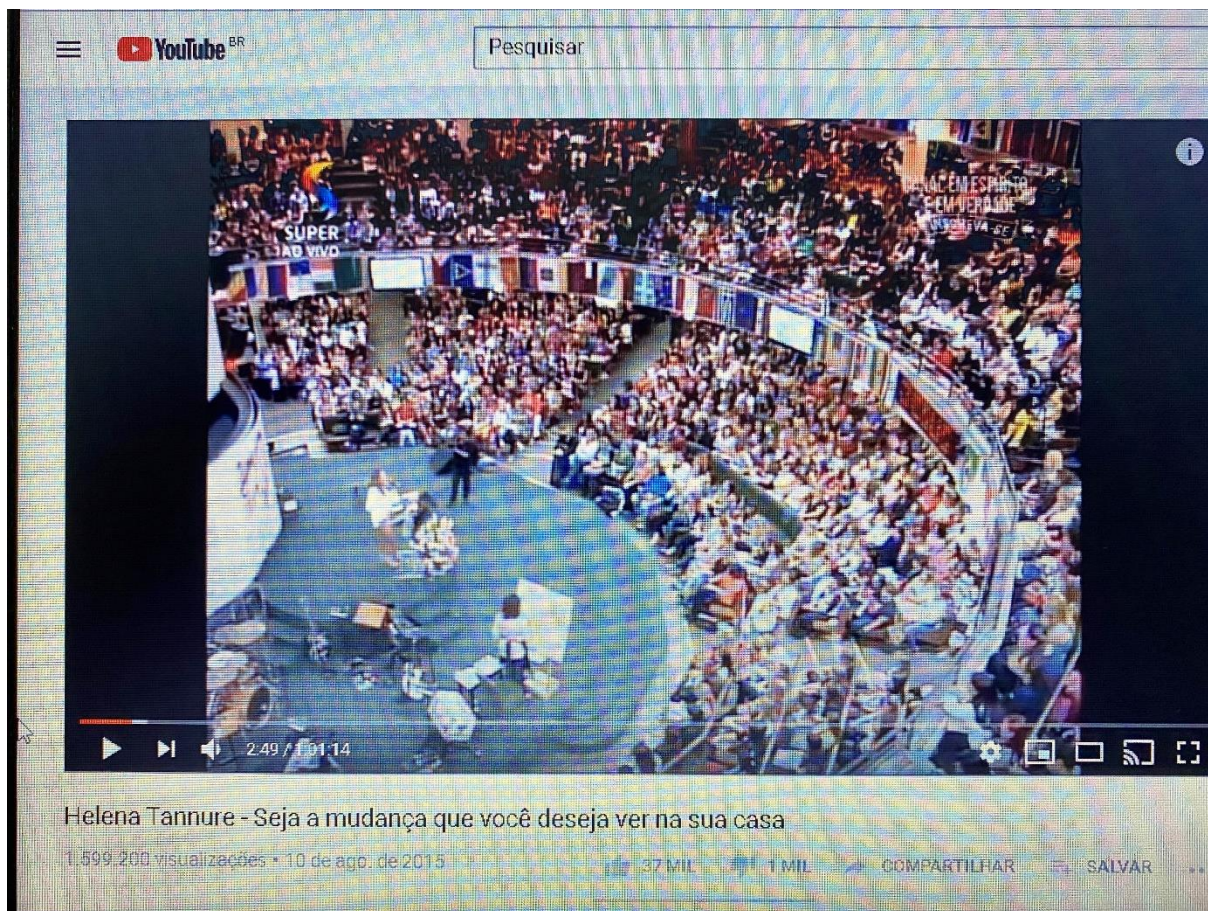


## Mulheres ficam de costas para Damares durante conferência no Chile

147.609 visualizações · 5

<https://www.youtube.com/watch?v=dqYfLT6WWQ4> Acesso em Abril de 2020.

Este vídeo da pregadora Helena Tannure intitulado “*Seja a mudança que você quer na sua casa*” registra mais de 1 milhão de visualizações no *Youtube*. Nele são enfatizados ensinamentos que julga apropriados às mulheres, sempre destacando que tais orientações advém da vontade divina. Dentre outros conselhos, os pontos mais ressaltados pela pregadora são os deveres das mulheres para com seu lar e seu esposo. Em uma das ilustrações, Tannure relata que em determinado dia haveria falado em tom mais alto com o seu marido porque, na ocasião, encontrava-se com fones de ouvido e não percebeu o nível de sua própria voz. Após ser repreendida pelo esposo, a pregadora teria pedido perdão pelo acontecimento, deixando claro às ouvintes que a culpa pelo ocorrido, incluindo a consequente irritação de seu cônjuge, havia sido única e exclusivamente sua.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEmVx6KLiWI> Acesso em Abril de 2020.

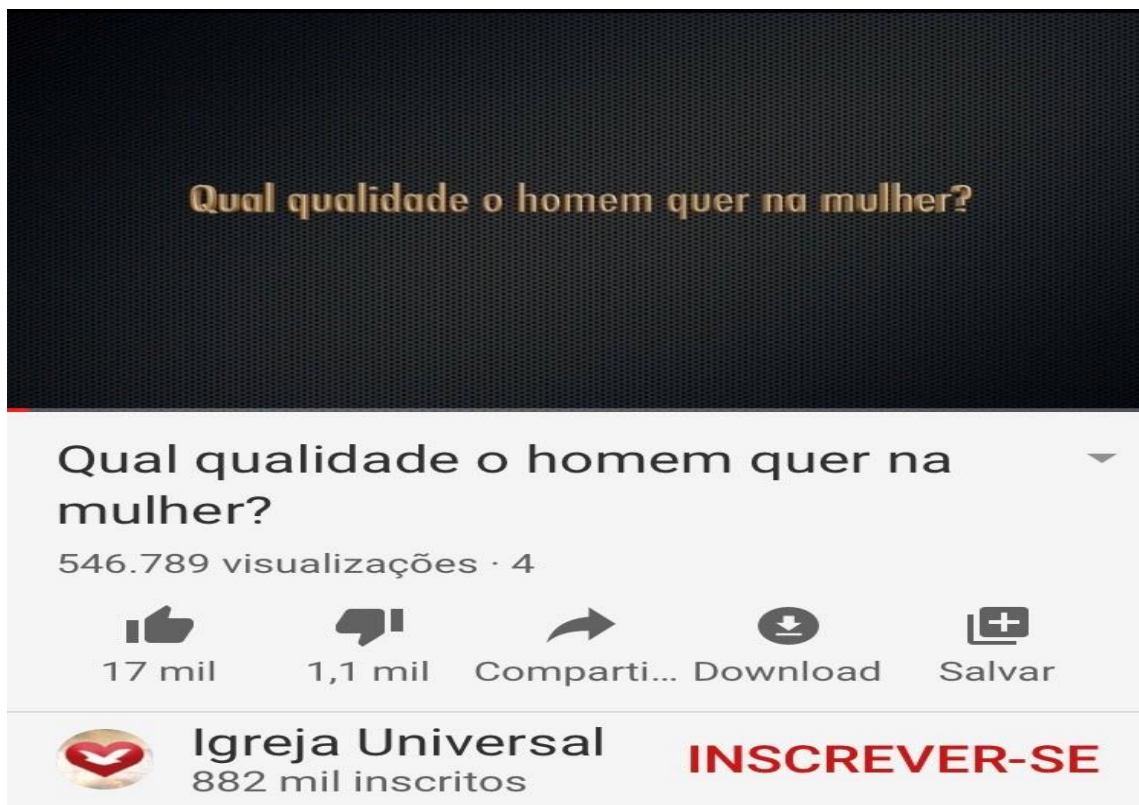
Mais adiante no vídeo, a preleitora ataca o comportamento das mulheres que participam de movimentos feministas, a exemplo do chamado *Marcha das Vadias*. Afirma que jamais gostaria de ser equiparada às mulheres do citado movimento, ressaltando o quanto é grave a banalização da nudez e a luta pela igualdade entre os sexos – pautas essas defendidas pelo citado grupo. Prosseguindo, defende a importância do uso de vestes “decentes” e que não sejam provocativas, para que assim possam ser respeitadas em sociedade. Diz ainda sentir vergonha quando viaja ao exterior e se revela brasileira, pois, de acordo com Helena, o comportamento das brasileiras atribui-lhes o estereótipo de mulheres “quentes”, sensuais e que, definitivamente, não gostaria de ser rotulada dessa forma.

O que Helena parece desconhecer é que o movimento mencionado não nasceu no Brasil, assim como muitos outros movimentos feministas que aqui desembarcaram. Especificamente, a *Marcha das Vadias* teve origem na cidade de Toronto, Estados Unidos, em 2011, como reação à fala de um policial que haveria orientado as mulheres, na linha de Tannure, a ter cuidado com o tipo de roupas que utilizam, afirmando que

o modo de vestir da mulher poderia evitar um estupro. Na ocasião, empregou-se a palavra *sluts* (vagabundas, vadias) como referência às mulheres que utilizavam vestes provocativas.

Reconhecendo nesta declaração um exemplo amplamente aceito de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres, a primeira Slutwalk de Toronto teve como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos [...] Desde então, por meio da rápida troca de informações proporcionada pela internet, a marcha foi organizada em diversas cidades pelo mundo. Em países de língua espanhola, o protesto ganhou o nome de Marcha de las putas ou Marcha de las vagabundas. No Brasil, São Paulo foi a primeira cidade a organizar uma marcha, em 2011, adotando o termo "vadias". A rapidez com que a marcha se disseminou pelo país e mobilizou a juventude é indissociável das possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem ao ativismo político. Já em 2012, no segundo ano do advento da Marcha das vadias, 23 cidades, de todas as regiões do Brasil organizaram protestos usando ferramentas como Facebook, Twitter, Youtube, blogues e e-mails (GOMES, SORJ, 2014).

O próximo vídeo analisado, também da plataforma *Youtube*, é do autointitulado "Bispo" Edir Macedo, líder da Igreja Universal, de origem Neopentecostal. Com 43 minutos de duração, o vídeo "*Qual a qualidade o homem quer na mulher*" conta com mais de meio milhão de visualizações.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uSRjEhUs5OU> Acesso em Abril de 2020.

Edir Macedo inicia seu discurso revelando as intenções divinas envolvidas na criação da mulher: “Ele não fez uma fêmea, Ele não fez uma mulher, Ele fez uma auxiliadora” (1m30seg). Segue dizendo que o caminho da felicidade da mulher é a obediência aos mandamentos impostos por Deus.

Dentre essas prescrições divinas figura a conformação com seu desígnio de mera ajudante, na medida em que o homem deve ser inicialmente cuidado pela mãe, cabendo à esposa, na sequência, assumir função semelhante. Em suas parábolas, sugere que o peito materno sustenta o homem quando pequeno; já adulto, o seio da esposa substitui o de sua mãe (5m07seg), de modo que a figura feminina providencia alimento e posteriormente prazer sexual e aconchego. Ressalta ainda que todo homem deseja uma esposa com cuidados que vão além do sexo, alcançando o preparo de suas refeições e o zelo com a casa.

A filha de Edir Macedo, Cristiane Macedo, na mesma linha do pai e acompanhada de seu esposo, possui um vasto material de ensino e aconselhamento aos casais evangélicos, dentre programas televisivos, livros e vídeos, os quais abordam a dinâmica de como deve ser o comportamento dos casais seguidores do cristianismo.

A análise de alguns vídeos postados na plataforma *Youtube* desvela o conservadorismo religioso presente nas falas de Cristiane. Naquele intitulado “*O corpo da mulher cristã*”, de 14 minutos e com quase 80 mil visualizações, a postagem orienta como as mulheres devem vestir-se em determinadas situações, prescrevendo, por exemplos, trajes adequados para visitas ao shopping, à academia e à Igreja, sempre ressaltando o cuidado para a seleção de roupas não decotadas ou sensuais. Até mesmo um simples corte de cabelo feminino, na visão em análise, demandaria atendimento às vontades e preferências do cônjuge.

Em outro vídeo (“*Meu corpo, regras D’Ele*”), em que a pregadora trata sobre sexualidade feminina, sobressai a afirmação de constituírem atos pecaminosos para a mulher não somente o adultério, mas também outras práticas como a masturbação, o sexo oral e a sensualidade, afirmando que essas condutas materializam fornicção, vale dizer, pecado. Usa, para embasar seu argumento, o texto de 1ª Coríntios 6:13 “Mas o meu corpo não é para fornicção, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo”.



Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=wV\\_s3OrehFQ](https://www.youtube.com/watch?v=wV_s3OrehFQ)

Acesso em Abril de 2020.

Cristiane Macedo tece digressões também sobre as meretrizes na Bíblia, sentenciando que o uso do corpo em troca dinheiro, ainda que para sobrevivência, é ato pecaminoso e passível de punição por Deus. Segue afirmando que muitas mulheres permanecem na prostituição porque dessa forma recebem maior

remuneração do que se estivessem desenvolvendo outras atividades laborais, mais dignas. Indo além em seu regramento celestial do corpo feminino, aduz que o uso de roupas decotadas ou coladas ao corpo é pernicioso, atraindo a atenção tanto de homens quanto de outras mulheres. Levados ao pecado pela tentação, e movidos pelos pensamentos impuros incutidos pela mulher, os homens terminam afastados da santidade de Deus por indução da mulher.

Agregando detalhes a seu discurso ultraconservador de culpabilização do corpo feminino, Cristiane classifica também como fornicação ou pecado o ato da mulher postar em redes sociais fotos com poses provocantes, ou quando usa calcinha fio dental e outras lingerie sensuais, reafirmando sua concepção de que a mulher age intencionalmente para provocar o homem.

Nos comentários ao vídeo preponderam opiniões e mensagens de apoio ao discurso limitador, quase escravagista assim delineado. Confirmamos:

“Eu dançava muito, e resolvi parar pq eu vi qe n era certo, eu me vestia bem provocante, tudo tinha qe ser bem colado no corpo, e gostava de xamar a atenção, ai Um dia eu estava sentada na rede e tava com um vestido curto, e é como se eu tivesse ouvido uma voz dizendo muda teu geito de vestir, e senti um arrepio e apartir daquele momento eu comecei a sentir vergonha do que eu estava vestindo, entao mudei, mas mudei pq eu senti qe qeria agradar ao senhor e hj eu me visto pra agradar a Deus ... pq me senti envergonhada de mim mesma ... mudei completamente pra mim pra Deus pq vi qe tudo qe eu fazia era errado e nao o agradava ... hj eu me importo e tenho cuidado pra nao decepciona-lo.em nome do senhor jesus eu decidi servir a ele, Deus abençoe sempre cada um .. Amém”

“Entendi perfeitamente cris, eu vejo muitas mulheres que se vestem pra ser sensual e sexy como se fosse inocente, não são bonitas mas....por ser oferecidas, os homens querem delas só o sexo é visível isso e triste pois mesmo que se casam depois o homem separa ou são infelizes no casamento Muitas mulheres só se sentem bem se tds os homens olharem pra ela, e quando envelhecem é pior pois pensam que o corpo vai envelhecer e precisam mostrar tudo e fazer tudo enquanto é tempo”

Entre as dezenas de opiniões aplaudindo as palavras da pregadora, em manifesta demonstração de subserviência, destaca-se a fala de uma mulher que se diz preparada para lançar mão de seus desejos em cumprimento à ideologia

apregoadada no vídeo – desejos esses, ao que tudo indica, por outra mulher: “*E quando a fornicacao de mulher com mulher, lesbianismo como falam? Ai deve ser outro nome ne? Ou nao? Masturbacao, pornografia e lesbianismo nao sei qual e o pior, min vejo escrava deles, mas nao serei mas ,o corpo da gente e do senhor mesmo, concordo com isso.,agente tem que ser limpa ne*”.

Em outro trecho, ainda: “*acho lindo e nobre ver uma mulher vestida decentemente, com as roupas levemente largas, porque apertadas mostram mesmo as curvas. Sinceramente, tenho que melhorar nesse sentido*” - exalta mais uma comentarista. Outros internautas aproveitam os espaços destinados às opiniões para enaltecer o programa de Cristiane chamado Godllywood<sup>22</sup>, projeto esse desenvolvido por meio de *lives* e textos na plataforma Instagram, com 418 mil inscritos, destinado a regradar mulheres jovens e adultas em seu comportamento esperado pela “vontade de Deus”.



<sup>22</sup> Na página oficial na Igreja universal o programa apresenta a seguinte descrição: “O Godllywood tem o propósito de resgatar valores esquecidos na sociedade feminina, formando mulheres melhores em todos os aspectos, aliando o cuidado pessoal com o apoio social. Em outras palavras, a mulher que deseja tornar-se diferente em casa, com a família, pais, marido, filhos, no emprego, e na aparência, pode encontrar orientação, à luz da Palavra de Deus, dentro do grupo, ao lado de outras mulheres que miram o mesmo objetivo”.

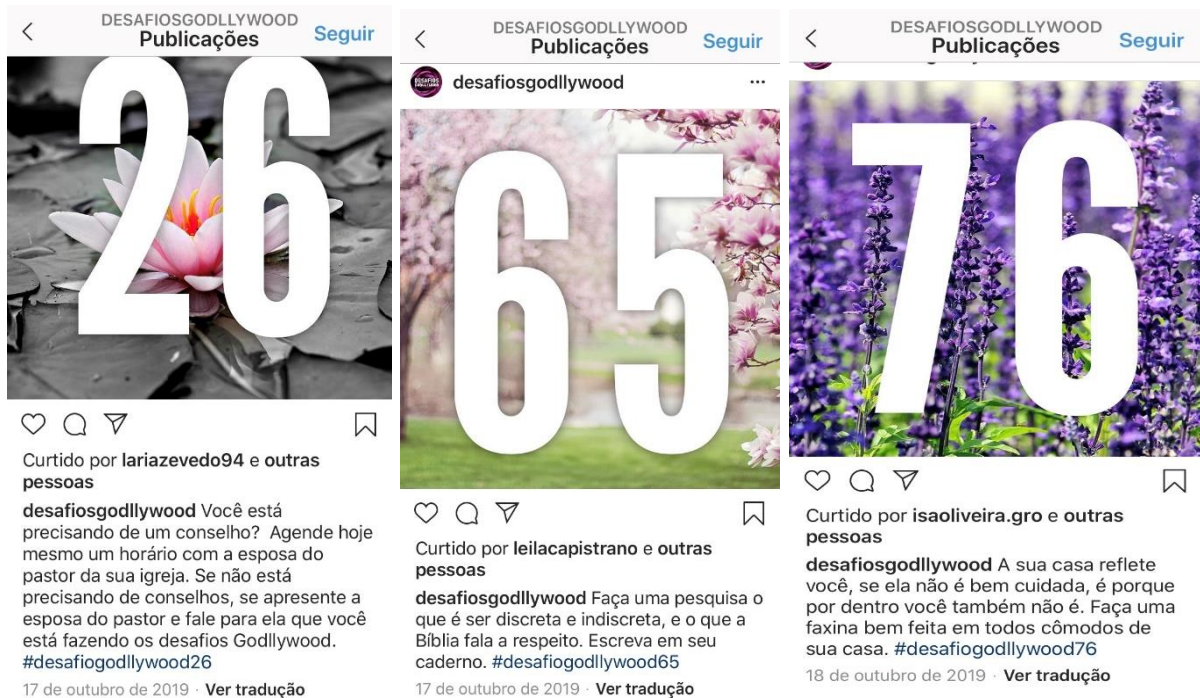
Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/godllywood/> Acesso em Abril de 2020.

Os conselhos do projeto são coerentes com os discursos apresentados pelos líderes da Igreja Universal, abrangendo desde o uso adequado de vestes até orientações de como educar os filhos, cuidar da casa e do marido. Essa obra ainda impõe desafios diários às mulheres: “*eu nunca dei importância para o Goodllwood , mas agora que você falou que até o modo de andar de uma pessoa chama a atenção e dezagrada a Deus eu vou Obedecer*” – diz um depoimento.

Vejamos, ainda que sinteticamente, algumas orientações do projeto Godllywood às mulheres, encontradas na respectiva página da plataforma Instagram:







A Pastora Camila Barros, adepta da Assembleia de Deus, de vertente Pentecostal, é outra figura de destaque nacional no meio evangélico. Famosa por suas pregações acaloradas, a Pastora ostenta elevado número de seguidores em suas redes sociais, contando com mais de 1 milhão e 200 mil no *Instagram*. Por essa razão, convém rápida abordagem de seu posicionamento acerca do feminismo e do papel da mulher em sociedade.

Seguindo a linha oratória da maioria dos líderes das igrejas Neopentecostais encontrados em vídeos no *Youtube*, a Pastora tem como pauta o comportamento feminino idealizado para a mulher cristã, em seu lar e na sociedade. No vídeo intitulado: *“Ou você é cristã ou você é feminista, mas ser as duas coisas não dá!”* sugere o descabimento da mulher cristã dizer-se feminista, pois tal fato seria uma incoerência. Camila sustenta, em prol de sua tese, a alegação de que o movimento feminista defende pautas contrárias ao posicionamento cristão (luta pela superioridade feminina), ao passo que o cristianismo semeia a obediência e a submissão da mulher ao esposo.

Segue afirmando que a mulher cristã deve ser feminina e não feminista, ressalta que Jesus recebeu as mulheres como suas seguidoras e que, por essa razão, de acordo com a Pastora, é necessário “honrar a Jesus e não usar o empoderamento para se tornar ativistas do que a bíblia é contrária [...] as duas ideologias não se

casam”.



A preleitora entende o feminismo como um movimento extremista, incompatível com a paz. Ante as exclamações dos ouvintes, emprestando ampla concordância às palavras da Pastora, Camila segue exaltando o papel da mulher de Deus dentro do lar, sentenciando que as esposas, não raro, pedem a Deus que mude o comportamento de seus esposos, quando, na verdade, a postura masculina seria mero fruto das ações rebeldes daquelas. Como exemplo, Camila cita o fato de muitas mulheres não fazerem as refeições de casa no tempo devido, o que termina por aborrecer os cônjuges. As esposas reclamam das atividades do lar, quando deveriam exercer seu ofício com amor e docilidade, em atendimento à palavra de Deus. Em outra passagem, a Pastora afirma que as mulheres devem praticar mais o ato de ficar em silêncio, embora não detalhe o que entende, em sua concepção, como “falar demais”.

Utilizando sua própria vida como exemplo, refere época em que chegava em casa cansada e sofria por ter que fazer as refeições para seu esposo, pois queria descansar – necessidade essa que julgava imprópria antes de cumprir suas obrigações. Mais ainda, quando o esposo solicitava um café após a refeição, Camila relata seu impulso de servir café requentado, à vista de seu imenso cansaço, embora

o esposo apreciasse café feito na hora.

Em sua visão conservadora, muitas mulheres não são tratadas com respeito e carinho por seus maridos por culpa delas próprias, pois agem como lhes convém, usam as roupas que bem querem, preparam a comida que lhes agradam, etc. – atitudes essas consideradas atos de rebeldia pela Pastora, tendentes a dissolver o casal.

A incumbência para que a família viva em harmonia, assim, é atribuição da mulher, pois, segundo entende, “*a mulher sábia edifica sua casa, mas a tola destrói*”. Enfatiza ainda, no mesmo discurso, a passagem bíblica informadora de que o homem pode ser salvo pelo comportamento e pelas orações de sua esposa, mesmo que este não seja cristão.

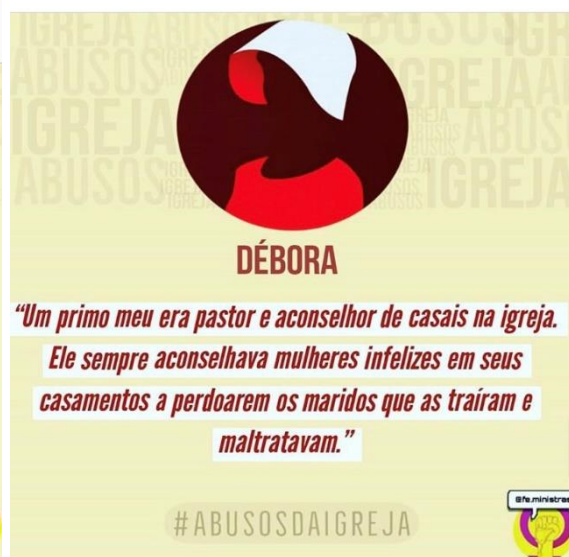
No material posto em mesa fica evidente a coerência entre os discursos Pentecostais e Neopentecostais no que concerne à submissão da mulher ao homem. Para esses ramos, de fato, a mulher cristã deve estar sob a tutela do masculino e a ele deve irrestrita obediência. Outras opiniões interessantes também puderam ser extraídas dos vídeos analisados, a exemplo da retórica da “demonização” e da criminalização do movimento feminista. Os líderes religiosos estudados, nesse particular, culpam o feminismo pela demasiada liberação da mulher e, conseqüentemente, pela destruição dos lares tradicionais.

Na contramão dos materiais até aqui referidos, apresentamos a seguir dois recortes do *Instagram* que se ocupam da defesa dos direitos da mulher cristã. Embora o número de visualizações dessas páginas não se compare ao interesse despertado pelas publicações evangélicas correlatas, mostra-se de relevo sua abordagem neste estudo, pois podem representar um fio de esperança para muitas mulheres em desespero.

A página chamada de “fe.ministras” declara que o intuito das postagens é ministrar reflexões acerca do Cristianismo e da teologia feminista. Já a página intitulada “mulheres EIA” explicita a intenção da prática de ativismo digital feminino, por mulheres evangélicas.



Os depoimentos a seguir foram localizados na página “fe.ministras”, com alerta aos leitores de que as falas são oriundas de mensagens enviadas por livre iniciativa de mulheres que são ou que já foram adeptas de denominações evangélicas. A plataforma ressalta, ainda, que os nomes usados para expor os relatos são fictícios.



< FE.MINISTRAS  
Publicações



**ESTER**

*Em um culto de Santa Ceia, enquanto o pastor pregava sobre a perfeição do céu, olhou para mim, apontou para o meu cabelo cacheado volumoso e disse:*

*"Quando for ao céu isso aí que não é perfeito, será transformado."*

#ABUSOSDAIGREJA 

< FE.MINISTRAS  
Publicações

**fe.ministras** "Participei de centenas de reuniões só com as meninas da igreja onde nos ensinavam como agir, falar, vestir e tudo o que estava contra o que nos ensinavam era um absurdo.

Em uma reunião dessas uma das pastoras disse que a gente não poderia usar blusinhas que mostravam a barriga porquê além seria sensual para os homens, o vento gelado em constante contato com a região do útero nos deixaria estéril.

Na época acreditei cegamente nisso, mas não me culpo, não tinha como ser diferente.

Hoje eu tenho 26 anos, moro com meu noivo e vamos nos casar no fim do ano, mas eu tenho uma dificuldade absurda de pensar que em algum momento posso ter filhos. Pensei nisso esses dias. Na minha adolescência na igreja, engravidar era um tabu, sinal de pecado, maior evidência da perdição. Eu internalizei isso de uma forma tão forte que não consigo conceber a ideia de que um dia eu posso querer ser mãe."

.

.

.

▲ Todos os depoimentos dessa série são reais, porém preservam a identidade das mulheres que escolhem um nome bíblico para se identificar.

.

< FE.MINISTRAS  
Publicações



**VASTI**

*Há anos eu fui vítima uma de tentativa de estupro por um conhecido. Em busca de ajuda para superar o que aconteceu ouvi do pastor: "O que me admira é que diante de uma menina bonita como você, ele não tenha tentado fazer isso antes".*

#ABUSOSDAIGREJA 

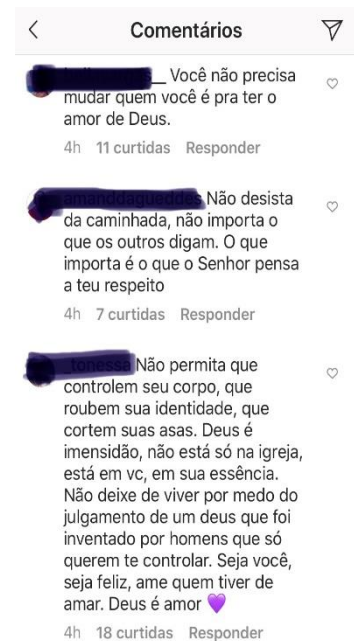
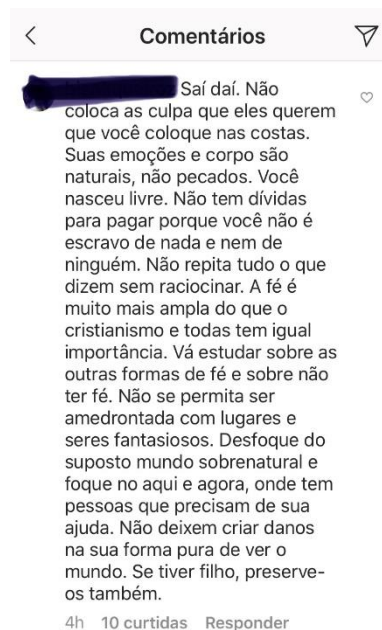
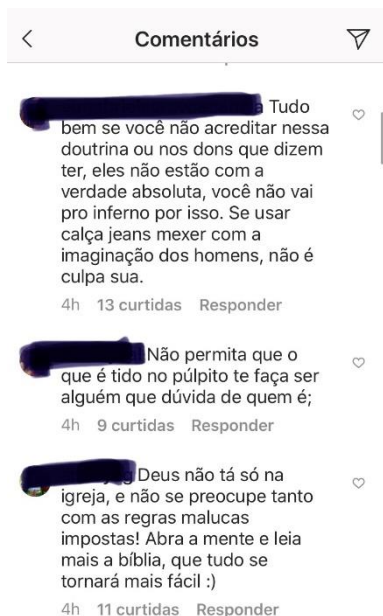
♡ 💬 🗨️ 📌

Curtido por **brunavichi** e outras pessoas

**fe.ministras** "Há anos atrás, tentando lidar com a dor da tentativa de violência sexual que sofri de um conhecido, ao buscar ajuda fui conversar com o pastor da igreja na qual fazia parte.

Após relatar o ocorrido, o que ouvi foi algo como: "O que me admira é que diante de uma menina bonita como você, ele não tenha tentado fazer isso antes". Naquele momento aprendi que a violência também estava presente nos espaços religiosos, infelizmente."

Em mais uma das postagens da página *fe.ministras*, orienta-se às seguidoras que estas compartilhem suas respostas considerando a seguinte pergunta: “o que você diria para a menina que você era quando acabou de entrar na igreja?”. As respostas são carregadas de emoção, pois transmitem toda dor que a religiosidade desmedida é capaz de proporcionar à vida das pessoas. Algumas das declarantes, pelo teor de seus relatos, parecem ainda frequentar as Igrejas, mas com postura de rejeição à subjugação imposta. Outras demonstram que o grau de sofrimento psíquico enfrentado nos templos fez com que desistissem de prosseguir na religião cristã evangélica.



< Comentários ▾

██████████ Mulheres divorciadas também podem ser usadas por Deus  
4h 13 curtidas Responder

██████████ Procure conhecer a Teologia Feminista o quanto antes! Ela vai te ajudar a lidar com sua fé, com seu corpo e sua sexualidade.  
4h 10 curtidas Responder

██████████ oii, me apresenta a Teologia Feminista?  
4h 1 curtida Responder

██████████ oii! Veja os outros posts que fazemos nessa página e você vai aprender um pouco mais 🌹  
3h 2 curtidas Responder

< Comentários ▾

██████████ Não mude sua essência e nem tente mudar quem vc é por conta do que os outros falam. A opinião dos outros não vale a sua saúde mental... Vc vai se conectar muito mais com Deus quando parar de ligar pro julgamento alheio  
4h 6 curtidas Responder

██████████ Esse lance de que Deus te ama É REAL!! Não deixe que a culpa te afaste delx. Sexo não é pecado. E aquilo não foi culpa sua! Você não atentou ninguém, ele era um filho da puta mesmo. Se puder se livrar o quando antes desse relacionamento abusivo, faça! Essa não é a vontade de Deus pra você como você acha.  
4h 16 curtidas Responder

< Comentários ▾

4h 16 curtidas Responder

██████████ a igreja (instituição) não é Deus. Siga seu caminho com paz no coração. Por que no caminho, Deus revela e se revela. Ame, se deixe ser amada, perdoe e vá surfar em paz!  
4h 10 curtidas Responder

██████████ 🙏🙏  
4h 1 curtida Responder

██████████ Deus é muito mais que uma monte de regra criada, você vai poder ajudar muito mais pessoas quando se conectar com a sua verdadeira identidade e parar de se importar com o que falam de você.  
4h 6 curtidas Responder

< Comentários ▾

██████████ Por favor, não queira ser igual as pessoas "perfeitas" que estão aí, a igreja as vezes vai exagerar muito em algumas regras e vai até tentar usar a bíblia totalmente fora do contexto pra tentar fazer com que você ande nos trilhos, isso não é certo, você vai precisar de muita maturidade pra discernir entre as coisas boas e erradas que a igreja prega.  
4h 7 curtidas Responder

< Comentários ▾

██████████ Não se limite e lembre sempre de que Jesus deixou um legado de amor e luta pelo próximo. Acima de tudo ame e cuide daqueles que estão ao seu lado. Não deixe te silenciarem, não aceite esmolas de carinho apenas para se sentir incluída, aprenda a dizer não e jamais se cale perante alguma injustiça. Não será uma jornada fácil, o julgamento vai ser a arma usada contra você, durante sua mudança; a liberdade em Cristo vai muito além do que te disseram. VOCÊ É AMADA, LINDA E INCRÍVEL!  
4h 4 curtidas Responder

< Comentários ▾

██████████ As pessoas "mundanas" também são felizes e não vivem só de maldição. Suas vontades e desejos não são pecados, só te fazem humana, não você não precisa se submeter a um relacionamento tóxico por acreditar que Deus mudará, você pode seguir sua vida com naturalidade e errar sem culpa, pode se vestir e maquiarse como bem quiser, pode ter amigos "mundanos", QUALQUER pessoa pode te fazer mal, o Pai celestial te ama exatamente como você é, seja livre e seja feliz, não precisa ver demônio em tudo que não está ligado a igreja. Seja feliz e seja você, só deixe fluir.  
4h 5 curtidas Responder

A interpretação atenta dos relatos postados revela que os textos não se acanham em desnudar as experiências mais íntimas e dolorosas de suas emitentes, dispondo-se as signatárias a retratar com detalhes as aflições e chagas amealhadas ao longo de vivências religiosas cerceadoras e traumatizantes.

Todos os depoimentos trazidos à análise foram enviados à página *fe.ministras* em até 4 horas após a postagem inicial, sendo totalizados, nesse período, outros cinquenta e quatro depoimentos em resposta ao tema, além dos aqui expostos. A importância desse dado reside em demonstrar a urgência da atenção requerida em cada um dos desabafos. Essas mulheres querem e precisam ser ouvidas, desejam

compartilhar suas dores e, com isso, alertar para a violência religiosa que as vitimou em silêncio. Os depoimentos são, portanto, carregados de forte indignação – aspecto esse fomentado pela percepção tardia da subjugação de que foram vítimas

< **Comentários** ▾

3h 4 curtidas Responder

Olhe para o alto, é de lá que vem o seu Socorro. Não tenha medo de questionar, não tenha vergonha de falar, não se sinta culpada por não concordar com tudo. Você irá descobrir que o amor de Deus é lindo e infinito, mas também descobrirá que as pessoas são cruéis e vão tentar te silenciar. Não aceite. Não se submeta. Jesus morreu para que você tenha vida, lute contra tudo e todos que tentarem te dizer o contrário.

3h 5 curtidas Responder

Você é LIVRE em Jesus. Não aceite o discurso que tenta controlar tua fé, teu corpo e tua sexualidade. Ruah te ama e é isso que importa.

3h 3 curtidas Responder

< **Comentários** ▾

Não dedique tanto do seu tempo na igreja. Vc pode participar de atividades fora da igreja sem problema e culpa. Deus te chamou para a liberdade.

2h 3 curtidas Responder

Compre a Bíblia sim, mas compre também livros de autoras feministas. Não vista a culpa dos outros. É isso.

2h 3 curtidas Responder

olhem q interessante...

1h Responder

Esse de fato não é o seu lugar, mas é parte do caminho para você chegar lá...

1h 2 curtidas Responder

< **Comentários** ▾

Questione as ordens, submissão não é bom. Homens são todos iguais, os da igreja são piores. Seja leal com você, respeite os líderes, mas tenha lealdade apenas com você. Os homens não prestam, os da igreja prestam menos ainda. Deus ama você, não ligo pra sua roupa. Seu decote não faz ninguém pecar. Não ser a mulher de provérbios 31 não significa nada. Os homens de Deus não prestam, não confie neles. Você é perfeita falando alto, administrando a própria vida e não precisa de um namorado, marido pra isso. Defenda as outras mulheres. Feminismo é importante. Machismo precisa ser exterminado. Não compactue e não se cale. Você é linda, não existe padrão de mulher perfeita. Você é perfeita dessa forma! Se ame, se respeite, se perdoe!

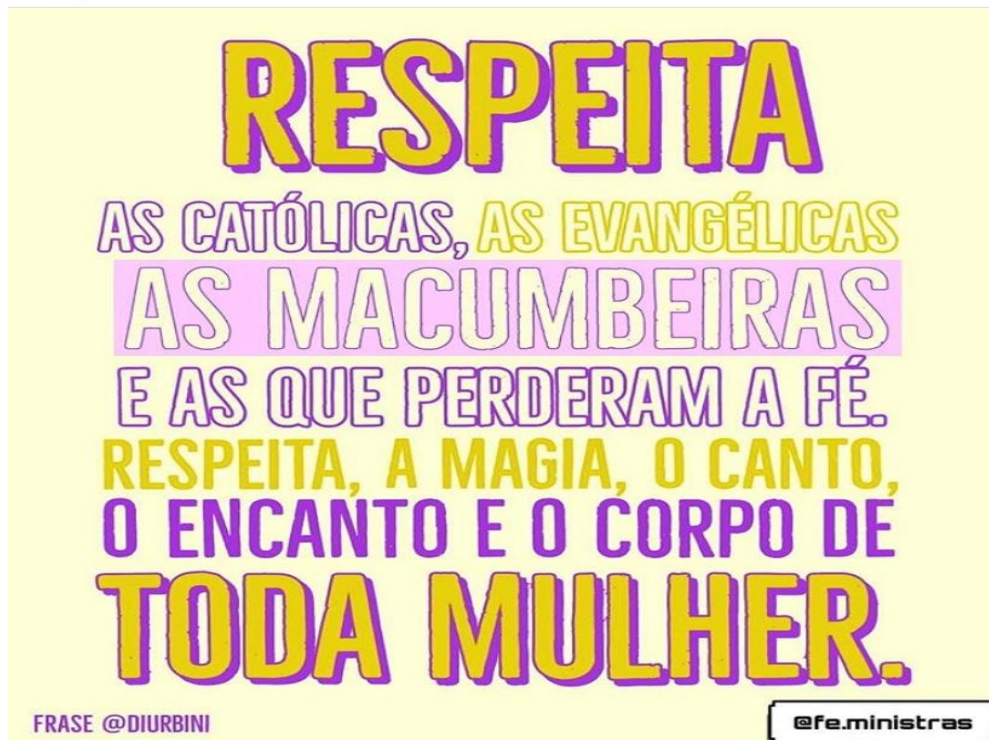
🌻🖤💜🌻





fe.ministras

...



### Considerações Finais

A pesquisa histórica das religiões descortina, desde o início das civilizações, uma necessidade humana primordial e hereditária de buscar guarida em outro plano frente às atribulações da existência. Sofrimento, miséria, disputas por poder e medo da morte, sobretudo, impeliram nossos antepassados a uma turbulenta odisséia religiosa que alcança agora o século XXI, trazendo em sua bagagem as cicatrizes de milênios de conflitos e uma herança social gravada por toda sorte de barbárie e dominação.

Por mais cruel e absurdo que possa parecer aos olhos do presente, o extenso rol de atrocidades e abusos contra o ser humano em geral, e a mulher em

particular, foi promovido sob a chancela de incontáveis deuses, doutrinas, crenças e credos dominantes em suas respectivas épocas.

Algumas das religiões forjadas ao longo dos últimos milênios evoluíram ao ponto de conferir certa liberdade a seus seguidores. Muitas outras, todavia, permanecem como fonte de subjugação, humilhação, destituição de dignidade e de direitos humanos básicos, utilizando-se da fé para a manipulação e a submissão de seus adeptos, dentre os quais a mulher é o elo mais vulnerável.

Em qual desses blocos o Cristianismo Evangélico poderia ser encaixado? Como já sugerido no princípio deste trabalho, não existe resposta enfática a essa indagação, e tampouco podemos dispensar neste enfrentamento o rigor científico tão caro a quaisquer afirmações. Porém, ao perpassarmos a história do cristianismo evangélico pelo mundo, e mais detidamente pelo Brasil, podemos afiançar a urgente e imperiosa necessidade de melhor discutir e compreender o papel que essa religião vem exercendo em nosso meio, sobretudo em razão de seu vertiginoso avanço no domínio das instituições e da matriz político-legislativa nacional.

O Brasil, desde sua fundação, sempre foi um país religioso e a mistura entre o público e o divino não se resolveu com o texto constitucional determinando a laicidade do Estado, em 1988. Ao contrário, poucas décadas após a promulgação da Constituição Cidadã já havia pesquisas demonstrando que a religião jamais estivera tão presente na orientação das ações estatais.

Se, por um lado, o aumento significativo do número de Evangélicos no país permite-lhes, nos dias atuais, conformar diversos aspectos da sociedade segundo os ditames de suas Igrejas, por outro, a visibilidade daí decorrente lança incômodo farol sobre suas doutrinas e crenças, tornando perceptíveis o quão segregadoras e violadoras de direitos podem apresentar-se. E, quando direcionamos esse olhar para a mulher evangélica, mostra-se preocupante constatar que a orientação de grande parte dos líderes dessas denominações continua sendo a subjugação do feminino ao masculino e o desprezo à qualificação profissional e educacional das mulheres, além de estabelecimento de uma obediência irrestrita às imposições superiores.

Analizamos para a construção deste trabalho dezenas de vídeos e publicações de proeminentes líderes evangélicos do cenário nacional. O esquadramento desse material sugeriu uma orientação acentuadamente voltada à

sujeição do feminino ao masculino e, mais do que isso, permitiu observar-se que a própria mulher, na maioria dos casos, é a responsável pela transmissão desses ensinamentos às demais mulheres de suas denominações evangélicas. Essa premissa parte da constatação de que as buscas nas plataformas *Youtube* e *Instagram* sobre o tema “*submissão da mulher evangélica*” revelam um número maior de vídeos de líderes evangélicas mulheres, em detrimento da quantidade de vídeos produzidos por lideranças masculinas. Tal observação poderia conduzir-nos, em um primeiro instante, à equivocada impressão de um protagonismo feminino, no aspecto. No entanto, ao serem esmiuçados os discursos, resta evidente que as falas das lideranças femininas são primeiramente tuteladas e aprovadas pelos atores masculinos mais próximos a essas mulheres, sejam eles seus pais, esposos ou pastores.

Os discursos dominantes ressaltam a necessária obediência do feminino ao masculino como forma de alcançar elevação espiritual e maior intimidade com Deus, condicionando, ainda, o sucesso e a felicidade no casamento e na vida ao fiel cumprimento da sujeição imposta.

Angela Davis, durante sua última visita ao Brasil, em 2019, discorreu com propriedade sobre as ações utilizadas para legitimar a violência e a opressão sobre as mulheres, sendo estas indispensáveis à manutenção da supremacia masculina. A ativista ressalta, em sua fala, a constatação de que mulheres estão ocupando cada vez mais cargos e funções de liderança na sociedade. Todavia, adverte que isso não significa que essas mulheres estejam buscando maior igualdade de gênero. Vejamos:

“[...] isso é uma causa para celebração? Deveríamos celebrar isso? Mulheres que estão envolvidas nas lutas feministas falam a respeito do teto de vidro, os limites [...] simplesmente incorporar mulheres em posições de poder não garante que estamos buscando igualdade [...] a diversidade em si pode simplesmente significar que grupos previamente marginalizados agora são recrutados para garantir uma operação mais eficiente de sistemas de opressão [...]” (DAVIS, minuto 57 a 59, 2019).

Nesse sentido, pode-se concluir que a ação de mulheres líderes dentro das igrejas, reproduzindo o discurso patriarcal para suas congêneres, é fator determinante da legitimação e da aceitação da imposição masculina.

Finda essa etapa de pesquisa, e apresentados os resultados adquiridos ao longo do estudo, resta a indagação: como é possível debater e oferecer reflexão às

mulheres evangélicas sem ultrapassar os limites do necessário respeito à sua fé?

Cabe a nós, enquanto sociedade acadêmica, a defesa e o fomento das pesquisas e das ações público-sociais voltadas ao resgate da dignidade e dos direitos das mulheres assim alijadas. Muitas delas, como vimos, pedem socorro silenciosamente, e é nosso dever emprestar voz e dar visibilidade àquelas que não possuem condições de exercer a autotutela de seus direitos mais basilares.

## REFERÊNCIAS

ANUATTI-NETO, Francisco; NARITA, Renata Del Tedesco. **A influência da opção religiosa na acumulação de capital humano: um estudo exploratório**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 34, n. 3, p. 453-486, 2004.

BARBALET, J. M. **A Cidadania**. Lisboa: Estampa, 1989. 181p.

BANDINI, Claudirene. **Mulheres pentecostais à sombra da violência religiosa**. 2º Simpósio Nordeste de ABRH. Disponível em: < <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1285/1108>>. Acesso, v. 20, 2018. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Acesso em Maio de 2020, disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Vol 2: A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro, 1959.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo**: 1. Fatos e Mitos. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEOZZO, José Oscar. (1983), Leis e regimentos das missões. Política indigenista no Brasil. São Paulo, Loyola.

BÍBLIA, A. T. **Coríntios**. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia**

BRASIL DE FATO. **Em São Paulo, Angela Davis pede valorização de feministas negras brasileiras**. Vídeo (1:48:07) São Paulo (SP) | 20 de Outubro de 2019 às 09:42. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras>

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Revista USP, n. 67, p. 100-115, 2005.

CARRERA, Fernanda. Instagram no Facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 11, n. 22, 2012.

DA SILVA GAMITO, José Aristides. **VIOLÊNCIA E GÊNERO NO TEXTO BÍBLICO: O SILENCIAMENTO DAS MULHERES NA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO 2, 9-15**. UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2018.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral et al. **Religião e política: ideologia e ação da Bancada Evangélica na Câmara Federal**. 2011.

DataSenado. **Mais de 80% dos brasileiros acreditam que redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas**. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas> Acesso em Abril de 2020.

DE ALMEIDA MEIRA, Vanessa Raquel. **O impacto do cristianismo na primeira onda do feminismo**. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. 2017. p. 419-428.

DE ARAÚJO, LIDIANE CORDEIRO RAFAEL. **RELIGIÃO, PODER E CONFLITOS DE GÊNERO**: estudo sobre as missionárias da AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil). 2013.

DE LA SERNA, Eduardo. **O lugar da mulher nos escritos de Paulo**. Cadernos Teologia Pública, v. 11, n. 1, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **Viagem pelo imaginário do interior feminino**. Revista Brasileira de História, v. 19, n. 37, p. 179-194, 1999.

DREHER, Luís H. **Da letra às ordens: teologia e ética do matrimônio em Lutero**. Estudos Teológicos, v. 38, n. 3, p. 226-238, 1998.

DOS REIS, Emilson. **A mulher ideal: uma reflexão homilética sobre a esposa virtuosa de provérbios 31: 10-31**. Kerygma, v. 3, n. 1, p. 3-6, 2007.

EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?**. HarperCollins Brasil, 2015.

FERREIRA JR, Amarilio; BITTAR, Marisa. **A educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 12, n. 26, p. 635-646, 2008.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o Capital Imperialismo – teoria e história**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ- EPSJV e UFRJ, 2010. Capítulo 1. P.21- 98

FOLHA DE SÃO PAULO. **Feminicídio cresce no Brasil e explode em alguns Estados**.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/feminicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados.shtml> acesso em Junho de 2020.

FRESTON, Paul C, **Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, mimeo, 1993.

\_\_\_\_ Sociólogo da religião abordou a relação entre política e religião no Brasil atual. Universidade federal do maranhão. Publicado em 20/03/2019. Disponível em <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=53810> Acesso em junho de 2020.FRESTON, Paul C, **Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, mimeo, 1993.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 433-447, 2014.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

JOSE S, Animismo. Abstrata, 10 junho de 2020.

KOCHMANN, Sandra. **O lugar da mulher no judaísmo**. Revista de Estudos da Religião, n. 2, p. 35-45, 2005.

LE MOS, Fernanda. " **SE DEUS É HOMEM, O DEMÔNIO É [A] MULHER!**": A influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. **Revista Ártemis**, n. 6, 2007.

LESSA, Sérgio. "**A Emancipação Política e a Defesa de Direitos**" In: Revista Serviço Social e Sociedade n° 90. SP, Cortez, junho de 2007. 16p

LUTERO, Martinho. **As 95 teses e a essência da Igreja**. Editora Vida, 2016.

LUXEMBURGO, Rosa. **O socialismo e as igrejas**. Achiamé: Rio de Janeiro, 1980. em: <file:///C:/Users/m147303/Downloads/46202-Texto%20do%20artigo-751375156042-1-10-20190111.pdf> Acesso em Outubro de 2019.

MACHADO, Maria das Dores C.; MARIZ, Cecília L. **Mulheres e prática religiosa nas classes populares**: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.

MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teoria da prosperidade**. Novos Estudos, São Paulo, Cebrap, n. 44, 1996.

\_\_\_\_\_. **O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres**. Entrevista com Ricardo Mariano. Cadernos IHU em formação. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. Incluir as cartas de Marx a Ruge nos Anais Franco-Alemães e o Prefácio Daniel Bensaïd. São Paulo, Boitempo, 2010. p. 9-72

\_\_\_\_\_. **A questão Judáica**. Ed. Lambert, Rio de Janeiro, 1969.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e

criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MITCHELL, Juliet. **Mulheres: a revolução mais longa**. *Revista Gênero*, v. 7, n. 1, 2006.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo: dinheiro e magia**. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, n. 1, v. 3, 2001, pp. 071-085.

PASSOS, Paulo; HOUS, Sogur Debora; **Internet supera tv em influência na eleição**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/internet-supera-tv-em-influencia-na-eleicao.shtml> Acesso em Abril de 2020.

PAZ, Simone Simon. **Santo Agostinho – A Jornada do Espírito**. *Recanto das letras*, 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/1825830> Acesso em Junho de 2020.

PIERUCCI (2006). **“Religião como Solvente – uma aula”**. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 75, p. 111 - 127.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. *Revista Contraponto*, v.3 n.1, 2016.

QUEIROZ, Aldair. **Cristianismo e Feminismo**. *Up Conference, 2018*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yfhvVdDWaQU> acesso em 06/2020.

ROSADO, Maria José. **Gênero e religião**. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 363-365, 2001.

HOSKINS, Steven T. *The Wesleyan/Holiness Movement in search of liturgical identity*. *Wesleyan Theological Journal*, Vol 32, n. 2. Wesleyan Theological Society, 1997.

\_\_\_\_\_. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. *cadernos pagu*, n. 16, p. 79-96.

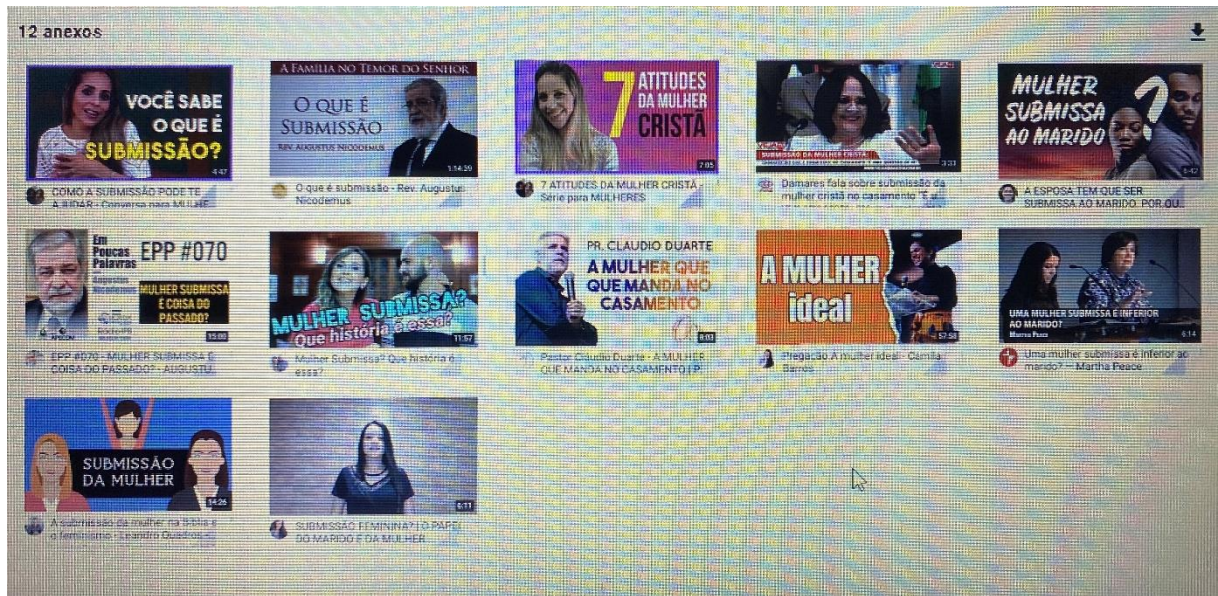
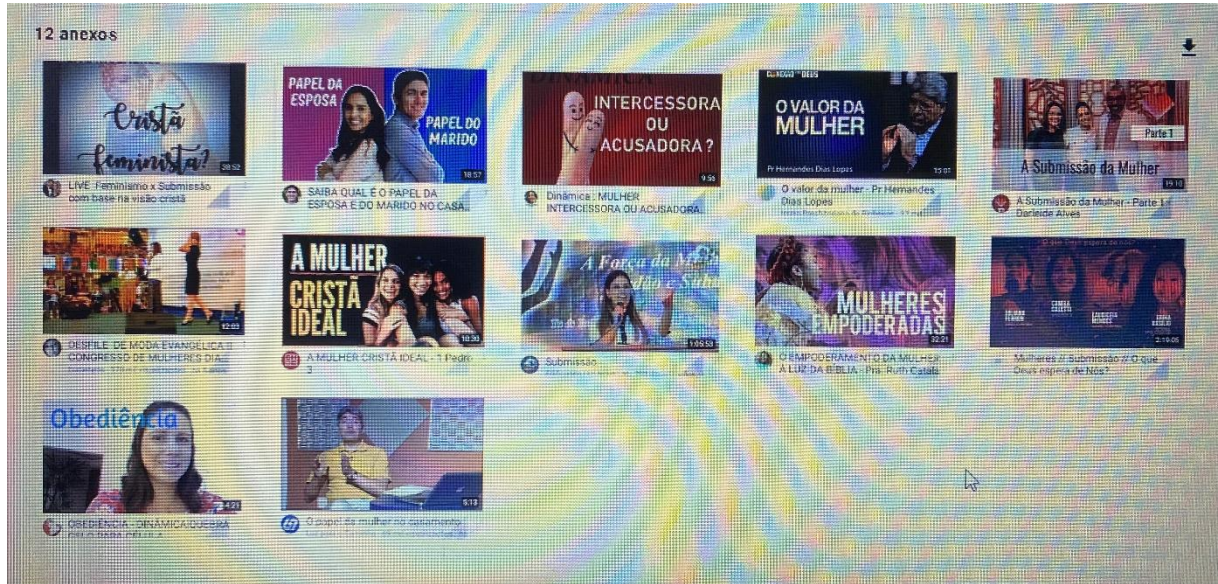
THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Editora Vozes Limitada, 2011.

TONET, Ivo. **“Qual política social para qual emancipação”**. In: *Revista SER Social*, Brasília, v. 17, n. 37, p. 279-295, jul.-dez./2015



ANEXO 1

TOTAL DE VÍDEOS ACESSADOS NA PLATAFORMA YOUTUBE



12 anexos

A grid of 12 video thumbnails related to the topic of submission. Each thumbnail includes a title, a small image of the speaker, and a duration. The titles are: 'O SIGNIFICADO DE SUBMISSÃO NO RELACIONAMENTO MARIDO E MULHER', 'Mulher - o que significa submissão', 'MULHER SUBMISSA? como?', 'Pílulas para Elas: "Submissão... a necessidade dos homens"', 'OU VOCÊ É CRISTÃ OU VOCÊ É FEMINISTA', 'Aprendendo a Submissão - Helena Tansure III (Gond. de Mulheres P3)', 'O que é Submissão Feminina na Bíblia?', 'MULHER SUBMISSA? DIRETO DO ORIGINAL', 'O que Deus espera ao dizer: "Seja submissa a Cristo, como a igreja"', 'A SUBMISSÃO DA MULHER', 'DINÂMICA DO ALFABETO DA MULHER VITROSÓFOS (SPEE)', and 'O que Deus fala sobre a mulher rixosa?'.

12 anexos

A grid of 12 video thumbnails related to feminism and submission. Each thumbnail includes a title, a small image of the speaker, and a duration. The titles are: 'A mulher deve respeitar o seu marido - Pr. Ana Paula Valadão', 'IDENTIDADE - Val Gonçalves', '7 SEGREDOS PARA AGRADAR SEU MARIDO', 'Pregação para MULHERES', 'Feminismo + Cristianismo', 'Damas do que mulher deve ser obediente ao homem no casamento?', 'A mulher submissa e a não submissa resqente de Eter nos 1', 'LIBERDADE E SUBMISSÃO - Pregação da Igreja de Deus - IGD', 'O BENEFÍCIO DA OBEDIÊNCIA - Helena Tansure - Novembro 2018', 'DTUP - O papel da mulher cristã no casamento', 'Como a Bíblia Preconiza para casar, muito da para casar?', and 'NUNCA É TARDE - O que a Bíblia fala sobre o casamento?'.

7 anexos

A grid of 7 video thumbnails related to submission and marriage. Each thumbnail includes a title, a small image of the speaker, and a duration. The titles are: 'Toda mulher de Deus, casada', 'QUEM MANDOU PARAR? OBEEDIÊNCIA - DINÂMICA QUEBRA CELO CELULAS #43', 'II CONGRESSO DE MULHERES DIANTE DO TRONO MOÇA PRAIA', 'Violência: dor e sofrimento disfarçados de submissão', 'Casamento - Quais os planos de Deus sobre liderança e submissão?', and 'CAMILA BARROS'.